REVISTA DA SEMANA

N. 34 — 21-8-54 — Cr$ 5,00 em [illegible] o Brasil



AS MAIS BELAS DA ITÁLIA

GRANDE HOTEL PRATA



Entre as riquíssimas fontes hidrominerais de que é fértil o Brasil, as AGUAS DA PRATA são de resultados surpreendentes nas moléstias do estômago, dos intestinos, bexiga, rins, fígado e aparelho biliar e de poderoso auxílio no tratamento da gôta.

Estância de maravilhosa beleza agreste e pitoresca, situada a 818 metros acima do nível do mar, de clima ameno em tôdas as estações do ano, AGUAS DO PRATA oferece aos seus aqüistas recantos e passeios encantadores, tais como os de "Piscina do Boi", "Cascatinha dos Amôres", "Fonte Antiga", "Fazenda das Carpas", "Fazenda Retiro", "Fonte do Paiol", **"Fonte Vilela"**, "Pedra Balão" e muitas outras de riqueza paisagística sem igual. A natureza juntou a mão do homem outros atrativos e comodidades, capazes de satisfazer o mais exigente aqüista. Fonte Vilela — poderosa água radioativa com 89 matchs de radioatividade, para a cura das moléstias dos rins.



O mais bem montado da Estância, com 55 apartamentos e 55 quartos confortàvelmente mobiliados e telefone em todos os aposentos, está situado a dois passos das principais fontes de água mineral e responde a todos os requisitos modernos. Para divertimento e comodidade de seus hóspedes dispõe de Salão para crianças, para chá e jogos; ótimo salão de Estar e para Festas; Cinema modernamente instalado; Bilhar e Snooker; Barbearia e Manicure.



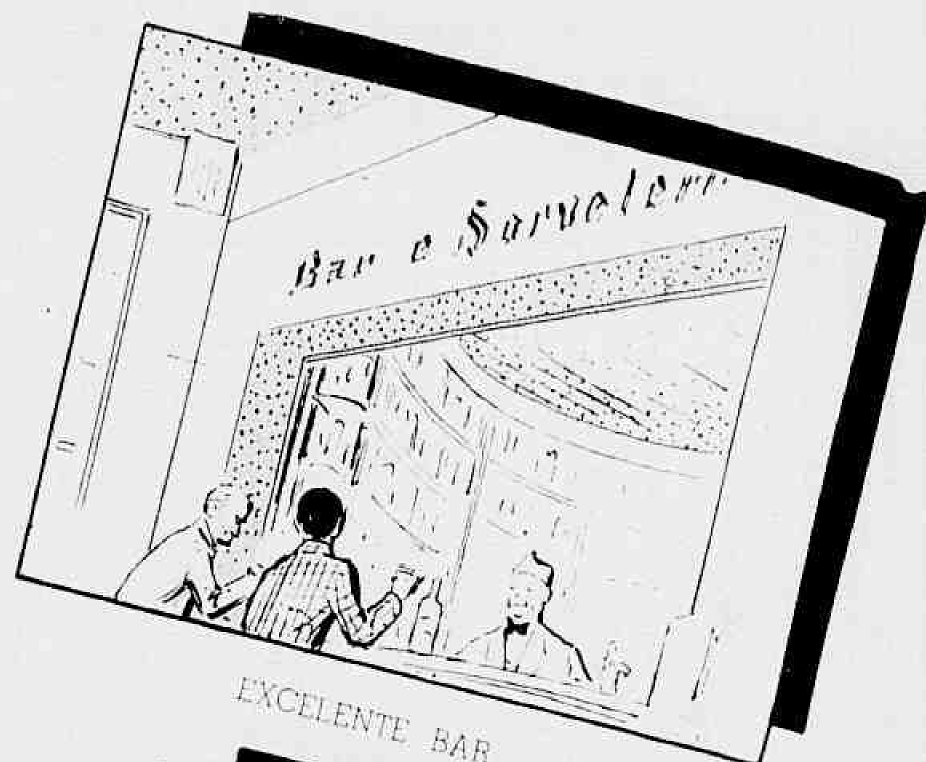
COZINHA DE 1ª ORDEM e REGIMENS DIETÉTICOS



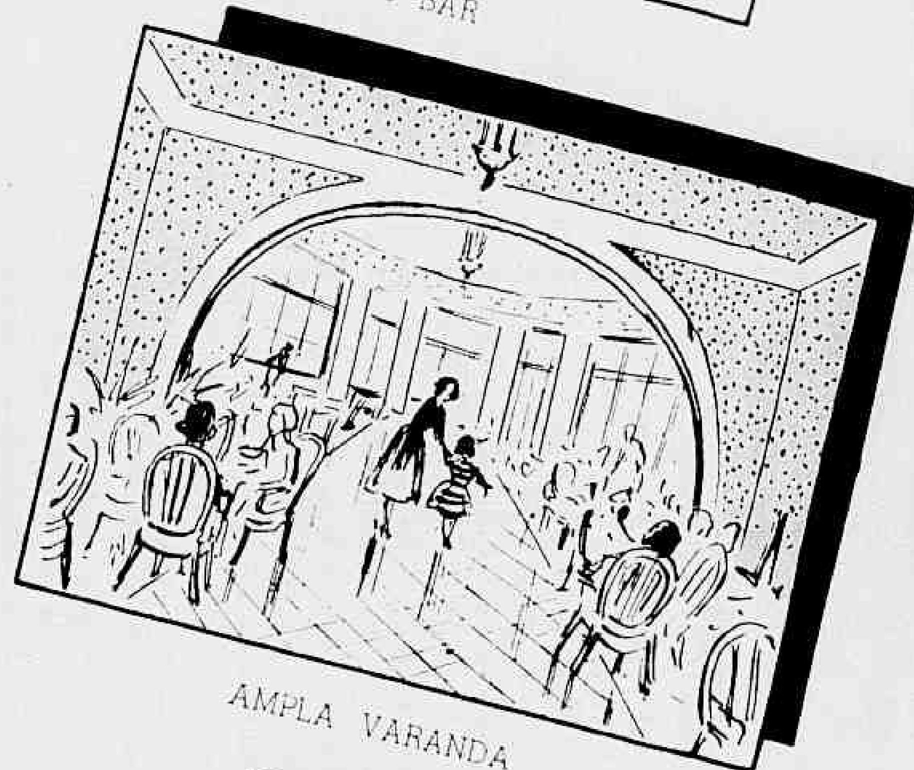
RESERVA DE APOSENTOS

Pelas Emprêsas de Turismo ou diretamente para o GRANDE HOTEL PRATA, Aguas da Prata, Estado de São Paulo por carta, telegrama ou pelos telefones 20, 4 e 29. Aguas da Prata é servida pelas magníficas emprêsas de ônibus EXPRESSO BRASILEIRO VIAÇÃO LTDA. e VIAÇÃO COMETA S. A.

DESCONTO ESPECIAL DURANTE OS MESES DE MAIO A DEZEMBRO



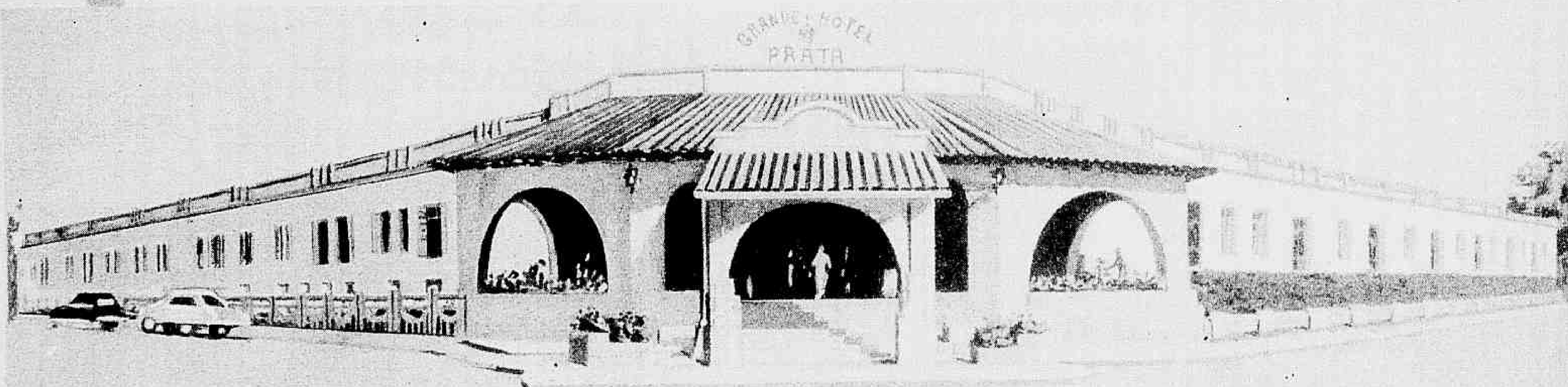
EXCELENTE BAR



AMPLA VARANDA



SALÃO DE REFEIÇÕES

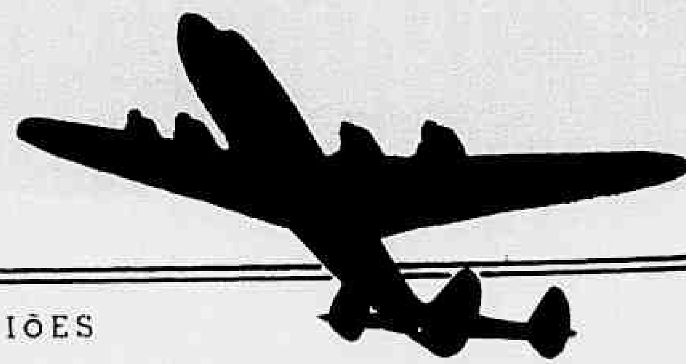




ÁGUAS DA PRATA

(ESTADO DE SÃO PAULO)

"A VICHY BRASILEIRA"



AVIÕES

★ Rio de Janeiro para Poços de Caldas — via São Paulo

★ Rio de Janeiro para Poços de Caldas — via B. Horizonte

(do aeroporto a Aguas da Prata em 30 minutos de automóvel)

REVISTA DA SEMANA

ANO LI — Nº 34 RIO DE JANEIRO 21/8/1954

SUMÁRIO

REPORTAGENS
Dez dias que abalaram Vargas........ 4/ 7
Revolta na reunião do Clube da Aeronáutica........ 8/ 9
As mais belas da Itália........ 12/15
Ehrenburg: um pouco de Paris e um pouco de Moscou........ 16/17
Fernanda Villamayor nos intervalos........ 20/21
Associação dos cantores do Nordeste........ 36/38
Carros esporte invadem Hollywood........ 40/42
Justiça na Guatemala........ 46/48
O povo chorou no entêrro do major Vaz 52/54
O fracasso do «Brucutu» afogou a revolta em gargalhadas........ 55/57

ROMANCE
Maria........ 30/31

HUMORISMO
O riso dos outros........ 28/29
Cuco........ 59

SEÇÕES
Puxe pelo cérebro........ 10
Página dezenove........ 19
Show........ 22
Por êsse mundo de Deus........ 24/25
Plantão noturno........ 26/27
Femininas........ 32/35
Literatura........ 39
Palavras cruzadas........ 42
Flash carioca........ 43
Semana astrológica........ 44
Teatro-Música........ 45
Flash paulista........ 49
Champanhota........ 51
Último flash........ 58

CAPA
FRANKA PARISI — uma das mulheres mais belas da Itália, numa foto de **Baron**

Redator-chefe........ Joel Silveira
Paginação........ Victor Tapajós

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933. — Propriedade da
COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA
Diretor........ Gratuliano Brito
Redator........ Renato de Alencar
Desenho........ Alberto Lima
Assistente de Publicidade. J. M. Costa Júnior
Redatores e corretores........ S. L. Guimarães, A. Mendes, S. Santana e A. Nóbrega

ENDERÊÇO E TELEFONES
Rua Visconde de Maranguape, 15
Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

REPRESENTANTES
Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires. Tem agentes em tôdas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO
Sucursal: Av. Ipiranga, 879 - 3º andar, conjunto 35. — Telefone: 35-0351.
Distribuição: A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS
Porte simples — Um ano.. Cr$ 250,00
Seis meses........ Cr$ 125,00
Registrada — Um ano.... Cr$ 280,00
Seis meses........ Cr$ 140,00

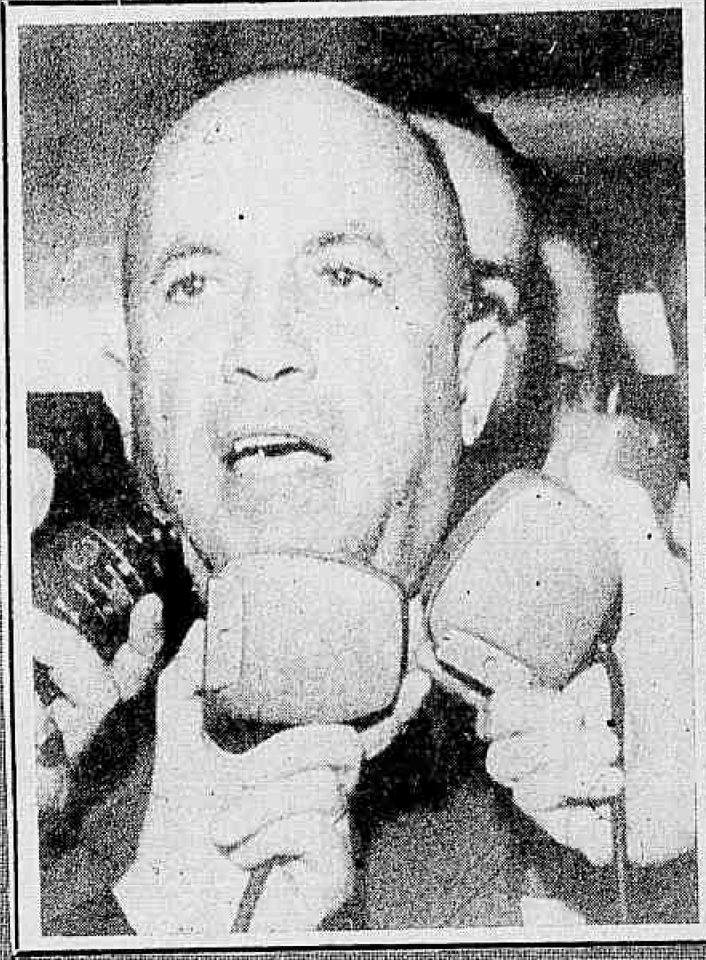
ASSINATURA PARA O EXTERIOR
Registrada — Um ano.... Cr$ 400,00
Seis meses........ Cr$ 200,00

O número avulso custa Cr$ 5,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 6,00.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores. Êste número tem 60 páginas.



PÁG. 4 GETÚLIO: Não domina mais os acontecimentos.



PÁG. 7 Coronel PAULO TÔRRES: Tarefa pior que a guerra.

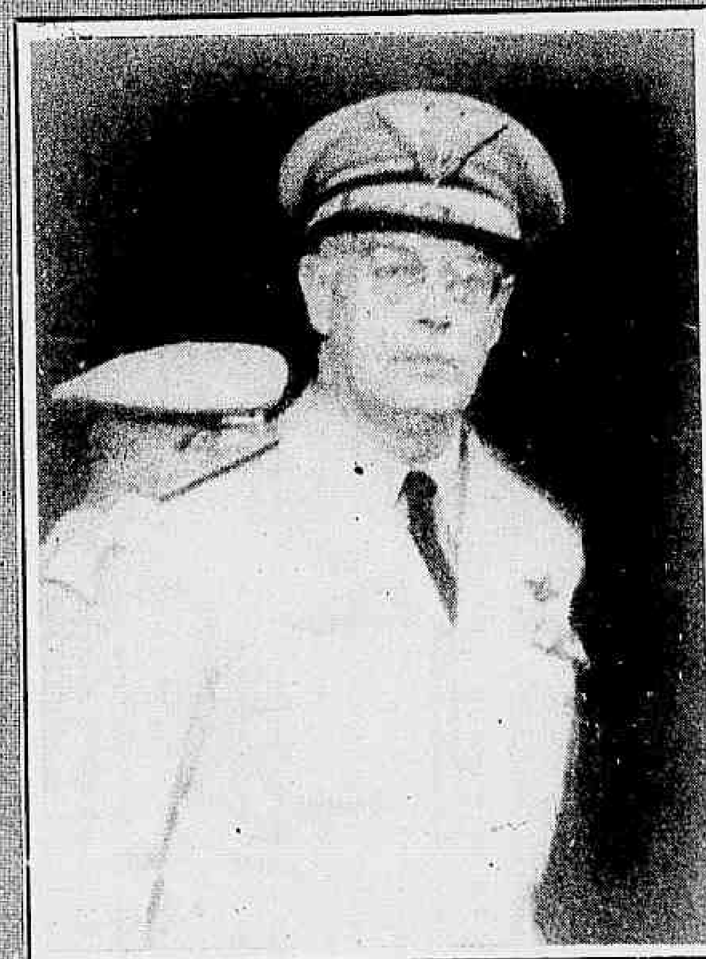
O Brasil e o regime vivem horas dramáticas e perigosas

● **Prezado leitor:**

A semana que passou foi, talvez, a de características mais dramáticas vividas pelo país nos últimos dez anos. A indignação pelo frio assassinato do major Vaz tomou conta do povo brasileiro como uma fogueira cívica incapaz de ser extinta apenas com paliativos e promessas. O Brasil está vivendo horas decisivas: o Brasil e, particularmente, o regime democrático.

E a sua Revista, em face dos acontecimentos, tem feito o possível para dar sôbre os mesmos uma «cobertura» completa e objetiva.

A redação.

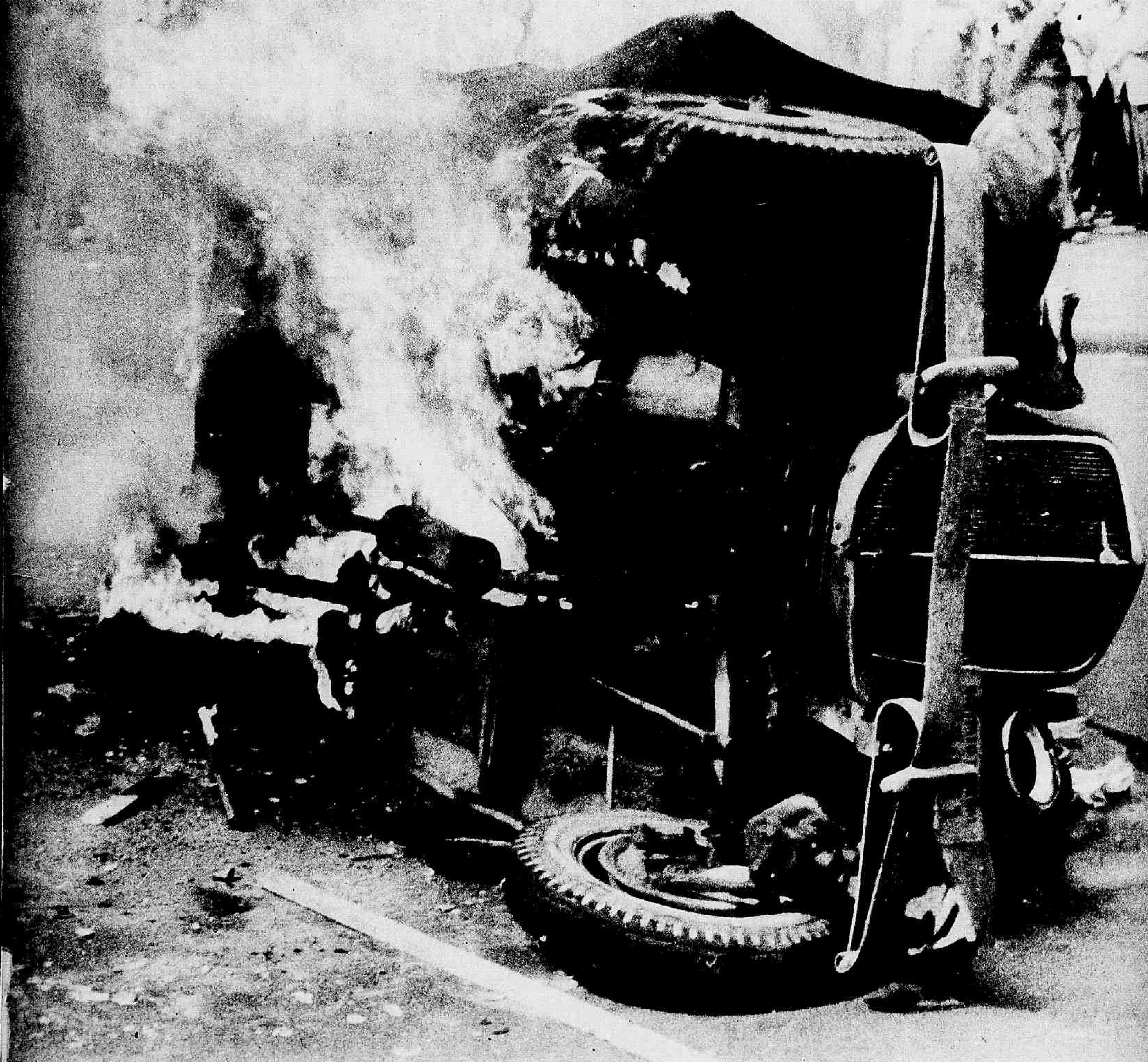


PÁG. 9 BRIGADEIRO: Dono absoluto da situação.



PÁG. 52 Major RUBENS VAZ: Sua morte não ficará impune.

Quando os disturbios começaram, logo após o final da missa pela alma do major Vaz, parecia que a revolta ia generalizar-se e que a cidade inteira dela participaria. Mas o bom senso de muitos conseguiu trazer o povo de volta à ordem, e, além do automóvel incendiado, felizmente não houve danos maiores que se lamentasse.



DEZ DIAS QUE ABALARAM

O govêrno salvo (no último "round") pelo Brigadeiro

AGINDO COM FIRMEZA E EQUILÍBRIO, EDUARDO GOMES EVITOU QUE GETÚLIO TOMASSE NOVAMENTE O CAMINHO DE ITU ★ MAS TUDO PODE AINDA VIR ABAIXO SE NÃO SE PUNEM OS AUTORES E RESPONSÁVEIS PELA MORTE DO MAJOR RUBENS VAZ

Reportagem (esta e as seguintes) de FRANCISCO RIBEIRO e CARLOS ALBERTO TENÓRIO VIEIRA e «TRIBUNA» DA IMPRENSA». Fotos de ALBERTO FERREIRA LIMA, ARNALDO

UM esbirro da Presidência da República, comensal do Catete, e recebendo pela verba secreta da Polícia, foi o primeiro criminoso identificado, entre os assassinos da rua Toneleros.

Denunciado pelo motorista Nelson Raimundo que o conduzira para a tocaia da madrugada sinistra, a identidade do criminoso fôra revelada pelo próprio Raimundo, no Quartel da Polícia Militar (na presença do brigadeiro Eduardo Gomes, do ministro da Justiça, do coronel-aviador encarregado do inquérito e demais autoridades). E ficou-se sabendo que o criminoso era Climério Euribes de Almeida, assassino profissional e homem da intimidade do sr. Lutero Vargas. Bexigoso, espadaúdo, antigo peão dos Vargas em fazendas do sul — Climério está sendo caçado como um dos matadores do major Vaz e autor principal da tentativa contra o jornalista Carlos Lacerda.

QUEM É CLIMÉRIO

Climério está a serviço de Getúlio Vargas há muito e sempre fêz parte de sua guarda pessoal. Afirma-se mais que êle é afilhado de Lutero Vargas e compadre do tenente Gregório. Entrou para a polícia em 1941, sendo, um ano depois, designado para os serviços especiais de segurança do Palácio do Catete, onde ficou até 29 de outubro de 45 quando, com a queda do ditador e extinta a Guarda Pessoal, seguiu para Itu com Vargas e Gregório. Voltou em 1950, reassumindo suas antigas funções.

Climério veio para o Rio em 1938, fazendo parte de um grupo de capangas. Foi criado em Santos Reis e nasceu na fronteira com a Argentina. Tem afirmado conhecer muito bem tanto a Argentina como o Paraguai, países em que sempre afirmou iria morar quando terminasse o advento dos Vargas, e num dos quais se acredita esteja agora escondido.

Exercia intensa atividade de contrabandista de objetos fabricados na Argentina, vendendo sêdas, «lingeries», casacos de pele, aqui no Rio.

Há cinco anos assassinou o sogro. E há pouco tempo tentou matar um «bicheiro» que se recusara a pagar-lhe quantia superior à que havia ganho num jôgo. Tem um filho, (Adão) de 15 anos, que está implicado no assassínio de uma velha, ocorrido na chácara Santo Antônio, situado nas proximidades do sítio de Climério.

Climério é proprietário de 11 lotes de terras na Estrada de São Bento, em Belfort Roxo, e possui uma olaria em S. Paulo, para aonde viaja semanalmente. Seu número de investigador é 944 e sua carteira funcional tem o número 763. Em 1942 integrou a capaganda (com João Prates e Waldemiro Nascimento) que sequestrou e esbordoou o jornalista Hélio Sodré. Ao regressar, diàriamente, do Palácio do Catete para sua residência à rua Sucupira 32, viajava num automóvel com chapa do Catete.

Acredita-se que Climério não deixou o Rio, após o atentado. Poderia tê-lo feito sòmente sexta-feira ou sábado. No dia do crime, Climério foi visto em sua residência às nove e meia da noite de quinta-feira, depois do crime, portanto. Na manhã de sexta-feira, sua família não mais foi vista na casa. Desapareceram todos, inclusive a empregada, deixando abandonado um cachorro. Sábado pela manhã, sua mulher foi vista na rua Cachambi, 36, perto do Méier, procurando um bicheiro que devia 600 cruzeiros a Climério. O bicheiro não foi encontrado e a família de Climério (seu filho Adão de 15 anos e sua mulher loura Eurides) deparaceu sem deixar vestígio.

MOEDEIRO FALSO TAMBÉM?

As autoridades da Aeronáutica anunciaram que em deligência efetuada particularmente numa casa suspeita freqüentada por Climério, foi encontrada quantidade tão grande em notas falsas de mil cruzeiros, que uma camionete re-



VARGAS

Dez dias...

quisitada para transportar o dinheiro não conseguiu em uma só viagem fazer a arrecadação. Esta casa seria na Barra da Tijuca, pertencente a um tal Teixeira (também proprietário de um bar fronteiriço à casa) que cedia sua residência todos os sábados a Lutero, Roberto Acioly e Climério para os seus «week-ends».

RONDA DOS FATÔS

Após dias de intensa espectativa, o país aefrontou-se com uma situação de tremenda insegurança e os acontecimentos sucedem-se com espantosa rapidez.

1) Os oficiais da Aeronáutica determinados a não deixar o crime impune, empreenderam diligências, por conta própria, e funcionaram junto à Polícia, fiscalizando suas diligências.

2) Com a perigosa marcha dos acontecimentos, Getúlio demite o chefe de Polícia, general Morais Âncora.

3) Imediatamente nomeia para o pôsto o coronel Paulo Tôrres, homem de absoluta confiança do ministro Zenóbio da Costa.

4) Cria-se entre a oficialidade de Aeronáutica um clima propício à demissão do ministro Nero Moura.

5) Getúlio, para contornar a situação insinua que nomearia Zenóbio para ocupar as pastas conjuntas da Aeronáutica e Guerra, se a demissão de Nero Moura fôsse imposta.

6) Reúne-se o Clube de Aeronáutica e o ministro da Guerra coloca as tropas de prontidão.

7) Com a descoberta da identidade de um dos criminosos (Climério de Almeida), elemento da Guarda Pessoal do Presidente da República, Getúlio manda dissolvê-la, acreditando muita gente que o gesto do Presidente da República objetiva muito mais as dificuldades que a dispersão dos 200 capangas determinaria, que pròpriamente seu interêsse em que o crime fôsse apurado.

8) Oficiais-generais da Aeronáutica e o Alto Comando das Fôrças de Terra reúnem-se e firmam uma posição. Sem rebeldia nem submissão a Vargas; apenas de espectativa.

9) Lacerda sai pela madrugada de 2ª feira e comparece à Polícia Militar para identificar entre os 47 membros da Guarda Pessoal, postados à sua frente, quais dêles teria também participado do atentado. Dois dêles assemelham-se aos que o jornalista viu na rua Toneleros. O mais apontado dêles é Claudionor: côr de cêra e estatura média.

10) Circulam insistemente notícias de que três pedidos urgentes de passaporte, com ordem de Lutero chegaram ao Itamarati. Mas o Itamarati desmente a notícia.

REÚNEM-SE OS BRIGADEIROS

No dia 8 de agôsto, 21 brigadeiros e dois coronéis reuniram-se, sigilosamente, sob a presidência do ministro Nero Moura, no Ministério de Aeronáutica. Iniciada às 11 horas sòmente duas horas depois encerravam-se as discussões, logo depois consubstanciadas em nota oficial que foi distribuída à imprensa e pela qual reafirmavam os oficiais-generais ali reunidos a decisão de manter sua confiança nos poderes públicos, esperando que tudo seria feito para «evitar que os culpados se possam valer de qualquer privilégio para eximir-se à punição da Justiça».

A inclinação dos brigadeiros é para prestigiar os majores em sua tentativa de localizar e punir os culpados morais e materiais do atentado.

Comentou-se na reunião dos brigadeiros que fôra solicitada a convocação do coronel Clóvis Costa, da Casa Militar da Presidência da República e envolvido num outro atentado a Carlos Lacerda. Não se confirmou, contudo, a presença do coronel e nem os brigadeiros ouvidos fizeram qualquer declaração a respeito.

ALTO COMANDO REUNIDO

Além do Clube de Aeronáutica (que marcou reunião para o dia 9) e do Clube Naval (que se cingiu à apresentar condolências à família do major Vaz, mandar rezar missa por sua alma e fazer-se representar em seu entêrro), estiveram reunidos os oficiais superiores do Exército, integrantes do Alto Comando das Fôrças de Terra, sob a presidência do general Zenóbio da Costa. Estiveram reunidos os generais Canrobert Pereira da Costa, Álvaro Fiúza de Castro, Ângelo Mendes de Morais, Odílio Denys e Olímpio Falconiéri, além do general Segadas Viana, que secretariou os trabalhos.



Na foto ao alto: Climério Eurides de Almeida, um dos elementos da extinta Guarda Pessoal de Vargas e que está sendo apontado como um dos criminosos. Na foto ao centro êle aparece.



em Itu, na companhia do então «exilado» Getúlio Vargas. Em baixo, o outro procurado pela polícia: José Antônio Soares, também suspeito.



Apesar do sigilo de que se cercou a reunião, informa-se que a decisão final hipotecava solidariedade ao sr. Getúlio Vargas e não permitiria perturbação da ordem. Entretanto o general Canrobert Pereira da Costa teria defendido o ponto de vista que «a reunião do Alto Comando das Fôrças de Terra não se tratava de um motivo de solidariedade ou não ao Govêrno e sim teve por objetivo assentar as medidas de providências que se impõem para, traduzindo os sentimentos do Exército, dirremir a crise suscitada pelos últimos acontecimentos».

O SEGUNDO PISTOLEIRO

Exatamente no dia em que esta reportagem era escrita anunciaram os jornais que o segundo assassino fôra identificado. Trata-se de José Antônio Soares, que, na segunda-feira, dia 8, desaparecera de sua casa, em Cascadura, depois da visita que recebera do sub-chefe da Guarda Pessoal do sr. Getúlio Vargas, o policial Valente.

Acredita-se que Soares teria sido o pistoleiro que atravessou a rua Toneleros e atirou sôbre Carlos Lacerda e o major Rubens Vaz.

Soares que permanecera em sua residência (à rua Padre Nóbrega 911, casa 29, em Cascadura) desde o dia do atentado, desapareceu após a visita que Valente lhe fêz, por volta das 16 horas do dia 8. Logo após essa visita houve grande reboliço na casa, quando Antônio Saores saiu depois de receber um embrulho de sua amante Nelly Gama, que também desapareceu, durante a noite do mesmo dia.

A identificação e suspeita que foi levantada sôbre a pessoa de Soares vem das ligações que possui com Climério. Eram compadres e algumas pessoas ouvidas pela polícia afirmaram que os dois eram vistos constantemente juntos. Embora Soares fôsse funcionário da Central do Brasil era utilizado (segundo denúncias) para certos «serviços especiais» quando os homens da guarda pessoal não podiam aparecer. E suas características físicas coincidem com as descritas de um dos homens que teria promovido a fuzilaria.

Soares estava sendo processado pelo assassínio de um homem, na Pavuna, em feveiro dêste ano. E o processo foi abafado por ordem do Catete. E o escrivão que tomou os depoimentos foi espancado por capangas, empresados por Climério, e, em seguida, transferido para Barra do Piraí.

Quando a polícia procurou Antônio Soares em sua residência, efetuou uma diligência que resultou no surpreendente achado de uma partida de notas falsas superior a 300 mil cruzeiros.

O terceiro (suspeito) no atentado é o policial Fred, elemento da Guarda Pessoal da Presidência da República e controlador do jôgo de baralho e roleta que funciona na Embaixada do Sossêgo, edifício São Borja, em plena Avenida Rio Branco. Fred é destacado no serviço de «cobertura» do deputado Lutero Vargas. Às 11 horas da noite da quarta-feira que antecedeu o crime (aos 45 minutos do dia seguinte) Fred foi visto jogando em Copacabana. Pouco depois foi procurado por um indivíduo e saíram ambos, esclarecendo Fred que se preparava para um serviço importante, daí retirar-se do jôgo inesperadamente.

A prisão de Climério Eurides de Almeida é esperada para qualquer momento. Apenas a do homem que andou pela rua e comprimiu o gatilho para desfechar as balas assassinas. O mandatário, o gatilheiro moral, o tímido, o cômodo ou enojado assassino, o covarde, o mandante que por vocação quer o crime mas aborrece de andar à noite pela rua e matar e depois correr — dêste, quase todos desesperam ver a prisão.

Ninguém está autorizado, contudo, mesmo excepcionalmente, a fazer previsões. Até porque a confecção dêste número de revista seja por um tempo insuficiente para encontrar o país na tranqüilidade constitucional.

CINCO HOMENS NA TEMPESTADE

ZENÓBIO, O HOMEM FORTE



● Ninguém tem mais dúvida de que se não fôra o braço forte do general Zenóbio da Costa e a presente crise teria talvez culminado com a renúncia ou deposição de Vargas. Soube o ministro da Guerra, logo nos primeiros instantes, assenhorear-se de posições chaves (como a chefia de Polícia) e, com suas veementes declarações («os criminosos serão punidos de qualquer maneira») impor confiança ao povo e às classes armadas. Getúlio ainda é, nominalmente, o presidente da República. Mas quem o sustenta é o general Zenóbio da Costa. Sua fôrça, contudo, tem uma ajuda muito forte: o apoio decisivo do brigadeiro Eduardo Gomes.



GREGÓRIO, O HOMEM FRACO

● O «tenente» Gregório Fortunato foi, dos que participam da «entourage» do Catete, o mais atingido. Teve dissolvida a sua façanhuda legião de «anjinhos»; e voltou, êle próprio, à pacata condição de «camareiro privado do Palácio», que é como aparece na fôlha de pagamento da Presidência da República. Dizem que, no auge da crise, quando Vargas dissolveu, num rompante, sua Guarda Pessoal, alguém lhe sugerira formar outra, mais sã e limpa. Resposta de Vargas: «Não preciso mais de guardas. Estou velho. Podem atentar contra mim».

Inquirido na Polícia Militar (quartel da rua S. Clemente), Gregório Fortunato contradiz-se, ficou nervoso, quase complica o general Caiado de Castro e teve um comêço de desmaio. Seu depoimento adiantou pouco para o esclarecimento do crime. (No instantâneo acima, Gregório aparece depondo no Quartel da P. Militar).

NERO MOURA EM "PANNE"



● Repercutiu da pior maneira possível a declaração do ministro Nero Moura de que o major Rubens Vaz morrera «não como oficial da Aeronáutica, mas como amigo do jornalista Lacerda». Sua posição, após essa exdrúxula afirmação, ficou de tal maneira comprometida que os jornais chegaram a anunciar a sua demissão. O próprio Vargas, ao que se afirma, ter-se-ia mostrado descontente com a intervenção do seu ministro. Nero Moura, contudo, embora sofrendo os perigos de uma delicada «panne», continua no ar. Mas o seu prestígio como comandante da Aeronáutica diminuiu muito e sua autoridade foi dràsticamente anulada pela autoridade do brigadeiro Eduardo Gomes. Prendendo dois oficiais, acusados de indisciplina, Nero Moura procura fortalecer-se.

LUTERO, O INDIGITADO



● Até o último momento, todos os rumos das sindicâncias em tôrno do atentado que vitimou o major Vaz levaram a um só indigitado: Lutero Vargas. Mas o fato é que 24 horas após o crime, o filho do presidente deu entrevista ao «Última Hora» repelindo enfàticamente tais suspeitas. «Sempre mantive o ponto de vista de que, enquanto meu pai fôsse Presidente, a vida de Carlos Lacerda devia ser preservada», afirmou o primogênito. Mas só o desenrolar dos acontecimentos, com a revelação da verdade, poderá dizer se Lutero é ou não o culpado. Se êle fôsse o mandante, a situação do seu pai se tornaria insustentável. Esta, de resto, a opinião do Alto Comando, que já determinou a renúncia de Vargas caso alguém de sua família esteja envolvido no crime.

TANCREDO NEVES, O ANGUSTIADO



● O ministro da Justiça conta que estava dormindo quando lhe telefonou uma voz aflita: «O Carlos Lacerda foi baleado no pé». «Ainda bem que foi no pé. Podia ser pior», respondeu S. Excia. Mas a voz aflita concluiu: «Houve pior, Excia. O tiroteio atingiu e matou um major da Aeronáutica». O ministro arregalou os olhos, alisou o quarto de hemisfério da calva: «Senti-me como se tivesse caído do 24º andar». E foi assim, nesse ar tonto de quem tivesse levado violenta porretada, que êle passou a andar de um canto para outro, a bater na porta de todos e a todos afirmar a decisão do govêrno de apurar os fatos. Mas, como sempre, o ministro da Justiça acabou sendo relegado a um plano inferior. Zenóbio da Costa já havia tomado conta de tudo e controlado a situação

A autoridade de Eduardo Gomes conseguiu levar a melhor

Não fôra a intervenção segura e sensata do Brigadeiro e a crise teria atingido proporções graves

A reunião do dia 10, no Clube da Aeronáutica, foi uma sucessão de protestos indignados, por parte dos oficiais, contra o govêrno e contra a morosidade da polícia nas diligências visando encontrar os criminosos. Houve discursos inflamados, como se verá pelas transcrições abaixo; e até um oficial-general, o brigadeiro Godofredo Franco de Faria (êle seria detido no dia seguinte, de ordem do ministro Nero Moura) não teve dúvidas em endereçar palavras duras aos órgãos constitucionais da República, não só o Executivo, mas também o Legislativo e o Judiciário. Os seus próprios colegas de grau, generais e brigadeiros, não foram perdoados. Não fôra a intervenção autoritária e sensata de Eduardo Gomes, e possìvelmente a reunião do Clube da Aeronáutica teria descambado fulminantemente para um ato de indisciplina coletiva cujas conseqüências seria impossível de prever.

INTERVENÇÃO DO BRIGADEIRO

Foram estas, textualmente, as palavras do brigadeiro Godofredo Franco Faria:

«A situação do Brasil é tristíssima: o Executivo é o proprietário do país, o Legislativo vive de cócoras para o Executivo e o Judiciário vive a se omitir. E fica o Govêrno a cometer desmandos, usando a fôrça física do Estado. Êsses desmandos cada vez mais se repetem. E por que se repetem? Simplesmente porque nós, os generais, não cumprimos com o nosso dever. Tenho dito.»

A declaração provocou aplausos prolongados.

Logo em seguida, o brigadeiro Eduardo Gomes se levantou, pediu licença à mesa e, microfone em punho, afirmou:

«Quero fazer um reparo às palavras do brigadeiro Godofredo: os generais cumprem com o seu dever. Cumprir o dever não é cometer indisciplina. Os generais cumprem o seu dever.»

O MAJOR ATACA O GOVÊRNO

Outro orador cujas palavras veementes emocionaram seus companheiros: as do major Jarbas Gonçalves Passarinho, do Exército:

«Falo dêste microfone, em meu nome pessoal. Não posso falar em nome do Exército. Aliás, a êste respeito, quero avisar aos informantes do sr. ministro da Guerra que estou aqui falando nesta condição. Na última assembléia dêste Clube, falei também em meu nome pessoal e foram comunicar ao sr. Ministro que eu havia falado em nome do Exército. (O discurso do major Passarinho, o primeiro, foi dos mais violentos contra o Govêrno pelo atentado em que morreu seu colega, major Vaz). Mas, a minha posição, de simples cidadão, não me impede de exigir justiça para êsse crime. A única solução para que êsse episódio de sangue não tenha desfecho muito desagradável é se fazer justiça, doa a quem doa, esteja quem estiver envolvido, contanto que os criminosos, mandados ou mandantes sejam punidos.»

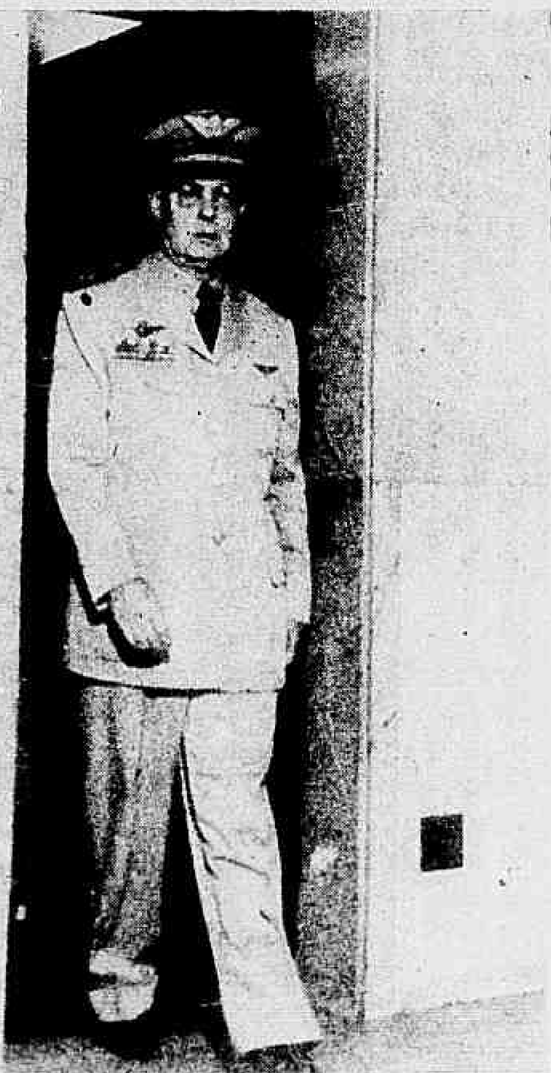
DIVISOR ENTRE O BEM E O MAL

Palavras de indignação foram proferidas pelo cel.-aviador José Vaz da Silva que ocupou o microfone, em seguida ao comandante Hélio Leandro Martins. O cel. José Vaz da Silva recebeu os mais entusiásticos aplausos de tôda a assembléia. Principalmente, quando disse:

«O major Vaz simboliza divisor entre o roubo, a corrupção, o crime, de um lado; a dignidade, a honra, a decência e o coração, do outro. Não prego a revolução mas, é preciso deixar bem claro: não se mata cascável com banana. Estamos aqui a tentar revestir-nos de serenidade quando a realidade é muito grave. Nesse caso do nosso querido major Vaz, é só tomar um bonde, saltar no palácio do Catete: lá estão os criminosos. Não prego a revolução nem indisciplina. Lembremos de que 29 de outubro, 7 de setembro, 15 de novembro, também foram indisciplinas sublimes para o Brasil e 14 de julho também foi indisciplina para a França.»

O cel. José Vaz da Silva pediu uma salva de palmas para o brigadeiro Eduardo Gomes, «como o verdadeiro chefe da FAB».

REVOLTA E PALAVRAS DURAS







Os mais veementes discursos (e o mais veemente dêles foi o do brigadeiro Godofredo Franco Faria) se sucederam na reunião do Clube da Aeronáutica. E a indignação dos oficiais aviadores teria conseqüências as mais sérias se a disciplina não fôsse magnificamente man-



A intervenção de Eduardo Gomes, na reunião do Clube da Aeronáutica, foi decisiva: a sua palavra equilibrada e forte robusteceu a disciplina e se impôs como um fator de confiança.



O coronel José Ubirajara Cesário Alvim foi dos mais veementes nas acusações ao govêrno. Discursando na reunião, êle pediu a prisão preventiva de Lutero Vargas, a quem acusou de mandante do crime.

NO CLUBE DA AERONÁUTICA



tida. No flagrante, os brigadeiros chegando para a reunião. Reunidos no dia seguinte com os



seus colegas do Alto Comando do Exército e da Marinha, decidiram que garantiriam a ordem.

APÊLO AO BRIGADEIRO

Na conclusão de seu improviso, o cel. Vaz dirigiu o seguinte apêlo ao brigadeiro Eduardo Gomes:

«Reviva os seus 20 anos, assuma a responsabilidade de líder, nem que essa responsabilidade signifique mais alguns litros de sangue; assuma a responsabilidade de mais alguns cadáveres para se juntarem ao corpo de Vaz, ampliando o divisor que êle simboliza afastando-nos, ainda mais, do pantanal.»

NECESSIDADE DE DISCIPLINA

Também o brigadeiro Eduardo Gomes usou da palavra. Seu discurso, curto, mas incisivo, bateu na mesma tecla: a necessidade de a oficialidade da Aeronáutica manter-se rigorosamente dentro da disciplina, acatando rigorosamente as determinações dos seus comandantes superiores, todos êles interessados em não deixar, de forma nenhuma, os matadores do major Vaz inpunes. Suas palavras, equilibradas e firmes, foram ouvidas de pé por tôda a grande assistência (perto de dois mil oficiais) e a elas se seguiu uma demorada salva de palmas.



Adolescentes

Deixar a infância para trás, atingir a adolescência o mais ràpidamente possível é o clássico anseio das meninas, quando vão chegando a essa idade de transição, entre menina e moça.

Quadra agitada e complexa, em que um enxame de sonhos, projectos e inquietações povôa a mente das jovens, exaltando a sua tenra sensibilidade, o início da adolescência constitui, por isto mesmo, uma fase perigosa e decisiva na vida da mulher. Dêsse período de formação, durante o qual se operam importantes mudanças no organismo feminino, poderá depender a futura saúde e felicidade da moça—espôsa e mãe de amanhã. Com efeito, a época da puberdade, que liga a infância à juventude, é comparável a uma ponte de passagem difícil: para transpô-la em bôas condições a mocinha deve ser preparada física e psicològicamente. Cabe em especial às mães velar, com clarividência e carinho, por essa dupla preparação, indispensável a um desenvolvimento completo e harmonioso.

Tonificar o estado geral da adolescente, regularizar as funções útero-ovarianas que começam — e cujos desarranjos podem ter tão desfavorável repercussão no sistema nervoso — são as primeiras providências a tomar. Para isto *Regulador* **Gesteira** é o remédio indicado.

Excitações nervosas, desânimo, cansaço, falta de apetite, enjôos, dôres durante o período menstrual, regras escassas ou exageradas, todos êsses distúrbios, que frequentemente se verificam na época da puberdade, poderão ser tratados e até evitados com o uso do ***Regulador* Gesteira**.

A acção que o *Regulador* **Gesteira** exerce sôbre o organismo feminino é calmante, tônica e normalizadora da menstruação.

São, portanto, essas propriedades que fazem do *Regulador* **Gesteira** o excelente remédio, cujo renome atravessou as fronteiras de tantos países, onde a sua aplicação, hoje largamente difundida, tem produzido sempre ótimos resultados no tratamento das perturbações nervosas e outros males causados pelo mau funcionamento dos órgãos útero-ovarianos.

POMADA MINANCORA



PARA FERIDAS, ECZEMAS, INFLAMAÇÕES, COCEIRAS, FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.

NUNCA EXISTIU IGUAL

Puxe pelo Cérebro

NOSSA COLUNA DE TESTES

1—Qual o país que acusa o teor de maior mortalidade:
— **Índia?**
— **China?**
— **Suécia?**

2—Que quer dizer **Jorge:**
— **Jovem?**
— **Gordo?**
— **O que trabalha na terra?**

3—Porque Felipe II, da Espanha, se tornou Rei de Portugal:
— **Pela fôrça?**
— **Pela morte de D. Henrique?**
— **Pelo casamento com princesa lusitana?**

4—Quem foi Rodrigo de Freitas:
— **Senhor de engenho?**
— **Descobridor da lagoa do mesmo nome?**
— **Grande jurista brasileiro?**

5—A quem se deve o saneamento do Rio:
— **Osvaldo Cruz?**
— **Carlos Chagas?**
— **Teixeira de Freitas?**

6—Quantos portuguêses há no Distrito Federal:
— **Uns 60 mil?**
— **Mais de 200 mil?**
— **Cêrca de 100 mil?**

7—Que vem a ser demissível **ad nutum:**
— **Com prazo marcado?**
— **Mediante consulta judiciária?**
— **Sem qualquer formalidade?**

8—Serzedelo Correia foi:
— **Herói da Independência Nacional?**
— **Prefeito do Rio?**
— **Construtor do pôrto do Rio?**

9—Qual a Constituição Brasileira que aboliu as bandeiras estaduais:
— **A de 1891?**
— **A de 1946?**
— **A de 1937?**

10—Qual o país que mais produz diamantes:
— **África do Sul?**
— **Brasil?**
— **URSS?**

11—Qual a cidade do mundo que tem o maior número de automóveis relativamente à sua população:
— **Nova York?**
— **Los Angeles?**
— **Recife?**

12—Antes de haver a bússola, como se guiavam os navegadores:
— **Pela Estrêla Polar?**
— **Pela direção dos ventos?**
— **Pela posição do sol?**

13—De quantos quilômetros por hora é o movimento de rotação da Terra:
— **1.600?**
— **850?**
— **3.100?**

14—Quantos litros de sangue passam pelo coração, em cada hora:
— **105?**
— **200?**
— **400?**

15—A palavra **micróbio** vem do:
— **Árabe?**
— **Grego?**
— **Latim?**

CLASSIFICAÇÃO: — Resposta 0: estado primitivo — homem-macaco; de 1 a 3: cultura inferior — selvagem; de 4 a 6: cultura média — estudante ginasial; de 7 a 11: cultura superior — universitário; de 12 a 14: um sábio; tôdas as 15: um gênio em pessoa.

NOSSA COLUNA DE TESTES (respostas)

1 — China. * 2 — O que trabalha na terra. * 3 — Pela morte de D. Henrique. * 4 — Senhor de engenho. * 5 — Osvaldo Cruz. * 6 — Mais de 200 mil. * 7 — Sem qualquer formalidade. * 8 — Prefeito do Rio. * 9 — A de 1937. * 10 — Africa do Sul. * 11 — Los Angeles. * 12 — Pela Estrêla Polar. * 13 — 1.600. * 14 — 400. * 15 — Grego.



Dr. Horácio Gonzalez, diretor-gerente da Companhia de Caixas Registradoras National S/A., quando agradecia a homenagem que lhe foi prestada.

O BRASIL EM PLENA FASE DE SUA EXPANSÃO INDUSTRIAL

JÁ nos habituamos, desde há algum tempo a esta parte, às notícias alvíçareiras, veiculadas, quase diàriamente, pela imprensa escrita e falada, sôbre novas indústrias que se instalam ou pretendem instalar-se em nosso país.

Os grupos industriais e financeiros, dêste e de outros Continentes, atraídos pelo vertiginoso desenvolvimento econômico do Brasil, procuram, naturalmente, assegurar-se de um lugar condigno, na marcha triunfal do progresso desta terra privilegiada, que a Providência pròdigamente dotou dos mais variados e abundantes recursos naturais.

Agora mesmo, a firma brasileira CAIXAS REGISTRADORAS NATIONAL S/A., representante da grande fábrica norte-americana de caixas registradoras, máquinas de contabilidade e de somar, THE NATIONAL CASH REGISTER CO., de Dayton, Ohio, acaba de ultimar as negociações com as autoridades competentes, para implantar em São Paulo, a primeira fábrica da América Latina, das universalmente famosas Registradoras «National».

Os instantâneos fotográficos que ilustram esta reportagem, foram tomados no Iate Club do Rio de Janeiro, por ocasião do lauto banquete que os funcionários da conceituada emprêsa, festejando o importante feito, organizaram em homenagem ao seu Diretor Gerente, Dr. Horácio Gonzalez Reimundis, autor e ardoroso defensor da idéia de inauguração da fase industrial da «National» no Brasil, no dia 6 do corrente.

Dêste banquete, participaram, além do homenageado, os convidados de honra, Da. Arminda Gonzalez Reimundis, veneranda progenitora do Dr. Gonzalez, e a irmã dêste, Sra. Alicita Marshall, e delegações da Matriz e de tôdas as Filiais da Companhia Brasileira, localizadas nas principais cidades do país. O Gerente Geral da The National Cash Register Co., para a América Latina, Sr. A. D. Chickering, lamentàvelmente, não pôde comparecer em virtude de estar retido por negócios importantes em Pôrto Rico, mas enviou uma expressiva mensagem.

Com o produto da contribuição de todos os seus colaboradores, desde o mais modesto ao mais graduado, foi oferecido, durante o ágape, ao Dr. Gonzalez, como lembrança perene do memorável acontecimento, um magnífico bronze do premiado escultor francês Eugene Marioton, acompanhado de artístico Album, contendo as assinaturas de todos os funcionários.

Segundo os informes que pudemos colhêr entre os auxiliares mais destacados, a solenidade que presenciávamos traduzia o irreprimível regozijo e profunda admiração de todos os componentes da Companhia, pelo feliz êxito das negociações, hàbilmente conduzidas pelo seu digno Chefe, tanto junto à Alta Administração da Fábrica de Dayton, como também junto às autoridades brasileiras.

O empreendimento implicava, como se pode imaginar, em vultosa inversão de capital e na transferência, para o Brasil, de considerável e sempre crescente parcela da produção norte-americana, e os acionistas, naturalmente, receavam que o nosso mercado não tivesse ainda atingido às condições ideais para justificar e compensar uma tão grande soma de sacrifícios. As objeções e obstáculos que, por vêzes, pareceram intransponíveis, não conseguiram, todavia, esmorecer as aspirações da Organização Brasileira, que o Dr. Gonzalez fazia reviver com redobrado ânimo a cada oportunidade que se lhe deparava. E, assim, a sua tenacidade conseguiu os primeiros adeptos da Fábrica Brasileira entre os Administradores de Dayton. As graves conseqüências dos cortes drásticos nas exportações dos Estados Unidos, impostas pela II Grande Guerra, e das restrições de tôda ordem sofridas pelo comércio de importação, durante os 8 anos que se lhe seguiram, precipitaram a decisão daqueles Administradores, que acabaram por dar ganho de causa ao Dr. Gonzelez.

A odisséia ainda não estava totalmente superada, pois uma espêssa muralha embargava os passos do ilustre administrador e economista, desafiando sua capacidade de resistência.

Desta vez, era a escassez de divisas que obrigava o Govêrno a uma política de extrema severidade.

Finalmente, as negociações, lá e cá, tiveram seu desfecho favorável; e, assim, brevemente, veremos sair da nova fábrica, as máquinas registradoras National, cem por cento brasileiras, para prosseguir em sua importante e nobre tarefa da proteção dos interêsses do laborioso comércio varejista e da valorização do trabalho dos empregados zelosos e eficientes.



Um aspecto geral da homenagem, que foi também uma bela festa de confraternização.

AS MAIS BELAS

BARON, famoso fotógrafo internacional de Londres e exclusivo de Greta Garbo por algum tempo, fotografa as mais belas mulheres italianas e explica como e por que as escolheu

ANNA LUCHESI é indubitàvelmente uma menina encantadora. Viajando no «jeep» do Príncipe Massimo, eu a encontrei passeando pelas ruas de Roma. Trajava um belo vestido vermelho e chamava bastante atenção. Não pude deixar de fotografá-la, já que era uma verdadeira bele-za romana, num fundo tipicamente romano. Note-se sua particular segurança diante do fotógrafo.

ROSSANNA VALDONI é um extraordinário tipo de italiana loura, com olhos azuis. Azuis profundos, diga-se de passagem. Tem 22 anos, fala correntemente o inglês e foi membro do Monkey





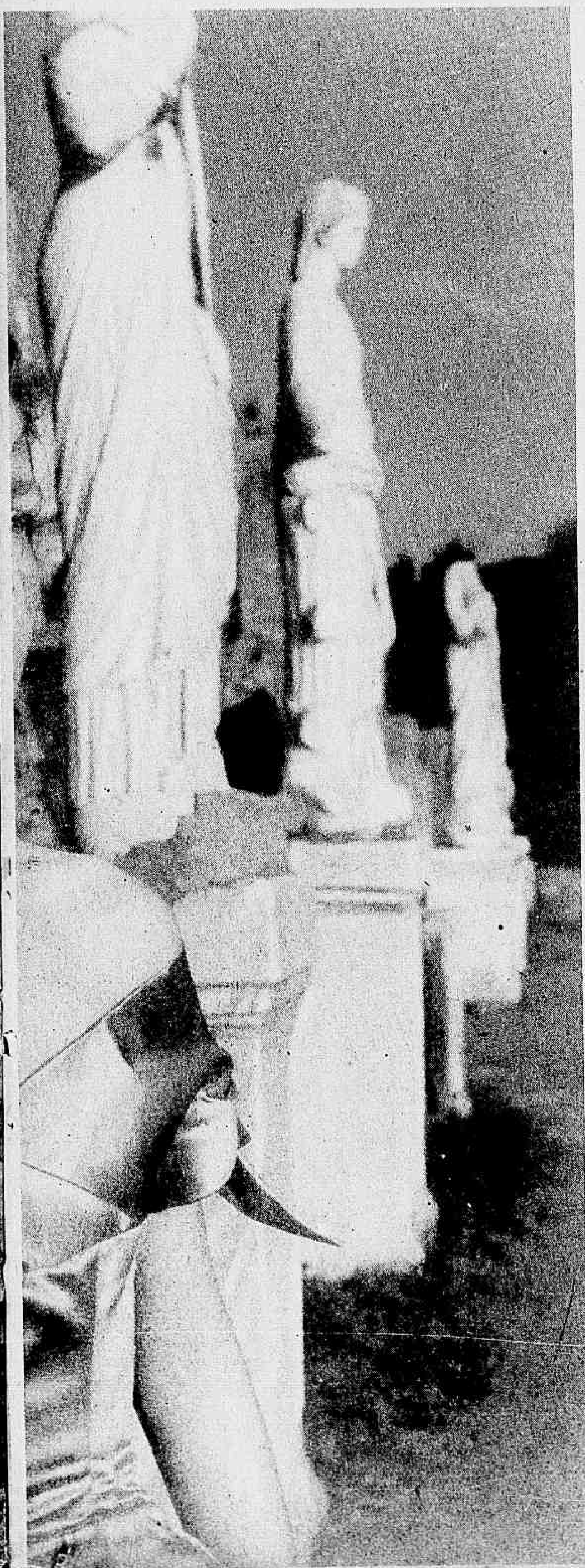
DA ITÁLIA



BARON: "A questão da beleza em Roma não é mais do que um delicioso passatempo. Fui àquela grande e nobre cidade de antiguidade pensando que ficaria atordoado com as beldades italianas, cujas curvas famosas e belos narizes romanos causariam um certo embaraço na minha seleção. Mas, de qualquer maneira, não foi tão fácil assim. Esperei pacientemente na Via Veneto, uma das mais movimentadas e elegantes ruas de Roma, e após uma procura vã, não vi uma só beleza digna dêsse nome. Recorri à ajuda de Madame Antonelli, famosa figurinista que veste a gente mais grãfina da cidade para que me indicasse alguns nomes, ao mesmo tempo que o príncipe Vittorio Massimo e sua espôsa Down Adams serviram de meus assistentes nesse trabalho. Juntos, iniciamos a caminhada em busca da beleza, e o nosso trabalho foi coroado de êxito, pois consegui selecionar dentre as belas, "as mais belas da Itália."

Clube da Inglaterra por muitos anos. Com sua irmã Marina, forma uma das duplas mais populares de Roma. Ao fundo vemos o Forum Romano, realçando ainda mais sua beleza.

ANNA MARIA FERRERO já pertence ao cinema e o público do mundo inteiro está cansado de admirá-la e aplaudi-la. Alguns consideram-na mesmo uma das maiores belezas do mundo. Sua face é extraordinária, pois além de autêntica beleza denota inteligência e senso para representações dramáticas. Como «back-ground» para sua beleza, Baron escolheu o Monte Janicoto.





EM ROMA A BELEZA CLÁSSICA TEM



Vittorio Massimo e Down Adams, recém-casados, foram os anfitriões e assistentes do fotógrafo Baron na realização desta reportagem. Vittorio e espôsa formam um casal típico da Itália.

RESISTIDO TANTO QUANTO AS RUÍNAS



AS MAIS BELAS... (Conclusão)







FRANKA PARISI preferiu fotografar trabalhando, o que atesta sua vocação. É a mais tropical das belezas italianas, cheia de curvas estonteantes e possui belos olhos castanhos.

PRINCESA MELAGRO COLONNA, sangue aristocrático integrando a equipe da beleza italiana. Seu palácio se ergue no centro de Roma. Foi fotografada no Palácio Colonna.

CONDESSA GIOVANELLA CERIANO, como Franka Parisi, é uma típica beleza italiana. Por trás dela se acha o velho Senado Romano. Giovanella é uma das mais lindas da Itália.





MARINA BERTI fêz muita sensação como escrava do filme «Quo Vadis», e foi descoberta por acaso. Não há dúvida que é uma menina encantadora e completa perfeitamente minha lista das belezas italianas. Ao fundo, vemos o majestoso Coliseum, servindo de fundo à beleza de Marina.

MARCHESA LUISA THEODOLE é casada com um produtor de filmes e possui uma das mais encantadoras casas modernas de Roma. E' tipicamente uma autêntica beleza italiana que encerra brilhantemente esta lista. Por trás dela, se vocês tiverem uma folga, podem ver a famosa Via Appia.

EHREMBURG: UM POUCO DE PARIS E MUITO DE MOSCOU

A viagem, terrivelmente longa, deixou a celebridade amarfanhada. Moscou, Estocolmo, Paris, Rio: quando Ehremburg desceu no Galeão, àquela meia-noite tropicalmente cálida, trazia nas vestes e na fisionomia a marca do longo intinerário. Os 63 anos do famoso escritor pesavam visìvelmente sôbre um corpo comprido e desajeitado, e já enferrujaram por completo a cabeleira que, dura e grisalha hoje, deve ter sido abundante e negra noutros tempos distantes.

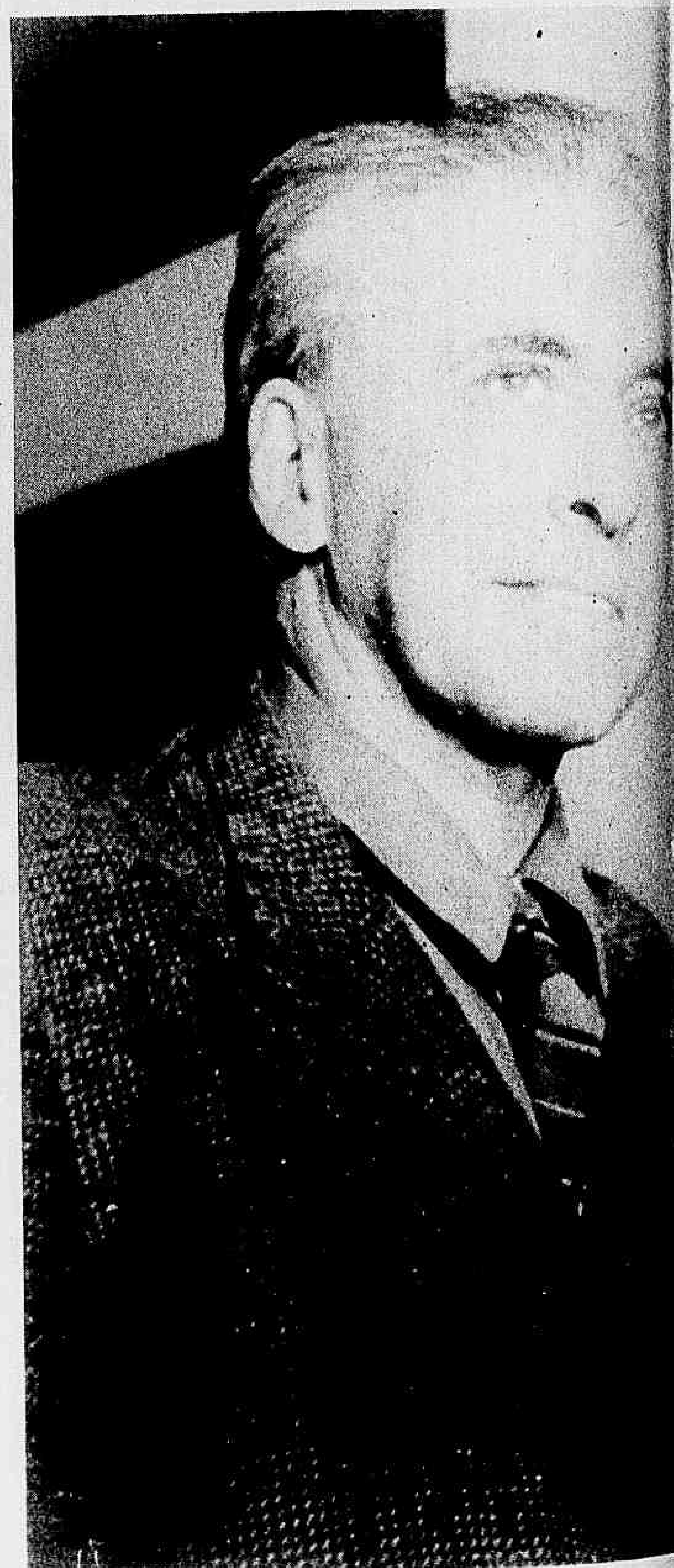
A demora no Rio foi pequena — apenas uma hora. Logo o «Constellation» da S.A.S. estaria novamente no ar, na direção de Santiago do Chile. E seria precisamente na capital chilena, marco final de sua comprida viagem, que Ehremburg, numa violenta disputa com as autoridades da polícia local, haveria de ter o seu primeiro contratempo na América Latina. Mas entre nós, gente lhana e desprendida, tudo correu da melhor maneira possível.

PARIS E MOSCOU

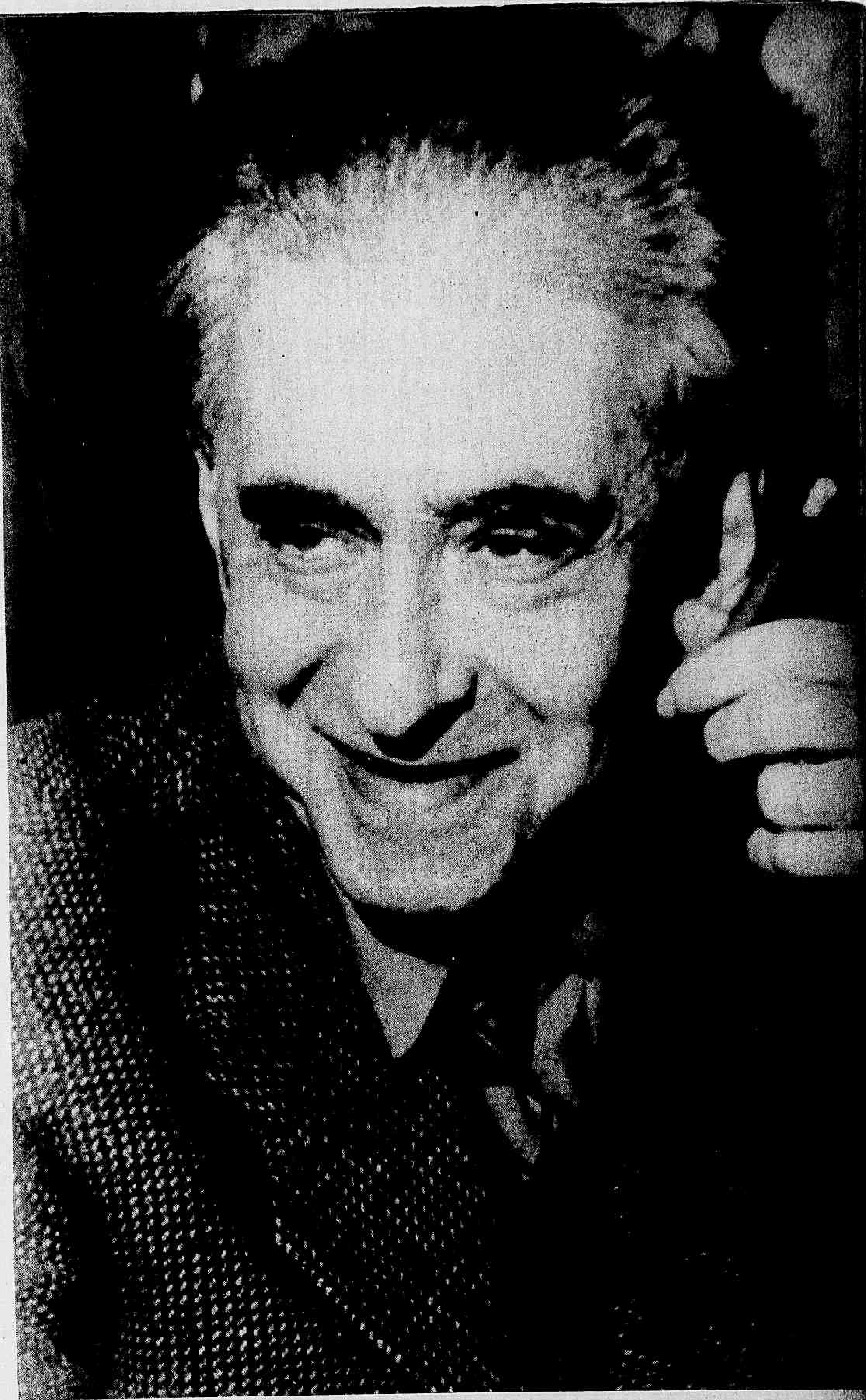
A polícia teria mandado seus olheiros ao Galeão, a verificar os que lá foram saudar o autor de «Júlio Jurenito»? Difícil dizer. Quando Ehremburg desceu do avião, se viu logo rodeado por uma pequena multidão, da qual a maior parte era constituída de jornalistas e de membros, ostensivos ou ocultos, do Partido Comunista. E entre os primeiros vale destacar a presença do senador Abel Chermont, que pajeou o visitante durante os sessenta minutos de Galeão e foi mesmo quem serviu de intérprete entre Ehremburg e a imprensa. De resto, adjutório quase indispensável, pois o escritor soviético fala um francês fácil e escândido, a denunciar o seu longo aprendizado parisiense. Diga-se, mais, que o seu todo, apesar dos esforços, levados ao extremo, de adaptar-se ao mundo moscovita, ainda denuncia muito a presença do «boulevardier», do membro, que êle foi, ativo e sempre citado, da boêmia intelectual que espairecia, logo após a primeira guerra mundial, os seus rancores e amarguras pelos cafés da Rive Gauche.

Mas o fato é que daquele Ilya Ehremburg já não existe muito, a não ser êsses indeléveis traços exteriores. O escritor é, hoje, um homem





O famoso escritor soviético foi ao Chile (onde o receberam mal) e pretende, na volta, ficar uns dias entre nós ★ O homem «blasé» não tem mêdo de perguntas, e diz que entre êle e o Partido tudo corre muito bem.



devidamente enquadrado no mundo russo, rezando, obedientemente, pela cartilha de Moscou.

PING-PONG BILÍNGÜE

Foi uma entrevista rápida. Parece que a imprensa não tinha muito o que perguntar. E Ehremburg, amarrotado pela viagem, respondia aos pedaços, entre bocejos e baforadas do seu cigarro fino. De qualquer maneira estabeleceu-se uma espécie de «ping-pong» entre os moços dos jornais e o escritor. Vamos tentar reconstitui-lo:

— O senhor vai até aonde?

— Até o Chile.

— Fazer o quê?



Três instantâneos de Ilya Ehremburg quando de sua passagem pelo Galeão. (No instantâneo do centro êle aparece ao lado de sua senhora). Cercado pelos jornalistas. Ehremburg respondeu a algumas perguntas fêz que não entendeu outras e teve um sorriso complacente para tudo e todos.

— Entregar um prêmio literário ao poeta Pablo Neruda. E fazer uma conferência a convite da Universidade de Santiago.

— E depois?

— Buenos Aires e, possivelmente, o Rio. Gostaria de ficar aqui alguns dias. Lá de cima, do avião, achei a iluminação do Rio uma coisa maravilhosa.

— Qual a sua opinião a respeito da recente manifestação da «Gazeta Literária» de Moscou, contra o seu último livro?

— Já respondi, na própria «Gazeta», as críticas em questão. Donde fica provado que há liberdade de crítica e de imprensa na Rússia.

— Que acha da literatura brasileira?

— Conhecemos pouca coisa dela. De qualquer maneira, Jorge Amado é um grande escritor.

Um repórter faz uma pergunta transcendental:

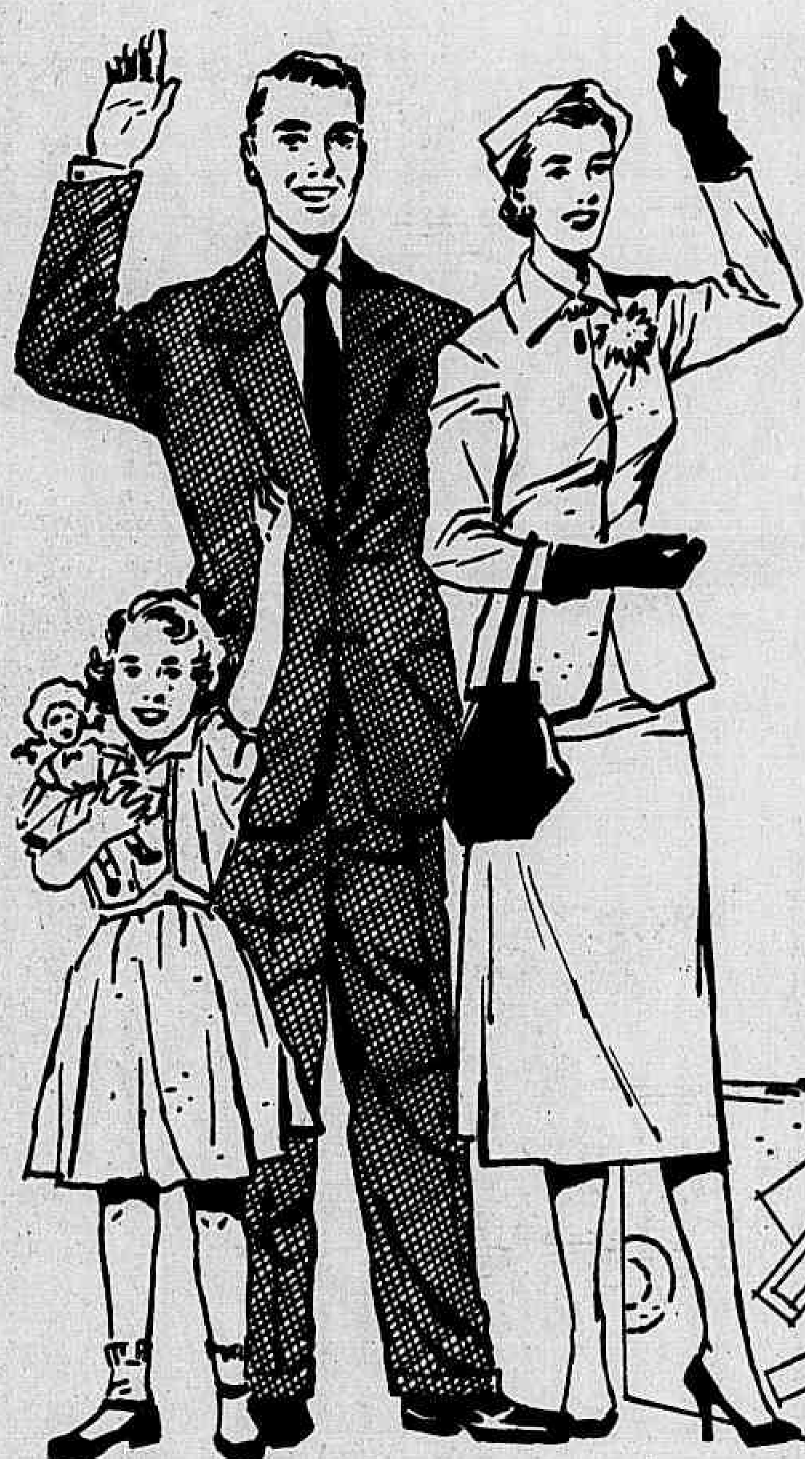
— Um bom escritor deve ser sempre um homem de esquerda?

— Um bom escritor deve ser sempre um homem.

E nada mais êle respondeu, porque nada mais lhe foi perguntado. Houve em seguida café (negro e amargo) com biscoitos; e uma mão gentil se estendeu do meio do grupo, e entregou à senhora Ehremburg um gracioso estôjo de celofane dentro do qual se espreguiçavam, melancòlicamente, três orquídeas brasileiras.

às sùas ordens...

bôas viagens pelo habitual "conforto aéreo" da "Nacional"!



Sim; o senhor, a sua familia, os seus amigos, a qualquer momento e em muitas cidades brasileiras poderão desfrutar da confortável e fácil maneira de viajar pelos aviões da NACIONAL TRANSPORTES AÉREOS.

Aos que viajam em férias, o vôo agradavel sôbre panoramas encantadores é o excelente início de uma temporada às repousantes estâncias balneárias do Estado de Minas Gerais ou às pitorescas cidade do Norte do País. Se a viagem tiver carater comercial, o passageiro pode então dispôr de horas de sobra para os seus negócios, tal a pontualidade dos aviões e a assiduidade das viagens da NACIONAL TRANSPORTES AÉREOS.

ESTADO DE MINAS GERAIS:
Alfenas
Almenara
Araçuaí
Araguarí
Araxá
Belo Horizonte
Bocaiúva
Cambuquira
Companha
Caratinga
Caxambú
Diamantina
Governador Valadares
Guaxupé
Ituiutaba
Januária
Jequitinhonha
Lavras
Machado
Monte Carmelo
Montes Claros
Passos
Patos
Patrocinio
Pedra Azul
Pirapora
Piumhi
Poços de Caldas
Salinas
São Lourenço
Teofilo Otoni
Três Corações
Uberaba
Uberlândia
Varginha.

ESTADO DE MATO GROSSO:
Bela Vista
Cáceres
Campo Grande
Corumbá
Herculânea
Nortinópolis
Cuiabá
Dourados
Guiratinga
Ponta Porã
Poxoréu
Tres Lagôas

ESTADO DE GOIÁS:
Anapolis
Aragarças
Balisa
Buriti Alegre
Caiaponia
Goiania
Itumbiára
Ipameri
Iporá
Jataí
Mineiros
Morrinhos
Pires do Rio
Rio Verde

ESTADO DA BAHIA:
Barra
Barreiras
Conquista
Ilhéus
Itabuna
Lapa
Remanso
Salvador
Xique Xique

ESTADO DE SÃO PAULO:
Barretos
Campinas
São Paulo

ESTADO DE PERNAMBUCO
Recife
Petrolina

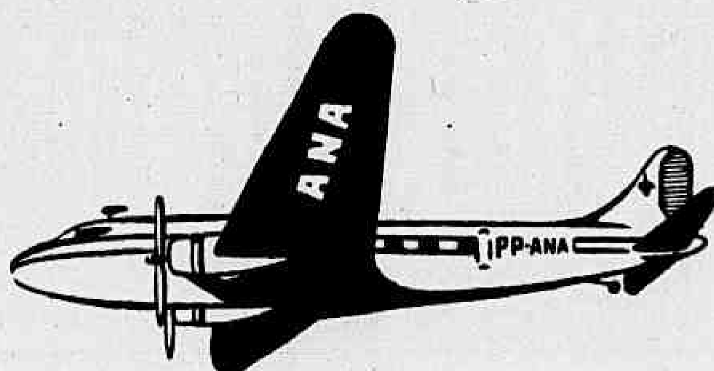
ESTADO DE ALAGÔAS:
Maceió

ESTADO DE SERGIPE:
Aracujú

ESTADO DO ESPIRITO SANTO
Vitória

LINHA INTERNACIONAL
PARAGUAY
Assunção

NACIONAL



TRANSPORTES AÉREOS

RIO DE JANEIRO
Rua Santa Luzia, 685-B - Tel. 32-7399



O LADRÃO DE MANDIOCA

ROGACIANO LEITE

Desenho de **Gipson**

NA sêca de 32 o velho Claudino desceu do sertão em busca de refrigério na Zona da Mata. Levou seu filho José, herdeiro direto de sua bondade. Após uma penosa caminhada chegaram a um Engenho onde o crime era a lei vigente. Pediram pouso e trabalho. O senhor feudal mediu-os com um olhar dos pés à cabeça e perguntou se eram pau para tôda obra. Julgando tratar-se apenas de trabalho, os dois pacatos retirantes responderam que sim. No dia seguinte entraram na luta da moagem e já no fim do mês mandavam alguma coisa para a família. Tudo corria bem e com perspectivas melhores. Um dia o «coronel» chamou Claudino e lhe disse:

— Caboclo, você garantiu que é pau para tôda obra. Hoje é que vou saber. Escute bem: eu tenho uma plantação de mandioca naquela serra que você está vendo. Há vários dias um ladrão sem-vergonha vem roubando cargas e mais cargas de raízes em ponto de desmanchar. E você é quem vai fazer o «serviço» nesse atrevido. Está aqui um bacamarte que nunca mentiu fogo. À meia-noite em ponto você se esconde no meio da roça e segura o tiro. E veja bem: se errar a pontaria eu entupirei sua bôca com seis balas de revólver.

A medula de Claudino virou um tutano de gêlo. Como executar a tarefa sinistra, se êle jamais transgredira o 5º Mandamento? Sentiu antecipar-se o polvo do remorso com tentáculos de fogo em sua consciência. Chamou José e cientificou-o da ordem que recebera. O rapaz tremeu:

— Nunca, meu pai! É melhor fugirmos daqui, em paz com Deus.

— Se fugirmos o «coronel» mandará nos matar antes de passarmos os limites de suas terras. Já me disseram que dêste engenho trabalhador só foge para o outro mundo — ponderou o velho.

José mordeu os lábios. Seu pai suspirou abafado e olhou para o Céu: «Meu Deus! Eu nunca derramei sangue de ninguém! Por que não me livrais de praticar êsse crime?...»

Escoava-se o tempo e era preciso decidir. José recobrou ânimo e falou: «Nesse caso, meu pai, não será o senhor que matará o ladrão; será o «coronel». O senhor será apenas um instrumento como o carrasco o é, a mando da lei».

Claudino pensou o que seria feito de sua mulher e de seus filhos se o senhor-de-engenho o matasse. E decidiu-se a cumprir a ordem.

Nessa noite a Lua caprichou em brancura. Bacamarte ao ombro, o velho sertanejo caminhou em direção da serra. Os passos de José lhe antecipavam o tropel que êle iria ouvir para o resto da vida — com a vítima o seguindo sempre.

Os galos ainda não haviam cantado. O luar mostrou a Claudino o local onde o ladrão agia. Com José a seu lado, o velho se escondeu numa moita e aguardou. Não tardou que o ladrão pulasse a cêrca, deixando do lado de fora dois cavalos de carga. Claudino viu o vulto se aproximar e, enfiando o bacamarte por entre as fôlhas, correu o ôlho na pontaria. Os raios da Lua, sôbre o cano da arma, lhe serviram de luneta para enquadrar o alvo. Puxou o gatilho e viu um homem tombar.

Duas horas depois o «coronel» elogiava a pontaria certeira de Claudino. E, de peito lavado, ordenou que dois outros cabras fôssem buscar o morto para queimá-lo na fornalha do Engenho. O sol saía quando o cadáver chegava. «Deixem-me ver quem era êsse cachorro», disse o «coronel». Era o seu filho cleptomaníaco!








FERNANDA VILLAMAYOR NOS

UMA RAQUETE ARGENTINA ENFRENTA UMA RAQUETE BRASILEIRA TODOS OS SAQUES E CORTADAS REBATIDOS COM EXTREMA HABILIDADE, SEM NENHUMA BOLA NA RÊDE.

Ping — Quantas vêzes você foi prêsa?

Pong — 35, pero me escapé 36.

Ping — Onde você preferiria estar: no palco ou na platéia?

Pong — Na platéia, assistindo Fernanda Villamayor.

Ping — Se alguém lhe assaltasse na rua, que v. entregaria?

Pong — Una sonrisa.

Ping — Se v. tivesse que posar para propaganda, que produto escolheria?

Pong — Tricomicina.

Ping — Como começaria uma carta de amor?

Pong — Mi adorado cretino!

Ping — Existe um tipo de "homem ideal"?

Pong — Si, inteligente.

Ping — Você se sente melhor de frente ou de perfil?

Pong — Haciendo um looping.

Ping — Prefere os vestidos justos ou folgados?

Pong — Shorts.

Ping — Que sensação sente quando a olham na rua?

Pong — Bicho en exposición.

Ping — Qual o ruído que mais gosta de ouvir?

Pong — El mar.

Ping — Onde prefere dormir?



★ PING PONG ★ PING PONG ★ PING-PONG ★ PING PONG

Texto de LEON ELIACHAR **Fotos de IVO ARNOUL**



Pong — Gene de Marco.

Ping — Acha que a Marilyn Monroe merece o cartaz que tem?

Pong — Si, como no?

Ping — Qual o galã com quem gostaria de contracenar?

Pong — Mr. Belvedere.

Ping — O amor é artigo de primeira necessidade?

Pong — Es una necessidad de primera.

Ping — Perdida no deserto, que v. preferiria encontrar primeiro: um pedaço de pão, um copo dágua ou um cigarro?

Pong — Un fotógrafo.

Ping — De quem v. gostaria de ser amiga?

Pong — Barba Azul.

Ping — Tem alergia a alguma coisa?

Pong — À estupidez.

Ping — Diga uma coisa gostosa.

Pong — Meeelll.

Ping — E uma horrível.

Pong — Responder perguntas.

Ping — Qual o traje que melhor assenta na mulher?

Pong — Hoja de parra.

Ping — Como gostaria de receber uma declaração de amor?

Pong — Con bonbones.

Ping — Faça uma pergunta.

Pong — Ya acabamos?

Ping — Teria coragem de matar alguém em legítima defesa?

Pong — En el pais del cadillac todo és possible.

Ping — Qual a maior defesa da mulher?

Pong — La inteligencia.

Ping — Em caso de haver um bombardeio, com quem gostaria de bater um papo no abrigo anti-aéreo?

Pong — Creo que solamente con Dios.

Ping — Assistindo a uma luta, por quem torceria: Gregory Peck ou Humphrey Bogart?

Pong — Greggy.

Ping — Depois do "show" vai logo para casa?

Pong — Porque no me sigue?

INTERVALOS

[illegible]

Pong — Donde no haya feria (feira, las 7 de la mañana.

Ping — Qual a melhor posição para ler jornal?

Pong — La de mi abuelo (avô).

Ping — Se estivesse no deserto e passasse um camelo, qual seria a sua reação?

Pong — Le pediria un refrigerante.

Ping — Qual o tipo de maiô que melhor lhe assenta?

Pong — Oh! que pregunta tonta!

Ping — Você canta no banheiro?

Pong — Quando hay agua.

Ping — Qual o físico feminino que v considera "o mais perfeito"?



★ SHOW ★ SHOW ★ SHOW ★ SHOW ★ SHOW ★ SHOW ★ SHOW ★ SHOW ★

NO PAÍS DOS CADILLACS

PAULO SOLEDADE

● Silveira Sampaio, êsse homem de sátira teatral, que o Rio tem conhecido através de vários flagrantes de vida quotidiana da cidade, apresentou-se na buate do Hotel Glória, com um espetáculo que vale mais pela sua originalidade que, pròpriamente, pela montagem. Não sendo um «show» rico, tem a fôrça dos assuntos nacionais, dosados pelo diretor, que soube aproveitar o Grupo Folclórico de Solano Trindade muito bem. Poupando trabalho (Silveira é do menor esfôrço), aproveitou o repertório daquele Grupo e construiu 50 minutos de espetáculo, que prendem pelo ritmo e boa solução de «mise-en-scène», coisa difícil de conseguir no «Beguin», que não oferece muitos recursos para «shows» dêste gênero. Diria que apenas o quadro «Candomblê» está demasiadamente longo, o que é fácil de corrigir. Que o refletor central deveria, nas apresentações dêste grupo, permanecer em verde ou azul até o final dos quadros, para não quebrar o ambiente místico criado. Que ainda há algum choque na luz, quando tôda a cena está sob uma luz suave e nos cantos os refletores laterais projetam luz rosa ou branca. Diria que é pouco gentil, para com Pernambuco, a sátira sôbre a sua alta sociedade. Que o «script» do professor da Sorbone poderia ter mais graça, no seu texto. Que a construção do espetáculo obedece à fórmula das legendas disfarçadas, ditas pelo professor e pela secretária Vera Regina (aliás muito interessante), e que esta é a maneira mais fácil de se construir um espetáculo de buate. Que a «Mulher Rendeira» já está muito gasta, no mundo todo, e que Catulo de Paula, estreando neste gênero, está bem no papel de Lampião. Que os cantores e cantoras do Grupo Folclórico são excelentes, podendo, especialmente as últimas, ser melhor aproveitadas. Que o quadro do Mutirão (lavagem do café) é bonito. Que Fernanda Villamayor é, por si, um «show» e que Silveira está de parabéns, porque, apesar dos senões aqui apresentados, o espetáculo agrada e é limpo, como tudo que êle sabe fazer.



Consuela Leandro — Vai ganhar uma placa do Clube da Ferradura. Continua no Follies. Se faz de feia por esperteza.



Angelita Matinez. Não foi no golpe da República. Continuará no show do Night and Day. Dizem que tem café no Paraná



Fernanda Villamayor — está no show do Beguin. Uma das bailarinas mais fotografadas dos últimos tempos. Pudera!

E O TURISMO?

● Foi alguém entendido em coisas da noite que me informou estar o «Casablanca» ameaçado de fechar, por haver sido considerada a praça da Praia Vermelha, praça de Guerra. Não é absolutamente necessário que nos vejamos privados de uma das nossas melhores casas de espetáculos musicados, por motivo de defesa nacional, quando a perspectiva de uma eventual guerra só venha a se processar numa época em que os métodos de ataque e defesa atuais estejam definitivamente superados pelo progresso do armamentismo, no mundo inteiro. Até lá, possìvelmente, os meios de entrada e saída da nossa Capital (a Praia Vermelha é perto da entrada da barra), estarão completamente abandonados. E talvez se brigue sem sair de casa, com contrôles através do rádio e outros segredos ainda não revelados pelos estados maiores. Assim, a arma que temos, mesmo, é uma bela cidade que abriga uns poucos turistas que se atrevem a desperdiçar o seu tempo aqui e outros poucos forasteiros que, por falta de maiores recursos, ou necessidade de resolver algum assunto, na sede do Govêrno Federal, contribuem com seus níqueis para aquêles que escolheram o difícil empate de capital que é levar adiante uma casa de diversões noturnas, nesta cidade adolescente. Temos criticado espetáculos do «Casablanca», com o sentido, apenas, de contribuir para a sua melhoria artística. Temos apontado erros do sr. Carlos Machado, na maneira de conduzir o seu negócio, para cuja subsistência êle não vê obstáculos, mas não podemos concordar no desaparecimento de uma das maiores casas de espetáculos da cidade, nem deixar de reconhecer, no sr. Carlos Machado, um grande realizador, e o quanto o Rio lhe deve, pelo que tem proporcionado de prazer a quantos têm a chance de conhecer os seus espetáculos.

DIVERSAS

● Carlos Machado proibiu seu bailarino de côr, Moacir, de se exibir no «show» do «Beguin». Isso foi à última hora, mas não chegou a trazer transtornos. Moacir se exibe no Teatro Jardel, e sua atuação no «Beguin», absolutamente, não poderia prejudicar os interêsses do diretor do «Casablanca». Por que, então? É contra êsses processos que nos manifestamos sempre.

● Recebemos um gentil convite do Clube da Ferradura. Lá estaremos para informar como transcorre aquela festa das 2as-feiras, no «Stud do Téo».

● Dizem que os «shows» montados estão tendo muita aceitação por parte dos diretores artísticos, devido a já estar os mesmos cansados de comprar nabos em sacos. As atrações estrangeiras que têm vindo decepcionaram totalmente e não há meio de se evitar que isso aconteça, pois são contratadas no escuro.

● Essa aconteceu, e ninguém acredita. Outro dia, uma pessoa do «Beguin», procurando justificar uma acusação que fizéramos ao acompanhamento do Serge Singer, nos disse que êle era obrigado a se acompanhar sòzinho, porque possui um registro de voz muito grave e seria necessário afinar o piano pelo seu diapasão, o que daria muito trabalho. DÓ, RÉ, MI, FA, SOL, LA, SI. Acontece cada coisa...

PORQUE NÃO GANHAM MAIS

● Êste ano não houve queixa. O Rio estêve, durante a temporada do «Sweepstake», com as suas casas cheias. Hotéis, buates, bares, restaurantes não tiveram mãos a medir para atender ao grande público que se dirigiu para a Capital, a fim de assistir ao Grande Prêmio. Mas os especialistas de buates ainda não entenderam o mecanismo da temporada. Naturalmente, depois de um espetáculo haver sido exibido durante algum tempo, digamos três meses, a freqüência deveria cair, pois grande parte do público da terra, depois de já haver assistido a êle, não volta com a mesma freqüência. Então, é quando chegam os forasteiros que ainda não tiveram oportunidade de vê-los e afluem para essas casas, levando muitas vêzes consigo, novamente, os amigos que, radicados aqui, não declinam da gentileza do convite. E o espetáculo é, automàticamente, pago pela maior duração em cartaz. Mas o que vem acontecendo é o contrário. Todo mundo se precipita a apresentar um espetáculo para o Grande Prêmio. Quase sempre não fica pronto a tempo (como o Copacabana) ou, então, fica em cima da hora, forçando, não raro, uma estréia precipitada («Beguin») e o proveito não sei qual possa ser, pois depois da temporada o Rio atravessa uma fase de descanso. Há uma pausa, nas despesas, já que os gastos do «Sweepstake» são grandes e nem todo mundo está em condições de manter o mesmo ritmo da grande estação. Fica essa tristeza enorme, e só aos poucos é que o Rio vai se recuperando. E os espetáculos estreados em cima da hora, já estarão pagos? Já obtiveram a compensação de sua montagem? Isso é deixar de ganhar, quando não perder na certa.

★ SHOW ★ SHOW ★ SHOW ★ SHOW ★ SHOW ★ SHOW ★ SHOW ★ SHOW ★



Ótima idéia!

também passei a fumar Hollywood!...

Cada vez mais pessoas estão mudando para

hollywood



uma tradição de bom gôsto

H-88.289

UM PRODUTO SOUZA CRUZ

Por êsse Mundo de Deus



O POETA FAZ CONFERÊNCIAS

Vinícius de Morais, o consagrado poeta brasileiro, atualmente servindo na Embaixada do Brasil em Paris, está pronunciando na Europa conferências sôbre a música popular brasileira. Vemo-la numa delas, em Bruxelas. O conjunto «Brasiliana» tem ilustrado essas conferências.



QUEREM CASÁ-LA COM BALDOUIN

Chama-se Alessandra Torlonia, é filha de don Alessandro Torlonia e da infanta de Espanha, Beatriz de Borgonha. Apontam-na como noiva do rei Baldouin, da Bélgica. Mas nada certo.





STOKOVSKY E OS POMBOS

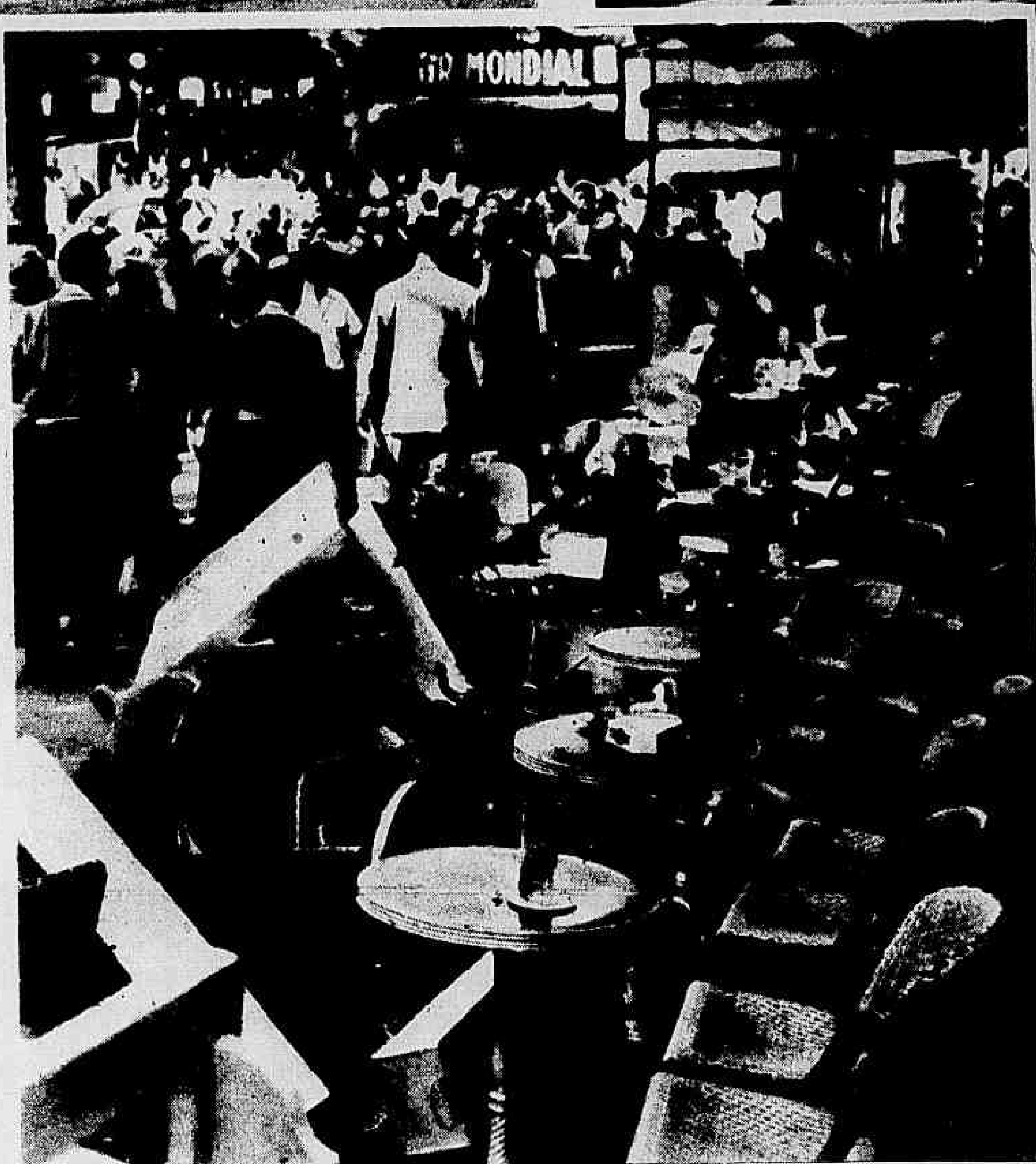
O instantâneo (ótimo) foi tirado na Piazza de San Marco, em Veneza, e nêle se vê o regente Stokovsky se entretendo com os famosos pombos locais.

BOGART FILMA NA ITÁLIA

Humphrey Bogart, que está na Itália em companhia de sua espôsa, Laureen Bacall, filma presentemente duas películas. Uma delas se chama «A condêssa descalça», já terminada.

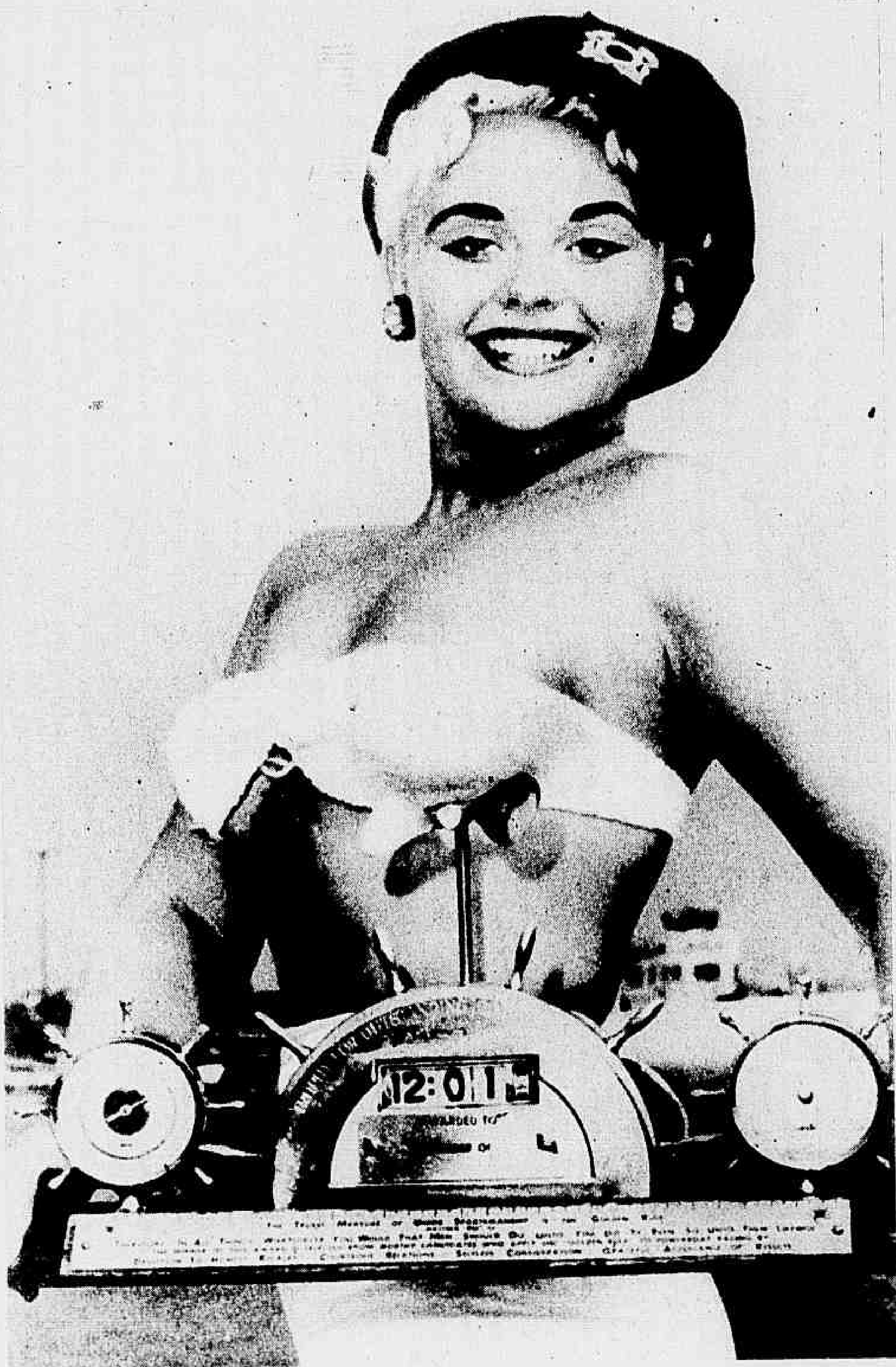






TEMPO QUENTE EM PARIS

A coisa começou quando pequenos comerciantes, em Paris, protestaram contra o aumento dos impostos. Exigiu-se o fechamento dos cafés por uma tarde, em sinal de protesto. Alguns não obedeceram, e o resultado foi êste das fotos.



JOYCE, JUIZ

Joyce Mills, cantora muito conhecida nos EE. UU., será um dos juízes da próxima corrida de barcos que terá lugar em Nova Orleans. Como juiz, ela envergará o «uniforme» acima.

★

NOIVA DO GÊNIO



Paola Mori, do cinema italiano, está sendo citada na crônica mundana de Roma como a atual noiva de Orson Welles. Indagada a respeito, ela fêz um arzinho misterioso. (Vê foto).

A FELICIDADE SERÁ EMAGRECER?

ANTONIO MARIA

OS gordos resolveram emagrecer do dia para a noite. Senhoras gordas, há um mês, afinaram tanto, que é impossível reconhecê-las, hoje, num encontro de rua. Essas metamorfoses estão acontecendo por causa do doutor Mem Xavier da Silveira, que sabe um regime suave para cada caso de excesso, aplicando-o, com êxito infalível, em cada uma de suas bem nutridas clientes. Êsse especialista em dietética é, talvez, o nome mais citado do Rio de Janeiro. Está em tôdas as conversas, de várias maneiras: «Fulana foi ao Mem e perdeu 10 quilos» ou «amanhã eu vou ao Mem, porque estou precisando perder 5 quilos».

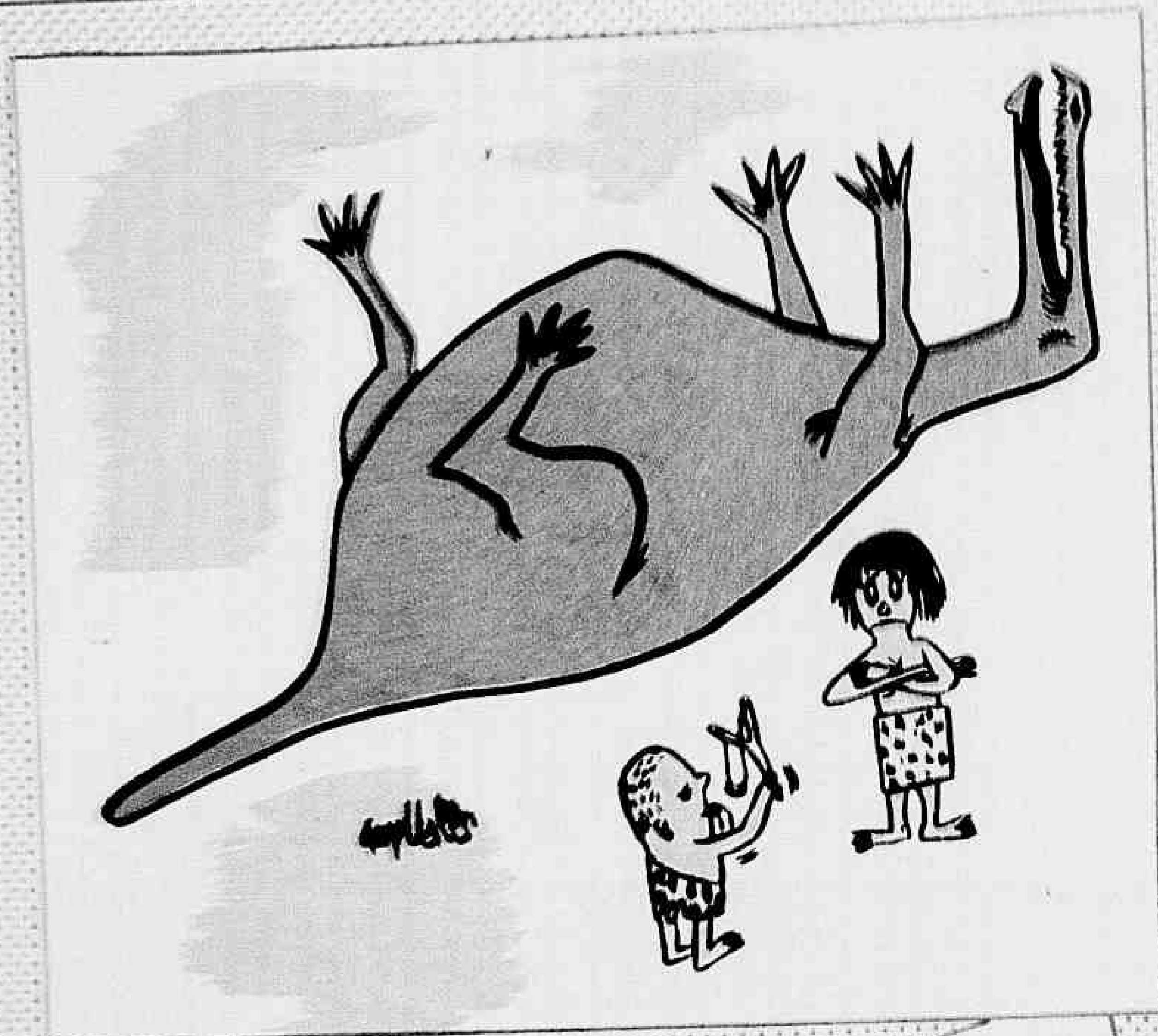
Êste cronista, com uma longa experiência do que seja engordar e emagrecer, atreve-se (não no caso das mulheres, mas no caso dos homens) a abordar um tema difícil e uma tese corajosa: «Os homens gordos não devem fazer regime». E' verdade que a gordura oprime e fatiga o coração e que o tecido adiposo propicia vários males da meia idade, como a diabete, etc. Mas, mesmo assim, o cidadão que nasceu gordo, gordo deveria continuar pela vida afora. O seu emagrecimento súbito (mesmo em prazo de seis meses, o emagrecimento será brusco) é perigoso, porque os primeiros sinais dessa transformação se manifestam no caráter e no temperamento. Quem há tempos, em gordura, veio vivendo e procedendo como gordo está sujeito a um sem número de erros e naufrágios quando, de uma hora para outra, tiver que viver e proceder como magro. No curso de um regime alimentar, durante o emagrecimento, o paciente (no caso, seria melhor chamá-lo de **intranquilo**) começa a sentir ao seu alcance uma porção de bens e facilidades, que eram privilégio dos homens normais. Essas conquistas abrangem um rol imenso de vantagens que, pormenorizá-las seria trabalho para outra crônica. Mas, tomemos, para exemplificar: o conformismo do gordo, a resignação aos seus pequenos vôos, que se transformará, no curso ou ao fim do emagrecimento, numa certa insolência muito perigosa. A primeira característica do recém-emagrecido é a avidez. Sem uns 15 dos seus antigos 100 quilos, é capaz de se atrever a uma prova de atletismo ou a uma partida de futebol; começará a descer de veículos em movimento ou a correr atrás de ônibus e lotações, coisas que, antes, não estavam programadas em seus esforços. Virá, em seguida, a vaidade. A sensação de elegância, ao notar o peito mais chato no espelho, a novidade de poder cruzar as pernas em frente às visitas, fatalmente, levarão o ex-gordo à pose. Êle, que era jogado, largado, condenado ao pêso e ao tamanho, é agora uma figura móvel, levantável, sentável, andante, olhando-se muito no corpo e puxando uma conversa em que, de um momento para outro, surja a possibilidade de alguém lhe perguntar: «Você emagreceu muito, não foi?» Então, exagerando o número de quilos perdidos, contará como foi: «Muito simples. Aboli pão, arroz, feijão, batata, uísque, água e macarrão (como se fôsse fácil viver sem essas pequenas delícias da vida). Minha comida é esta: no almôço, um bife de grelha, um tomate e uma fôlha de alface. No jantar, outro bife de grelha, outro tomate e outra fôlha de alface. Agora, se você visse como eu me sinto bem comendo assim». Sente-se bem, enquanto o prazer de ser magro constituir uma compensação de felicidade tão grande, que o seu estado permanente de tontura, sua insônia e sua angústia nas horas de solidão passem mais ou menos despercebidas. Depois, quando a elegância da magreza passar a ser um estado normal, tôdas as incomodidades e malestares do regime cairão, às toneladas, sôbre a alma do coitado. Êle não saberá proceder como gente magra.

O maior perigo que corre o emagrecido é o risco sentimental. A mulher que nunca o olhou e que, agora, põe a mão em cima da sua. Então, êle vai no risco da mão... e irá em todos os riscos de tôdas as mãos, que pousarem na sua. Êle não sabe o que quer e não tem serenidade para escolher. Êle vai e se perde.

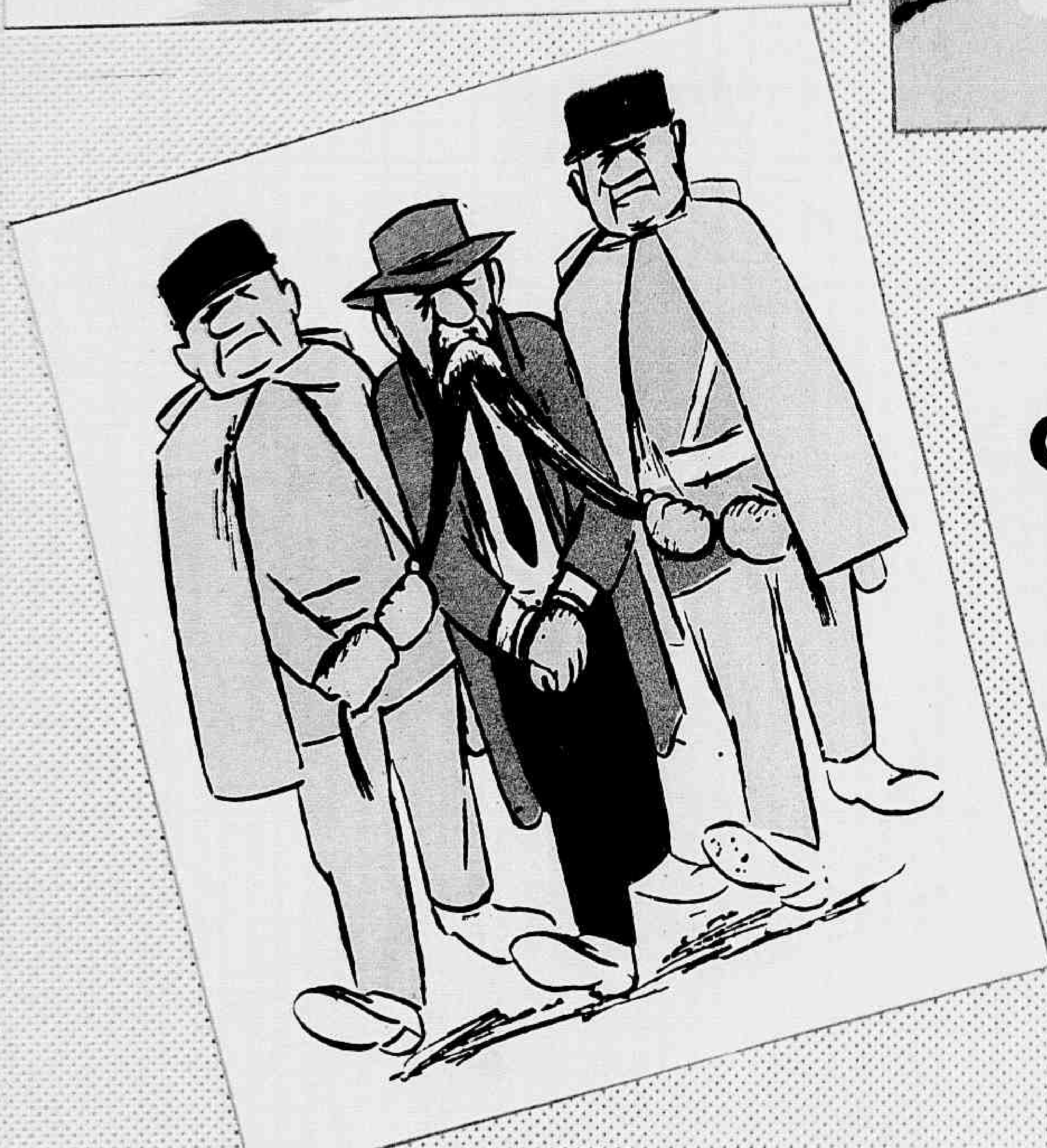
O melhor ainda é não emagrecer (os homens). Deus fêz os gordinhos para serem gordinhos e, para compensar seus vexames, lhes deu a doçura, a tolerância e a sensibilidade dos gordos. Cada um, em vez de perder pêso, procure fazer dessas pequeninas dádivas seu «charme», sua simpatia e seu método de êxito.

Desenho de DAREL





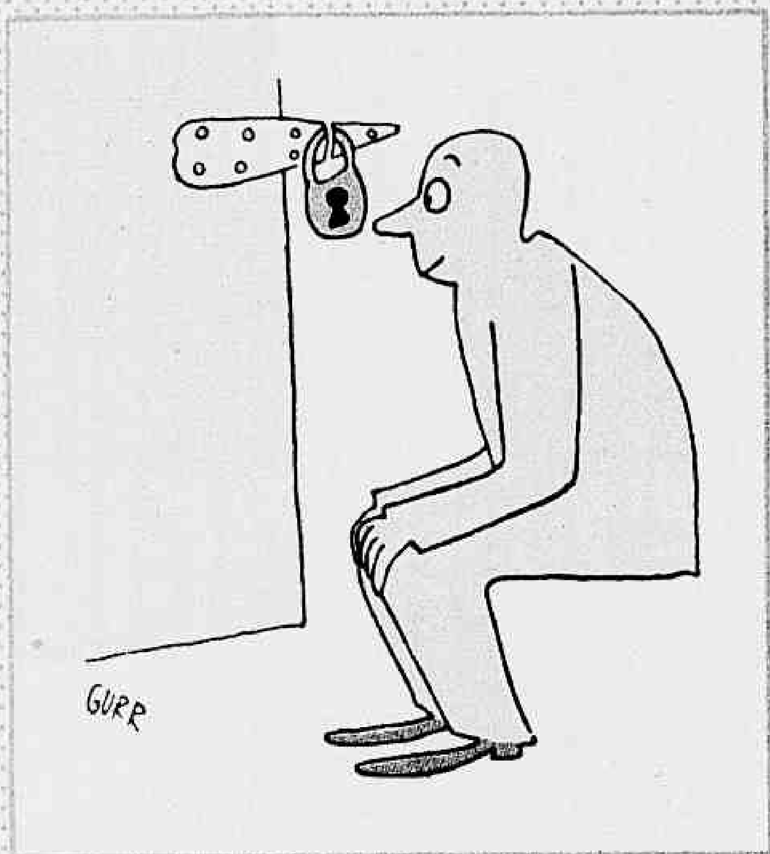


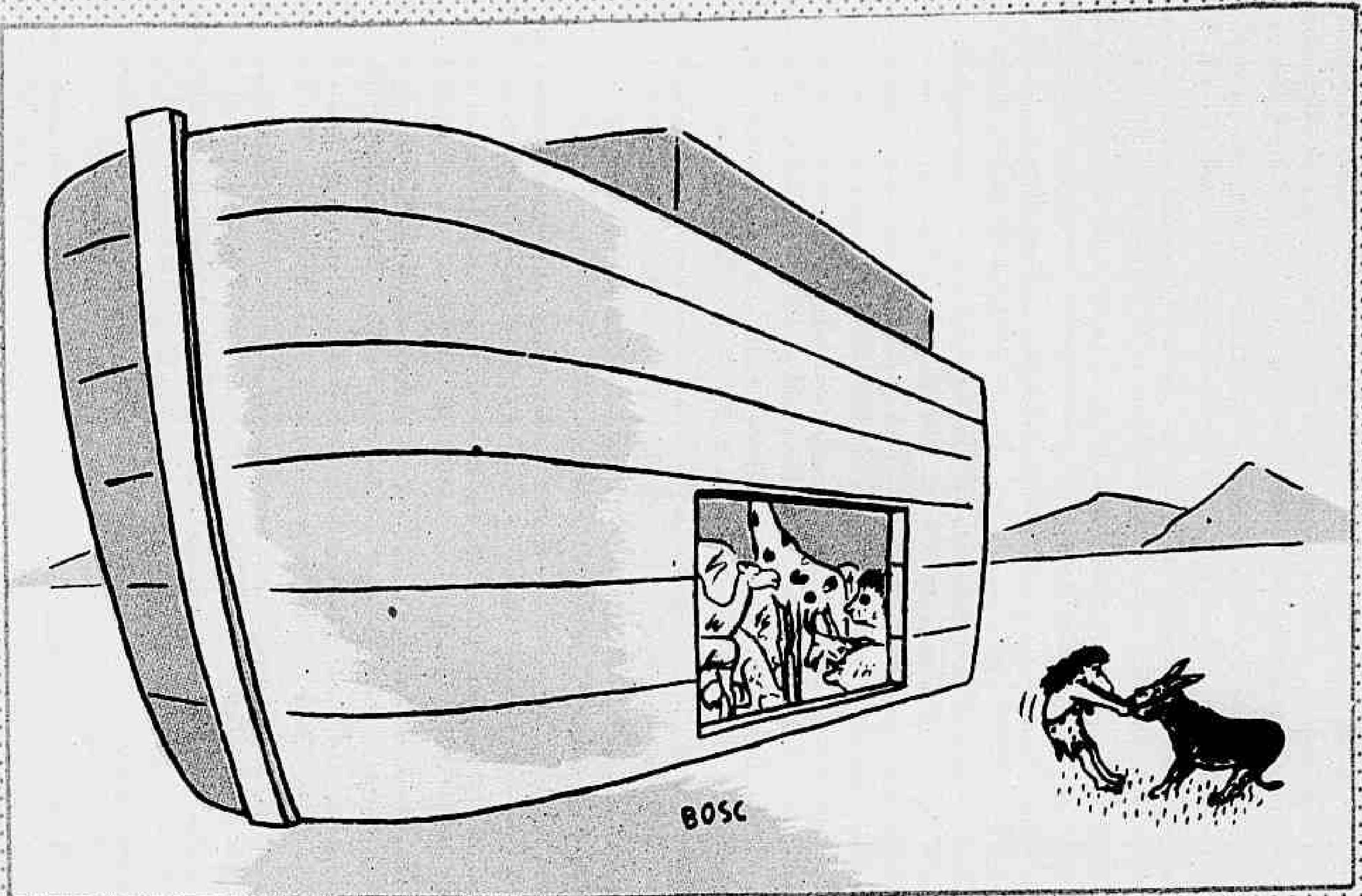


Continua mudo o RISO DOS OUTROS

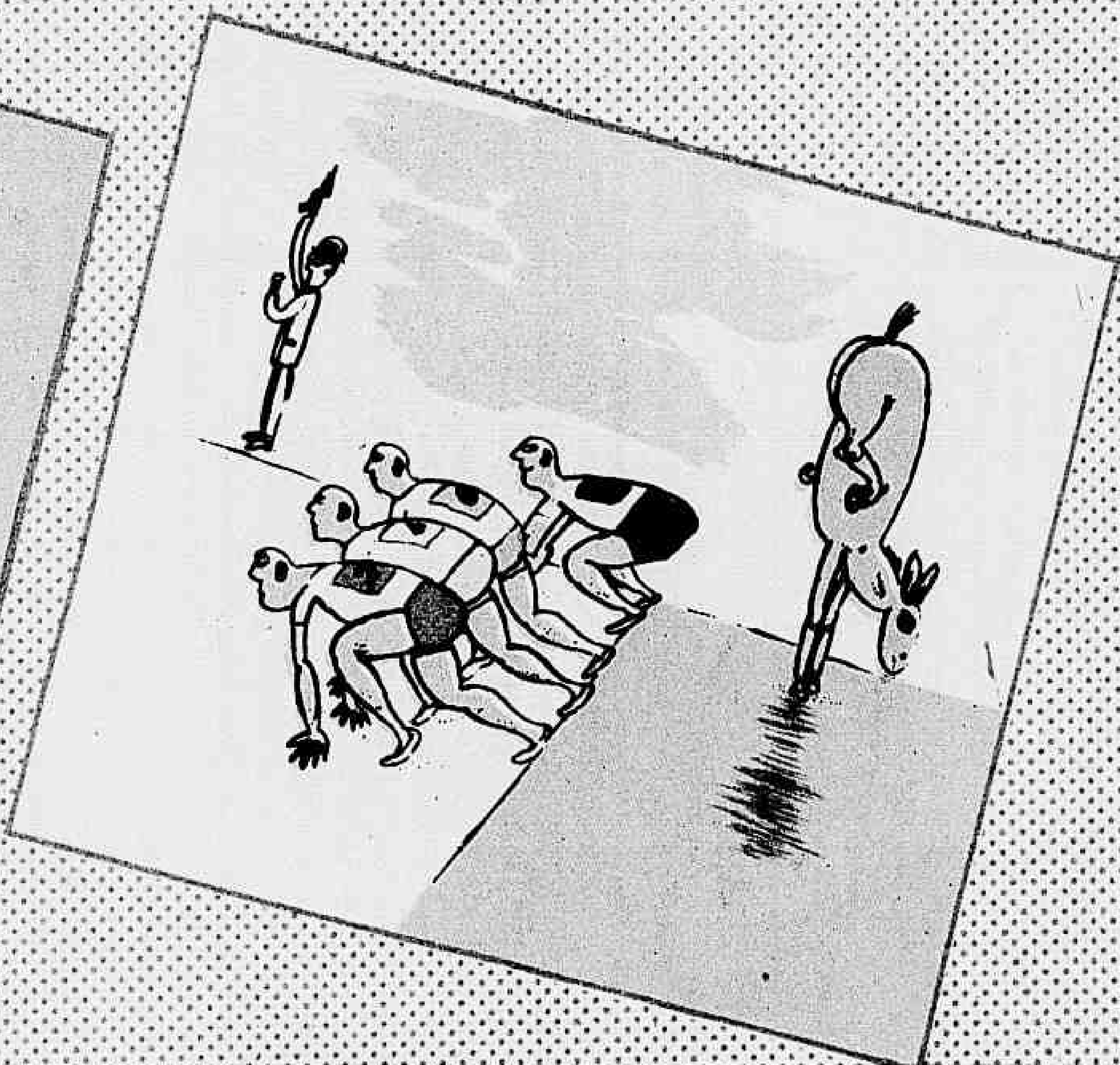


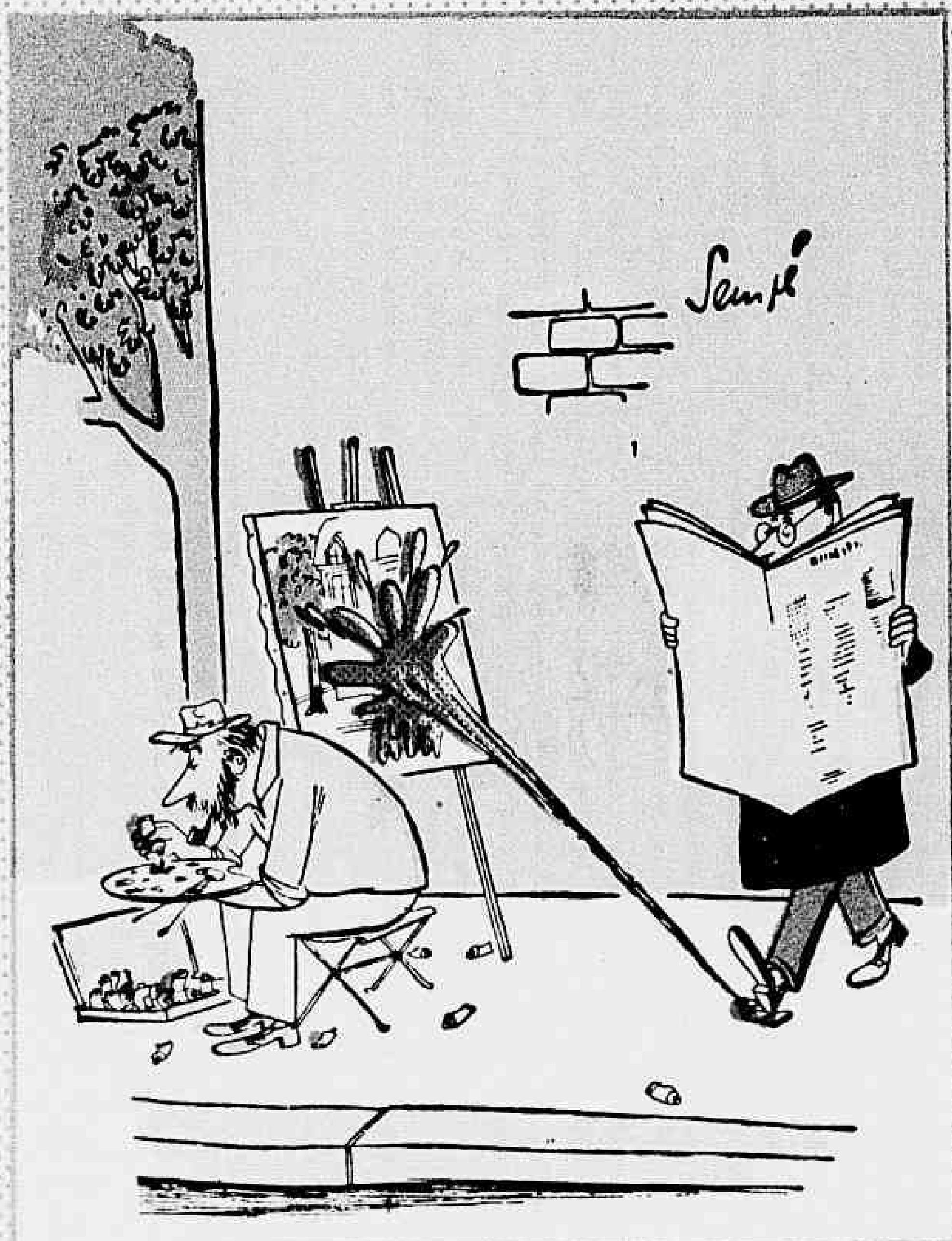



GURR


BOSC


MOSE




Sempé


PRECISA-SE DE
HOMENS-SANDWICHS
MOSE

MARIA

Romance de JORGE ISAACS



ACARICIEI-LHE o pescoço e as crinas umedecidas e o esporeei depois para que se lançasse ao rio. Levantou, então, as patas dianteiras, impaciente e movendo a cabeça como se pedisse rédeas, deixei-o trabalhar livremente temendo que houvesse errado o ponto exato da travessia do rio na enchente. O cavalo, então, vendo-se livre do meu contrôle, subiu pela ribanceira uns quarenta metros, tomando a ladeira de um penhasco. Aproximou o nariz das espumas e, erguendo depois a cabeça precipitou-se na correnteza. A água o cobriu quase todo, chegando-me até acima dos joelhos. As ondas se encresparam depois ao redor de minha cintura. Com u'a mão eu fustigava o pescoço do animal, única parte visível de seu corpo, enquanto com a outra tratava de guiá-lo para o local acessível, fazendo-o descrever uma curva dentro dágua, porque, de outro modo, perdida a parte baixa da ladeira, o resto era inacessível por sua altura e fôrça das águas que arrastavam ramos de árvores desgarradas. Passara o perigo. Apeei-me na outra margem para examinar as cilhas, das quais se havia rebentado uma. O inteligente bruto se sacudiu e um instante depois continuei a marcha.

Logo que andei um quarto de légua atravessei as ondas do Nima, humildes, diáfanas e puras, que se moviam iluminadas até perder-se nas sombras de bosques silenciosos. Deixei à esquerda os pampas de Santa R. cuja casa em meio de arvoredo e sob grupos de palmeiras que elevam a folhagem acima do seu teto, semelha nas noites de lua a tenda de um rei oriental suspensa nas árvores de um oásis.

Eram as duas da madrugada, quando, após atravessar a vila de P..., desmontei à porta da casa em que vivia o médico.

RESUMO DA PARTE JA PUBLICADA

● **Efraim, filho de família rica, senhores de propriedades no interior da Colômbia, fôra estudar em Bogotá, onde passara seis anos. Quando regressou ao lar já era rapaz. Fazia parte da família uma jovem sua irmã de criação, Maria, tratada como filha. Efraim e ela se amaram. A jovem, porém, sofria de epilepsia, moléstia de que morrera sua mãe. Efraim desejou permanecer definitivamente na propriedade rural dos pais a fim de ajudar o velho; mas êste não concordou e lhe disse que devia viajar para a Europa, a fim de aperfeiçoar-se em Medicina.**

XVI

Na tarde do mesmo dia se despediu de nós o médico, depois de deixar Maria quase completamente restabelecida, prescrevendo-lhe o necessário regime para evitar a repetição do acesso, prometendo visitar a enfêrma com freqüência. Eu sentia indizível alívio ao ouvi-lo assegurar que não havia perigo nenhum, e pelo doutor, redobrada estima da que até então lhe havia dedicado, pelo prognóstico feito a respeito de Maria. Entrei na alcova desta logo que o médico e meu pai, que ia acompanhá-lo até uma légua do caminho, se puseram em marcha. Estava acabando de entrançar os cabelos, vendo-se a um espelho que minha irmã mantinha sôbre os almofadões. Afastando ruborizada o cristal, me disse:

— Isto não é ocupação de enfêrma, não é verdade? Mas já estou boa. Espero não obrigar-te a viagem tão perigosa como a dessa noite.

— Não houve nenhum perigo nessa viagem, respondi.

— O rio! Sim, o rio! Pensei nisso e em tantas coisas que podiam suceder-te por minha causa!

— Numa viagem de três léguas? Achas que há perigo nisso?

— Sim, numa viagem em que podias afogar-te, segundo disse aqui o doutor, tão surpreendido, que, ainda não me havia examinado e já falava no caso. Tu e êle, no regresso, aguardastes duas horas para que baixasse o rio.

— O médico a cavalo é muito medroso, e sua mula, ronceira e lerda, não é o mesmo que um bom cavalo.

— O homem que vive na casinha da passagem, — interrompeu-me Maria — ao reconhecer esta madrugada o teu cavalo negro admirou-se de que não se houvesse afogado o cavaleiro que ontem se botou ao rio, ao mesmo tempo em que êle gritava que não dava passagem. Mas... não! não. Eu não quero recair. Não te disse o médico que não terei mais novidades?

— Sim, respondi. E me prometeu não deixar de passar dois dias seguidos nestes quinze, sem vir ver-te.

— Então não terás que fazer outra viagem à noite. Que teria eu feito se...

— Terias chorado muito por mim, não é verdade? — Repliquei a sorrir.

Olhou-me por um momento e eu ajuntei:

— Posso acaso estar certo de morrer em qualquer tempo convencido de quê...

— De quê?

E advinhando no meu olhar o que eu queria dizer:

— Sempre! Sempre! — acrescentou quase em segrêdo, fingindo examinar as formosas rendas dos almofadões. — Depois de alguns momentos de silêncio, volveu:

— E tenho coisas muito tristes que dizer-te. Tão tristes, que são a causa de minha enfermidade. Tu estavas na montanha... Mamãe sabe de tudo. E eu ouvi que papai dizia a ela, que minha mãe morrera de um mal cujo nome não pude perceber; que tu estavas destinado a fazer uma bela carreira; e que eu... ah! não sei se é certo o que ouvi... Será que não mereço que sejas como sempre fôste para comigo...

De seus olhos fechados rolaram pelas faces pálidas lágrimas que se apressou a enxugar.

— Não digas isso, Maria; não penses nisso — disse-lhe eu. Não fales assim, eu te suplico.

— Mas se eu o ouvi, e depois foi quando não soube mais de mim? Porque, então?

— Ouve, eu te rogo... eu... Queres permitir-me te ordene que não fales mais nisso?

Havia deixado ela cair a fronte sôbre o braço em que se apoiava e cuja mão eu estreitava entre as minhas, quando ouvi no aposento vizinho o ruído dos passos de Ema, que se aproximava.

Naquela noite, à hora da ceia, estávamos na sala de refeições, minhas irmãs e eu, esperando meus pais, que retardavam além do habitual, quando os ouvi falar no salão, como encerrando conversa importante. A nobre fisionomia de meu pai mostrava na ligeira contração das extremidades de seus lábios e na pequena ruga que, por meio das sobrancelhas lhe sulcava a fronte, que acabava de sustentar luta moral que o havia alterado. Minha mãe estava pálida; mas, sem fazer o menor esfôrço para mostrar-se tranqüila, me disse ao sentar-se à mesa:

Não me tinha lembrado de dizer-lhe que José nos veio visitar esta manhã e convidá-lo para uma caçada; mas, ao saber do ocorrido prometeu voltar amanhã muito cedo. Você sabe se é verdade que uma de suas filhas vai casar-se?

— Vai consultar você acêrca do seu projeto, observou distraìdamente meu pai.

— Trata-se, provàvelmente, de uma caçada de ursos, respondi.

— De ursos? O quê! Você caça ursos?

— Sim senhor; é uma caçada divertida e que fiz algumas vêzes com êle.

— Em meu país, voltou meu pai, tomá-lo-iam por um bárbaro, ou por um herói.

— Entretanto essa classe de caçadas é menos perigosa do que a dos veados, que se fazem todos os dias e por tôda parte, pois aquela, em lugar de exigir dos caçadores, que atirem em correrias por entre brenhas e cascatas, necessita sòmente um pouco de agilidade e pontaria certa.

Meu pai, sem deixar de ver então no semblante, os indícios de preocupação que antes tinha, falou sôbre a maneira como se caçam cervos na Jamaica e de como foram seus parentes afeiçoados a essa classe de passatempo, distinguindo-se entre êles, por sua tenacidade, destreza e entusiasmo, Salomão, de que citou, rindo já, algumas anedotas.

Ao nos erguermos da mesa, acercou-se de mim para dizer-me:

— Tua mãe e eu temos que falar contigo. Vem a meu quarto.

Quando entrei ali, meu pai escrevia de costas para minha mãe, que se achava na parte menos iluminada do cômodo, sentada na poltrona que sempre ocupava, quando se demorava lá.

— Senta-te, disse-me êle, deixando por um momento de escrever e olhando-me por cima das lentes dos óculos, que eram de vidro branco e fino engaste de ouro.

Passados alguns minutos, havendo colocado cuidadosamente em seu lugar o livro de contabilidade em que estava escrevendo, puxou para junto de mim uma cadeira bem próxima à que eu ocupava, sentou-se e me falou em voz baixa:

— Quis que tua mãe presenciasse esta conversa, porque se trata de assunto grave sôbre o qual tem ela a mesma opinião que eu.

Dirigiu-se à porta para jogar fora o cigarro que fumava, fechou-a e prosseguiu desta maneira:

Faz já três meses que estás conosco e, sòmente depois de mais dois poderá o senhor A... empreender sua viagem à Europa, e é com êle que tu deves ir. Esta demora, até certo ponto nada significa, tanto porque nos é muito grato ter-te a nosso lado depois de seis anos de ausência a que outros hão de seguir, como porque observo com prazer, que, mesmo aqui, é o estudo um dos teus gostos prediletos. Não posso ocultar-te, nem devo fazê-lo, que alimento grandes esperanças pelo teu caráter e aptidões, o que coroará brilhantemente a carreira que vais seguir. Não ignoras que breve a família precisará do teu apoio, com maior razão depois da morte de teu irmão

Fêz uma pausa e continuou:

— Mas, há qualquer coisa em teu procedimento, que não está bem. Tu não tens mais que vinte anos, e a essa idade um amor fomentado inconsideradamente poderia tornar ilusórias tôdas as esperanças de que acabo de falar-te. Tu amas a Maria e faz muitos dias que o sei, como é natural. Maria é quase minha filha, e eu nada teria que objetar se tua idade e posição nos permitissem pensar em um matrimônio; mas não o permitem e Maria é muito jovem. Não são ùnicamente êstes os obstáculos que se apresentam; um há talvez insuperável, e é de meu dever falar-te dêle. Maria pode arrastar-se e arrastar-nos contigo a uma desgraça lamentável de que está ameaçada. O dr. Mayn se atreve quase a assegurar que ela morrerá jovem, do mesmo mal de que sucumbiu sua mãe; o que sofreu ontem foi uma síncope epiléptica, que, tomando incremento em cada acesso, terminará por uma epilepsia do pior caráter conhecido; foi o que nos disse o médico. Responde tu, agora, meditando muito no que vais dizer, a uma só pergunta; responde como homem racional e cavalheiro que és; e que não seja o que responderes, ditado por exaltação estranha a teu caráter, tratando-se do teu porvir e dos teus. Sabes a opinião do médico, opinião que merece respeito por ser Mayn quem a dá; conheces a sorte da espôsa de Salomão; se nós consentíssemos, te casarias hoje com Maria?

— Sim, senhor. Respondi.

— Arrostarias tudo?

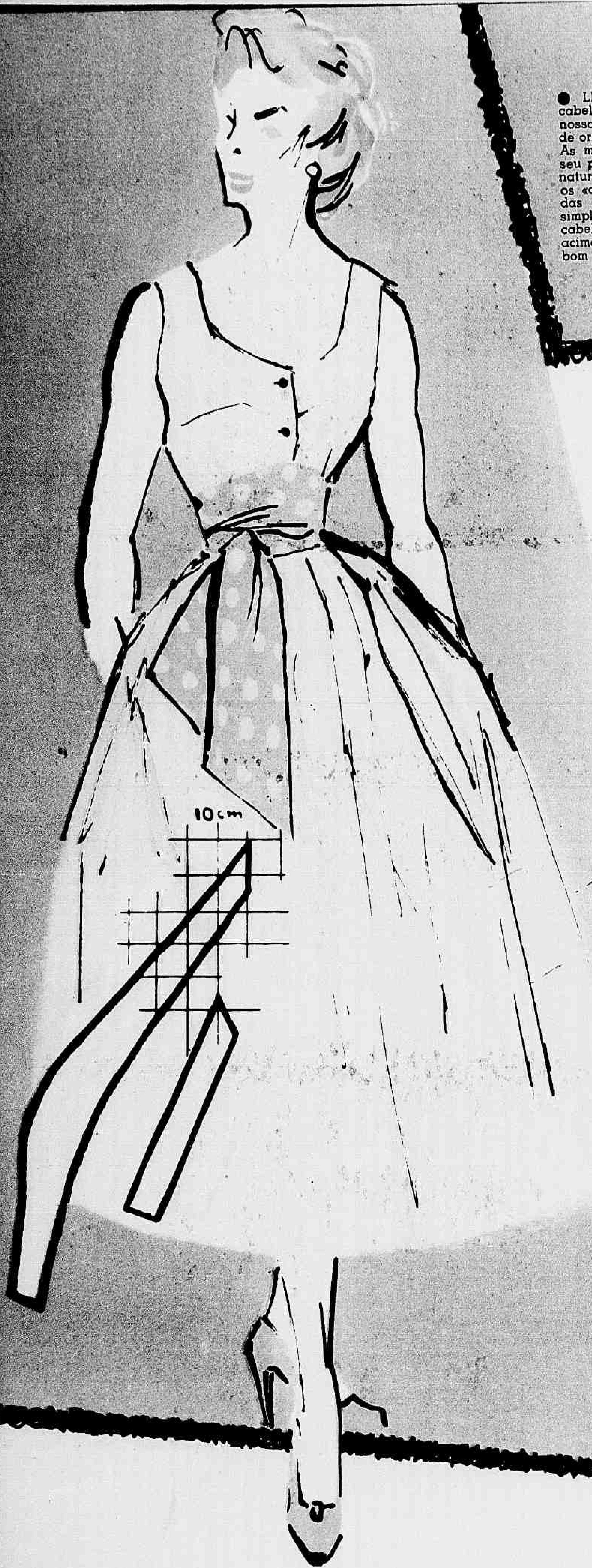
(Continua no próximo número)

Tradução de RENATO DE ALENCAR

Desenho de RAMÓN



● LIBERDADE! Naturalidade! Até os cabelos femininos sofreram a influência dos nossos dias. Liberdade, é a palavra de ordem dos criadores da «haute coiffure». As mechas são dispostas à vontade, ao seu próprio capricho, em ligeiros movimentos naturais. Os grampos, as travessas, os «chignons», são completamente banidos das atuais criações, e, com uma simples escovadela você poderá ter seus cabelos deliciosamente arrumados. A criação acima é de Kasan, que aconselha um bom corte para se obter o efeito desejado.





● A nota mais original em matéria de moda foi, sem dúvida, os sapatos em diversos tons para acompanhar «toilettes» que são, na verdade, um retôrno às «lingeries» usadas nos tempos de nossas vovós. Assim, os costureiros parisienses, com habilidade e bom gôsto, empregam nas suas criações para a primavera os vestidos cobertos de preguinhas, nervuras, rendas tão estreitas que, às vêzes, dão idéia de simples bainhas à mão. Êste interessante modêlo poderá ser executado em «nylon», organdi ou outro tecido leve que se preste para preguinhas a mão. A saia é em fio reto com refegos à volta da cintura. O «corselet» é bem ajustado, contornando o busto. É abotoado de cima abaixo com botões de vidro. Damos, abaixo, indicação para ser executada a faixa que acompanha o modêlo.

● O «TAILLEUR» é uma peça indispensável no guarda-roupa da mulher elegante. Ligeiramente sôlto, com uma grande gola, afinando na cintura, abotoado com duas carreiras de botões de corda, êste «tailleur» de Balenciaga é executado em alpaca beige. Saia estreita.

Nesta primavera, as parisienses calçam sapatos de diferentes tonalidades



● AS LUVAS são o complemento ideal da «toilette» feminina. Quer «sport» ou para noite, as luvas emprestam à elegância da mulher uma nota original. Daí o cuidado que deverá presidir a escolha dêsse acessório. Os modelos que apresentamos são «sports», naturalmente. Em listras ou em cruz, acompanharão um «tailleur» ou um «redingote» contrastando com o tom dos mesmos.



● JEAN PATOU — Vestido em organdi azul opalina. Casaco, com grande gola, acompanha êste lindo modêlo para «cock-tail». Saia ampla com grupos de plissados. «Corselet» ajustado. A volta do busto um viés largo dando um laço.

● CRIAÇÃO de Pierre Clarence — Um decote quadrado termina o corpo dêste vestido em algodão ciclame com listras cinza e fios brancos. Saia ampla, fio reto com pregas na cintura, forma nos lados escama de peixe. Cinto largo.

LÍGIA JUNQUEIRA



SUGESTÃO PARA O LAR

● Em muitos apartamentos modernos existe uma varanda que se fôsse envidraçada teria maior utilidade. Quando está situada em continuação à sala de estar, e a parede pode ser em parte demolidá, a solução tem a vantagem de aumentar o ambiente e possibilitar uma arrumação mais decorativa. Veja, por exemplo, a ilustração. Uma mesinha, com jardineira onde foram plantadas folhagens decorativas, tendo ao lado um garrafão de feitio pouco comum e um imenso cinzeiro de cerâmica, harmoniza perfeitamente com as cortinas venezianas que fecham a varanda. A parede dêsse lado do aposento foi pintada em listas verdes e cinzas, bem palidadas, o que é muito moderno, e no caso, produz interessante efeito decorativo contrastando com as listas horizontais da cortina veneziana.

ARQUIVO DO LAR

★ *BATATAS EMURCHECIDAS — Quando guardadas durante muito tempo as batatas ficam, às vêzes, emurchecidas. Para que voltem a ser como novas, enfie-as num barbante como se fôssem contas, e deixe-as por algum tempo dentro dágua.*

★ *AGULHAS QUE CORTAM O FIO — Quando o buraco da agulha corta o fio que nêle é enfiado, experimente aquecê-lo numa chama. O calor fará com que as arestas afiadas desapareçam, e a agulha poderá ser aproveitada.*



★ *COURO LISO — Os cintos e bôlsas de couro polido ficarão mais bonitos e brilhantes se forem engraxados de vez em quando com graxa incolor para sapatos. Cuidado em passar a graxa e dar polimento com um pano bem macio, para não arranhar o couro.*

★ *MANCHAS DE LAMA EM IMPERMEÁVEIS — As manchas de lama que se formam nos impermeáveis em dia de chuva podem ser fàcilmente removidas com um pouco de vinagre mórno. Experimente.*



★ *QUADROS A ÓLEO — Um ótimo processo caseiro para limpar os quadros a óleo muito sujos de poeira é passar sôbre a pintura meia batata crua. Passe-a com cuidado, e, quando verificar que a batata está muito suja, corte mais uma fatiazinha.*

★ *ENFIAR PÉROLAS — Para enfiar o seu colar de pérolas com maior facilidade endureça a ponta do fio com um pouco de esmalte de unhas. Para o esmalte endurecer logo, mergulhe a ponta do fio em água fria.*



Week-end na cozinha



● Esta receita é dedicada às donas de casa que gostam de aproveitar o seu fim de semana para encher as latas de biscoitos. A receita foi calculada para cêrca de 8 dúzias de biscoitos de bom tamanho. Será suficiente para alegrar crianças e... adultos. Você pode, depois de ter preparado a massa, completar parte com amendoins, outra com nozes e a terceira com passas. Pode, ainda, variar com chocolate ou amêndoas. Vejamos a receita, que é fácil:

1 — Misture um têrço de xícara de manteiga com meia xícara de mel. Bata até ter um creme bem igual. Junte 2 ovos já batidos e meia xícara de nata ou creme de leite.

2 — Prepare os ingredientes secos, peneirando-os juntos: uma xícara de farinha de trigo, uma colher das de chá de fermento em pó, meia colherinha de bicarbonato de sódio, uma pitada de sal.

3 — Junte os ingredientes secos à mesma, e logo em seguida as passas, nozes, amendoins, ou outro complemento que deseja (duas xícaras). Tempere com noz moscada ou com essência de baunilha.

4 — Unte as assadeiras, e ponha a massa às colheradas, deixando uma boa distância entre cada biscoito. Asse em forno moderado, de 10 a 15 minutos, ou até ficarem ligeiramente corados.

Deixe que fiquem quase frios antes de guardá-los em latas bem fechadas.



UM POUCO DE BELEZA

CUIDADO COM A SUA DIETA!



● Você como tôdas as mulheres, deseja ser bela; mas... e aí esta a «peninha» que atrapalha, quer também comer aquilo de que gosta e quando lhe apetece. Por outro lado, não basta resover comer menos para emagrecer com saúde. E', preciso que seu regime alimentar seja calculado com sabedoria, a fim de, ao diminuir a ingestão de gorduras, não cortar também as vitaminas e sais minerais indispensáveis ao bom funcionamento de seu organismo. **Mesmo numa dieta para emagrecer, você deve comer um pouco de doces e um pouco de pão, porém escolhendo aquelas qualidades que sejam boas fontes de minerais e vitaminas.** O pão integral, por exemplo, é uma das melhores fontes de Vitamina B, importantíssima. As mulheres, devido às funções específicas de seu corpo, necessitam também de muito ferro em sua alimentação. Um dos alimentos mais ricos em ferro é o melado grosso, que pode ser usado com vantagem em vez do açúcar refinado.

Nunca elimine o leite de sua dieta. Meio litro por dia é o ideal para o corpo. Pode usá-lo bebendo-o, ou em forma de pudins, cremes, ou molhos. O leite fornece ao corpo o cálcio e o fósforo que lhe são tão necessários. Se não quer ingerir muita gordura, prefira o leite desnatado. A manteiga, mesmo sendo gordurosa, deve ser utilizada em pequena quantidade, pois é rica em Vitamina D e uma boa fonte de Vitamina A. A falta dessa última é uma das causas de peles pouco sadias.

Não elimine as batatas. E' verdade que contêm algumas calorias, porém lhe fornecem uma boa dose de vitaminas e minerais. Por outro lado, pode cortar definitivamente, o açúcar refinado e pão branco, e as massas. **Não ingira óleos e gorduras, com exceção da manteiga.** Todos os óleos e azeites (menos a manteiga) apenas fornecem ao corpo calorias e nada mais. Resumindo os nossos conselhos: se você quer ter a pele bela e clara, os olhos brilhantes, os cabelos sadios, se quer conservar tôda sua boa disposição enquanto faz regime, coma os seguintes alimentos, considerados protetores da saúde: pão integral, cereais integrais, leite, batatas, frutas, vegetais, carne, peixe e ovos. Substitua o açúcar branco por melado.



PELES ERUPTIVAS

● Chamam-se peles eruptivas as cútis adolescentes que vivem cheias de espinhas. Não devem deixar de ser tratadas com a desculpa de que «com o tempo melhoram», pois isso poderá causar marcas irremediáveis. As peles eruptivas devem ser lavadas com água morna e sabão. Depois aplica-se uma loção ou um creme à base de enxôfre. Para a maquilagem, usa-se uma base líquida misturada com loção contra acné. Use-se muito pouco pó de arroz e evite-se o rouge; que muitas vêzes irrita a pele.

O SINDICATO MAIS IMPREVISTO DO MUNDO

ASSOCIAÇÃO DOS CANTADORES DO NORDESTE

A PREFEITURA DOOU O TERRENO E O ESTADO CONTRIBUIU COM CEM MIL CRUZEIROS PARA A CONSTRUÇÃO DA CASA DO CANTADOR ★ TÔDA ASSISTÊNCIA AOS «PASSARINHOS DE BIGODE» QUE TROUXERAM A ALMA DO SERTÃO PARA O ASFALTO ★ DESAFIOS AO SOM DA VIOLA ★ «MANDEI A TERRA CORRER E ELA CORREU» ★ «FUI AMANTE DE VÊNUS MAIS DE UM ANO» ★ A MULHER, O AMOR, A POLÍTICA, A ONÇA E A PORCA.

Reportagem de ROGACIANO LEITE



DOMINGOS FONSECA e SIQUEIRA DE AMORIM, respectivamente presidente e secretário da Associação dos Cantores do Nordeste. Conforme se vê na foto, os atuais violeiros nordestinos se confundem com qualquer artista elegante. Foi a evolução.

Dificilmente haverá uma definição de Saudade mais original do que esta:

"Saudade é um parafuso
Que, tendo rosca, não cai;
Só entra se fôr torcendo
Porque batendo, não vai;
E quando enferruja dentro,
Nem destorcendo não sai".

Pois saibam que o seu autor é tão analfabeto que não pode votar. Chama-se Antônio Pereira, natural de Itapetim, Pernambuco. «Doublée» de violeiro e agricultor, ensina como plantar a Saudade:

"Quem quiser plantar saudade
Escalde bem a semente
E plante na terra sêca
Em dia de sol bem quente
Que se plantar no molhado
Ela nasce e mata a gente".

Em seguida lembra-se das abelhas e compara:

"Saudade é como uma abelha
Que faz mel de qualquer flor
Na cêra roxa dos favos
Do coração sofredor;
E quando enferruja dentro,
Nem destorcendo não sai".

Essa é a poesia simples e espontânea dos cantadores do Nordeste, que o escritor Caio Cid apelidou de «Passarinhos de Bigode». A civilização ainda não conseguiu destruí-los. Transformou-os, apenas, como transformado está o seu meio ambiente. Os caminhões, o trem, o rádio, o jornal e até mesmo o cinema imprimiram feição nova à paisagem humana e social do Nordeste. As vias de comunicação facilitaram o êxodo e confundiram o sertão com o litoral. Os cantadores correram para as grandes cidades e modernizaram-se sob todos os aspectos. Já não são aquêles tipos broncos e antisociais do tempo do Império. Vestem-se com apuro, falam corretamente e discutem certas matérias como qualquer professor. Mantêm semanalmente um programa em várias emissoras nordestinas, desde Pernambuco ao Ceará. É um gôsto ouvi-los. A terra canta nas suas vozes provando que o Brasil ainda existe, dorme e acorda, chora e gargalha ao mesmo tempo. Apesar de evoluídos social e intelectualmente, sua poesia é a mesma: arrojada e pitoresca, saborosa e tumultuária. Os desafios têm a mesma arrogância e a mesma filosofia brava que a terra lhes ensinou.

BRAVATAS E DESAFIOS

Eis o que afirmou o repentista Lourival Bandeira:

"Me danei uma certa ocasião,
Fiz o vento parar o seu açoite,
Fiz o sal nascer à meia-noite,
Fiz a noite tornar-se num clarão;
Já andei escanchado num trovão,
Vinha um raio descendo e não desceu,
Um corisco me viu e se escondeu,
Fiz da lua um planêta vagabundo,
Já botei quatro rodas neste mundo,
Mandei a terra correr — e ela correu".



O repórter escuta (e admira) os cantores nordestinos João Mangueira e os irmãos Gerson e Lourival Bandeira, que ora se encontram em S. Paulo.

José Faustino Vilanova, mais culto, respondeu:

"Eu um dia fui passear na Esfera
Pra saber de que parte vinha o vento;
E, querendo ver todo o movimento,
Dessa vez fui até à Estratosfera;
De lá, eu vi vulcão e vi cratera,
Visitei os quatro pontos Cardiais,
Vi a barra dos pontos Tropicais,
Vi a lua e o sol num grande eclipse,
Discuti com São João o Apocalipse,
E não sei que me falta fazer mais".

Versadíssimos em Mitologia, cs repentistas se valem dessa matéria para externar mais espaventosamente o lado quixotesco de sua personalidade. Dimas Batista afirmou:

"Com Apolo estudei a Poesia,
Com Minerva aprendi tôda a arte fina,
Esculápio ofertou-me a Medicina
E Euterpe me ensinou tôda a Harmonia;
Com Urano estudei a Astronomia,
Pesquisei com Netuno o Oceano,
Fui Amante de Vênus mais de um ano,
Percorri com Cibele tôda a Terra,
Com deus Marte aprendi lições de Guerra
E fui mestre nas tendas de Vulcano".

Domingos Fonseca parodiou prontamente:

"Estudei o Espaço com Urano,
Com Vesta, castidade e inocência,
Consegui de Mercúrio a eloqüência
E estudei com Netuno mais de um ano;
Aprendi mecanismo com Vulcano
E consegui de Orfeu a melodia;
Arranjei de Cupido a simpatia,
Com Minerva estudei Ciência e Arte,
Fui colega de aula do deus Marte
E aprendi com Apolo a Poesia".

DESAFOROS

É no desafio desaforado e achincalhante que os cantores revelam a sua maior especialidade. Dimas Batista:

"Cantador dessa tua qualidade
Tenho visto dez, doze numa feira,
Maltratando os colegas de "primeira",
Enganando e explorando a humanidade;
Namorando mocinhas com maldade
Pra depois falar mal da filha alheia;
Êsses cabras merecem levar peia
Pra deixarem de ser tão imorais;
Eu não sei a polícia o que é que faz
Que não mete essa corja na cadeia".

Fonseca rebateu à altura:

"Retira-te daqui, saco de ofensa,
Bôca vil que só diz barbaridade,
Fuxico de subúrbio de cidade,
Fastio de comêço de doença;
Criminoso que foge de sentença,
Traiçoeiro, assaltante de caminho,
Jogador de pilhéria no vizinho,
Eu não sou o canalha que tu és:
No lugar que eu, cantando, boto os pés,
Tu não podes botar nem o focinho".

Dimas satirizou fulminantemente o seu colega:
Quando o trem viajar sem ser no trilho,
Quando burro faminto enjeitar milho,
E gado magro, caroço de algodão;
Quando rato deixar de ser ladrão
E a galinha voar como um condor,
Quando o tigre não fôr devorador
E a "preguiça" arranjar velocidade.
Quando bode guardar a castidade
O colega será bom cantador".

A PORCA

No decorrer dos desafios improvisados, o humorismo e a sátira são as armas principais dos cantadores. Possuidor de voz retumbante, o que êles chamam «bom peito», José Batista Feitosa gabava-se dessa sua excepcional qualidade ao seu contendor Lourival Batista. Aborrecido com isso, Lourival ponderou:
"Você só me fala em "peito"
Mas isso não me embaraça:
Mais peito do que você
Tem uma porca de raça:
Cinco, seis de cada lado,
E de uma porca não passa".

A ONÇA

Em disputa com êsse mesmo repentista, Hercílio Pinheiro afirmou que seria capaz até de mamar numa onça. E logo em seguida basofiou que rasgaria a guela da mesma. Lourival observou:

"A ingratidão é um defeito
Que a humanidade flagela:
Inda agora era mamando,
Agora é rasgando a guela;
Sendo assim você não paga
O favor que deve a ela".

CACHAÇA

A cachaça é uma das grandes fontes de inspiração dos repentistas, que também gostam de **molhar a palavra** e **limpar a garganta**. Severino Pinto, um dos mais vigorosos repentistas que já cuvi, confessou:

Associação...

Cada dia — um desengano,
Cada noite — uma saudade".

Aos meus dez anos de idade
Peguei o "pinho" e cantei;
Descansando aos dezessete,
Aos — vinte-e-sete voltei;
Foram os anos mais tristes
Que em minha vida passei".

"Cantando me acostumei
A chorar meu sofrimento:
O riso vai para os lábios,
A dor, para o pensamento;
E nasce a rosa do verso
No jardim do sentimento".

"A Voz sentida do vento
Às vêzes também me inspira
Como se um dedo invisível
Tocasse na minha lira
Acompanhando os queixumes
De minh'alma que suspira".

"A luva que Deus me atira
Nunca veio à minha mão;
E se veio eu desconheço
As suas côres quais são:
Se é negra, vestiu minh'alma;
Se é branca, não chegou, não!"

A CASA DO CANTADOR

Em 1950 Domingos Fonseca lançou a idéia de fundar, em Fortaleza, a Associação dos Cantadores do Nordeste, destinada a assistir à classe sob todos os aspectos. A idéia teve aplauso geral. A Assembléia Legislativa autorizou o Govêrno do Estado a dar cem mil cruzeiros para a construção da Casa do Cantador, esteio básico da instituição. A Prefeitura de Fortaleza doou o terreno. E já agora, no aprazível bairro da Floresta, ergue-se o «ninho» coletivo dos «passarinhos de bigode» — que trouxeram a alma do sertão. para o asfalto. Já foram publicados oficialmente todos os Estatutos da original agremiação que, antes mesmo de ter a sua sede própria, constituiu assim o seu primeiro corpo dirigente e assistencial: Presidente, Domingos Fonseca; vice-dito, Antônio Ferreira da Costa (estudante); Secretário, Siqueira de Amorim (cantador); Consultor Jurídico, dr. Amautry Barbosa Gurgel (Juiz de Direito); médico, dr. Climério Pereira da Silva (capitão do Exército); dentista, dr. João Uchoa. Todos êsses vêm prestando assistência gratuita a quantos cantadores necessitem da mesma.

Conforme se vê, trata-se de uma instituição bastante original e muito proveitosa não só para os cantadores como para o próprio patrimônio folclórico nacional, ainda tão pobre de pesquisas e bibliografia.



Êstes dois cantadores (Pedro Amorim e Emiliano) não quiseram trocar as suas típicas montarias sertanejas pelos ônibus que correm nas capitais.

"Se acaso eu fôr para o Céu,
São Pedro se zangará,
Pois se eu pedir aguardente
E êle disser que não dá,
Eu volto no mesmo instante
E nunca mais piso lá".

Um certo repentista medíocre, depois de levar uma grande chavascada de Lourival Bandeira, dirigiu-se ao botequim próximo, tomou meio copo de «pinga» e voltou à arena como uma fera. Retomou a viola e disse:

"Se quiser pegue nas armas
Que estou de prontidão:
Fui ali no botequim,
Bebi quase um garrafão,
E quando eu bebo cachaça
E eu sou é rei Salomão".

Bandeira chacoteou:

"Por essa mesma razão
Eu acho a cachaça boa:
Porque qualquer miserável
Que vive vagando à toa,
Basta só tomar um porre,
Cria logo uma coroa..."

CANTORIA E POLÍTICA

Os cantadores são de índole boêmia e cultivam a sua filosofia própria sôbre tudo e todos que os rodeiam. Vivem exclusivamente o seu mundo e não tomam conhecimento de outra coisa. De política, então, nem se fala. Improvisando sôbre êste assunto, Lourival Bandeira foi incisivo:

"Seja rico ou seja pobre,
Meu voto ninguém merece:
Porque depois dêsse voto
O dono do voto cresce
E quando está lá em cima
Vê a gente e não "conhece!"

A MULHER E O AMOR

Por mais paradoxal que pareça, os cantadores não são lá muito afeiçoados aos temas piegas. Quando os abordam eventualmente, ou exageram ou desdenham. A respeito da Mulher, disse Antônio Marinho:

"Dentre tôdas as mulheres,
Maria foi a mais bela
E em pureza não houve
Quem igualasse com Ela;
Assim mesmo, São José
Inda desconfiou Dela".

Lourival Batista assim se expressou:

"Um ciente profundo
Já me pediu, certa vez,
Que eu lhe dissesse os três
Desmantelos dêste mundo.
Eu respondi, num segundo:
Doido, mulher e ladrão.
E disse, mais, a razão:
Doido não tem paciência,
Ladrão não tem conciência,
Mulher não tem coração".

SENTIMENTALISMO

Dentre mais de duzentos cantadores que já ouvi, apenas uns 20% se declaram sentimentalistas. Domingos Fonseca talvez seja o maior de todos nesses aspecto. É um lírico mavioso: Vejamos:

"O desino me deixou
Igualmente a um cão no cais:
Cai no mar buscando o dono
E o mar o arroja pra trás;
Êle se sente vencido,
Fica uivando e não vai mais".

"Cedo fiquei sem meus pais
Chorando a triste orfandade;
Cada passo em minha vida
Foi uma fatalidade:



A cidade de S. José do Egito (Pernambuco) homenageou com um busto o seu maior cantador e repentista: Antônio Marinho (falecido em 1942).

SALDANHA COELHO E SUA "REVISTA BRANCA"

OTTO SCHNEIDER

● Começou em 1951 com «Mural», um livro de contos, que apareceu com capa de Santa Rosa e ilustrações de Darci Penteado e Farnese. Mas sua primeira iniciativa literária foi uma «Antologia de Contos de Escritores Novos do Brasil», lançado em 1949 com xilogravuras de Yllen Kerr e prefácio de Otto Maria Carpeaux.

Depois, — isso em 1950 — organizou e publicou a «Proustiana Brasileira», com trabalhos de autores nacionais sôbre Marcel Proust. Êsse livro teve repercussão também na França e se encontra exposto até hoje na Sociedade dos Amigos de Marcel Proust. É o maior documentário brasileiro sôbre Proust, do mesmo modo que a «Antologia» é o único documento de grande amplitude do conto post-modernista da nova geração.

E finalmente, no ano passado, Saldanha Coelho lançou seu segundo livro de contos: «O Pátio», com ilustrações de Darci Penteado.

Pergunto-lhe sôbre os novos planos.

— Tenho quase concluída uma antologia: «Contistas Brasileiros» que está sendo vertida para o inglês, francês, espanhol, italiano e alemão.

— E quem são êsses contistas?

Pertencem todos à moderna ficção brasileira: Breno Accioly, Almeida Fischer, Helena Silveira, Saldanha Coelho, Vasconcelos Maia, Eduardo Campos, Lygia Fagundes Teles, Moreira Campos e Murilo Rubião.

Teremos assim, pela primeira vez, uma divulgação internacional do moderno conto brasileiro. E é esta a grande preocupação de Saldanha Coelho: ultrapassar as fronteiras, levar a moderna ficção nacional ao conhecimento de outros povos e países. Divulgá-la nos Estados Unidos, na França, Inglaterra, Alemanha, Itália, Espanha e América do Sul.

Idéia arrojada dêsse jovem contista brasileiro, o primeiro a raciocinar em têrmos internacionais.



Mas a idéia é ainda mais ampla: «Revista Branca» faz parte dêsse mesmo plano.

— «Fundei «Revista Branca» em 1948 — diz-nos Saldanha Coelho — com um grupo de escritores dos quais Bráulio do Nascimento tem sido o meu maior colaborador. Devo dividir com êle qualquer êxito que tenhamos na revista. Sem o seu auxílio eu talvez não mantivesse «Revista Branca» circulando durante os seis anos que se completam no corrente mês.

— Ela agora passa a ser definitivamente plurilíngue?

— Sim, e sairá em português, inglês, francês, espanhol e italiano, sendo publicada de três em três meses. O número que distribuiremos neste mês de agôsto, numa exposição de nossas atividades e edições no «hall» da Biblioteca Nacional, já é plurilíngue. Visamos com isso divulgar a cultura brasileira no exterior, do mesmo modo que traduzir para nossa língua trabalhos de autores estrangeiros. É o intercâmbio no melhor sentido.

— E quem são os autores nacionais que constam, traduzidos, neste primeiro número?

— Entre outros: José Lins do Rêgo, Carlos Drummond de Andrade, Augusto Frederico Schmidt, Manuel Bandeira, Jorge de Lima e Cecília Meireles. Do mesmo modo traduzimos artigos de T. S. Eliot, Grover Smyth, Gordon Brown e outros nomes internacionais. Além de muitas colaborações, comentários sôbre livros e idéias e reproduções de trabalhos de pintura e escultura de artistas nacionais e estrangeiros.

EM POUCAS PALAVRAS

● Elsie Lessa já entrou em entendimentos com o editor José Olímpio para o lançamento, em volume, de uma seleção de suas sempre apreciadas crônicas.

● Nas livrarias um volume de memórias de Osvaldo Orico: «Da Forja à Academia». Editôra José Olímpio.

● Alguns poemas de Murilo Mandes, traduzidos para o francês por Dominique Braga, foram publicados no «Journal des Poètes», que se edita na Bélgica.

● No prelo o 1º volume da seleção das mais famosas canções musicadas de Catulo da Paixão Cearense. Título: «Tu passaste por êste jardim». Iniciativa de Guimarães Martins.

● Em breve algumas reedições dos Irmãos Pongetti: «Os Trabalhadores do Mar», de Victor Hugo, em tradução de Machado de Assis, e «Contos Orientais», de Guilherme Hauff.

● «Degelo» é o novo livro de Llya Ehrenburg. Novela curta, de umas 200 páginas, lançada recentemente na União Soviética.

● Está fazendo sucesso «Os Grandes Processos do Júri», por Carlos de Araújo Lima. É o 1º volume de uma série. Edição da Freitas Bastos.

● Madrugada sem Deus» — o título do novo romance de Mário Donato, prometido para breve por José Olímpio.

● Em 2ª edição, ilustrada, os Irmãos Pongetti apresentarão «Patriarcas e Carreiros», por M. Rodrigues de Melo.

● Em «Entre os Índios do Xingu», o sr. Aires Câmara Cunha resume seus 15 anos de vida como sertanista. Livro magnìficamente ilustrado com fotografias. Edições Melhoramentos.

● Depois de «A Queda de um Anjo», a Organização Simões apresenta «O Visconde de Ouguela», mais um romance de Camilo Castelo Branco. Prefácio, notas e vocabulário do prof. Artur de Almeida Tôrres.

NUNCA FOI PUBLICADO



Na série «Grandes Vultos das Letras», que está sendo lançada pelas Edições Melhoramentos, acaba de sair o volume referente a José de Alencar, por Hernani Donato. Em 64 páginas o autor nos conta primeiro a vida do romancista cearense, falando em seguida do escritor e finalmente do homem público. Encerra o volume com uma sinopse cronológica dos principais acontecimentos da vida do escritor cearense. Fato curioso — embora não raro na vida dos escritores — é que o primeiro livro de José de Alencar nunca foi dado à impressão e ninguém o leu. Chamava-se «Os Contrabandistas», e Alencar escreveu-o no decorrer de 1847, quando contava 18 anos. Era então estudante de Direito em São Paulo e grande devorador de maus romances franceses em más traduções. Na desordenada vida das repúblicas estudantis, não havia segredos nem propriedade entre os seus moradores. Os originais de «Os Contrabandistas» foram destruídos, fôlha a fôlha, por um colega de quarto de Alencar, que as usava para acender o cachimbo . . .

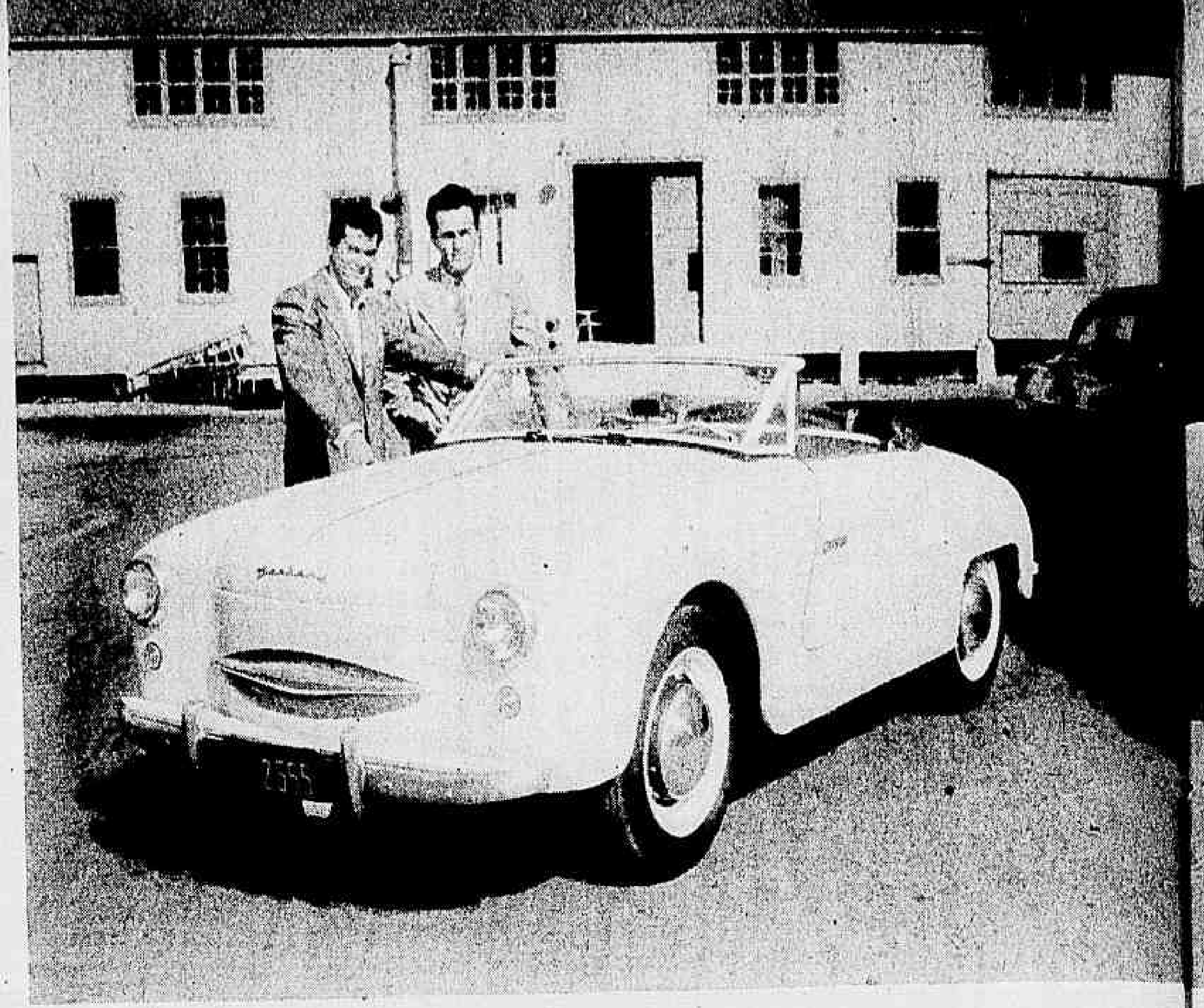
A VÊNUS DE MILO

Contou Marilu, em recente crônica, que um americano de Chicago, enriquecido no negócio de armamentos, encomendou a um escultor de Nova York uma reprodução da Vênus de Milo. Mas, quando a estátua chegou ao seu destino, o homem verificou que ela não tinha braços. Encheu-se de um furor verdadeiramente troglodita e pediu uma indenização à Companhia das Estradas de Ferro. E agora, o mais curioso: a companhia, embora declarando não saber a que atribuir o desastre, concedeu a indenização pedida . . .

«MARAJÓ» — Em boa apresentação gráfica, que estêve aos cuidados da Companhia Editôra Americana, e publicada pela Biblioteca do Exército (vol. 197), acaba de aparecer esta obra de Antônio Emílio Vieira Barroso: «MARAJÓ» — estudo etnográfico, geológico e histórico sôbre a grandiosa ilha da foz do Amazonas (332 págs.). Pelos numerosos aspectos que envolve, o assunto é complexo, a começar pelas diversas hipóteses sôbre o povoamento da América e a origem do «Homem Americano» encontrado pelos primeiros navegadores europeus. Depois de resumir essas hipóteses, o autor refere-se aos heróicos tempos da colonização, ressaltando a expulsão do elemento francês do Grão Pará. Narra também a fundação de Belém, para deter-se, finalmente, na conquista da grande ilha de Marajó, na foz do Amazonas. Entra então na vida regional, no modo de viver do caboclo marajoara, na descrição antropológica e geológica da ilha, em suas condições climáticas, riquezas e misérias. Não é esquecida também a riquíssima avifauna que encontramos enumerada, em forma de dicionário, e classificada em têrmos científicos. Em resumo, o sr. Vieira Barroso realizou uma obra de muito critério, que revela intensa familiaridade com o assunto, e que não só se estuda com proveito, mas também se lê com prazer.



MERCEDES-BENZ — Fabricação alemã, de propriedade do famoso compositor de Hollywood, David Rose.

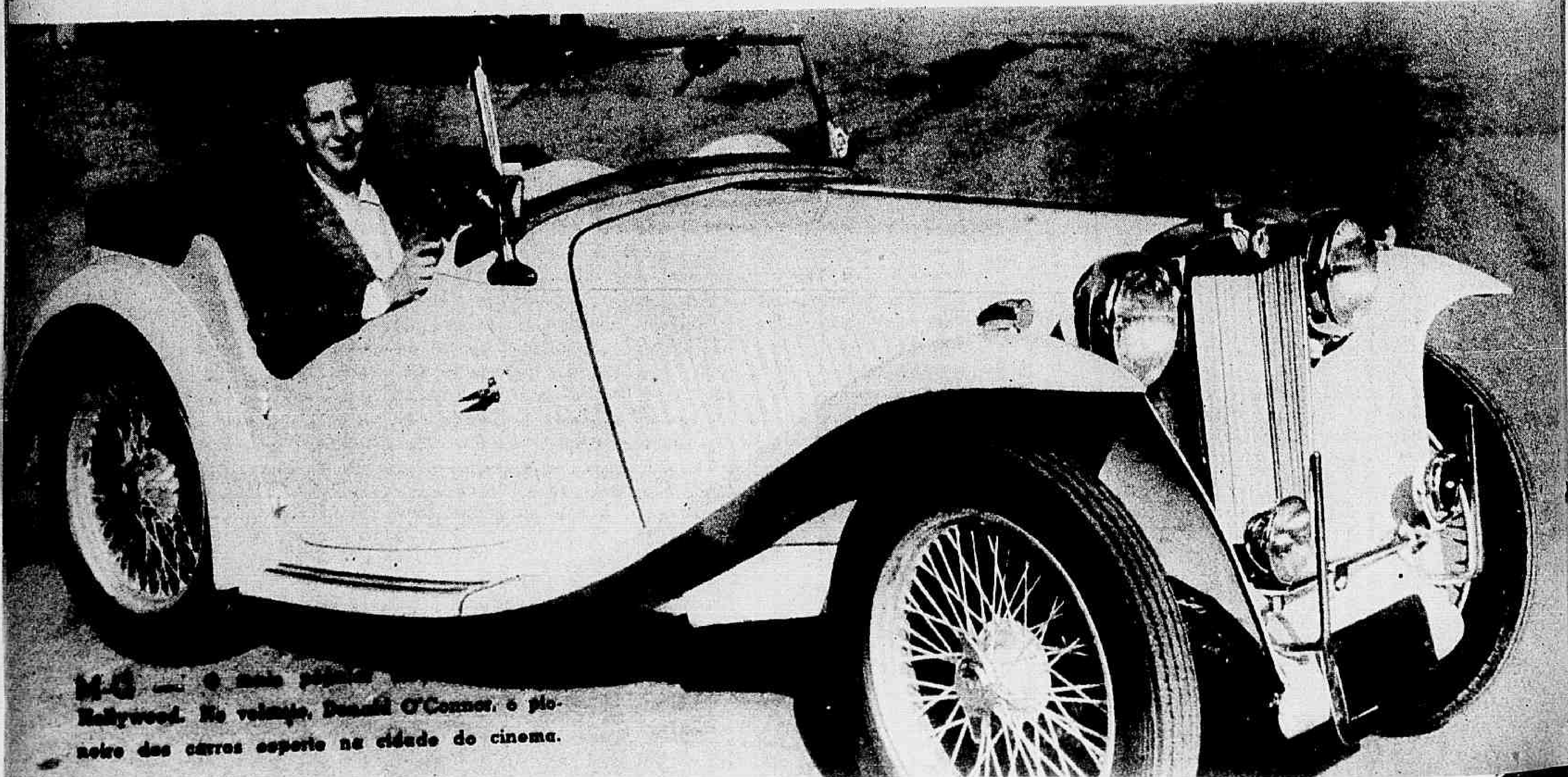


PANHARD — Modêlo francês que brevemente estará no mercado americano, sendo examinado por Tony Curtis.

CARROS-ESPORTE INVADEM HOLLYWOOD

COM a indústria de carros esporte fundada em Detroit, cuja produção competia, desde os primeiros tempos com os fabricantes europeus, pode-se dizer que tais modelos esportivos dominam tôdas as linhas e se tornaram emancipados nos Estados Unidos. Contudo, em Hollywood, sua história é de outro tipo. Os carros de esporte fazem parte de Hollywood como as cenas do «Grauma's Chinese.

Há uns 12 ou 15 anos passados, quando Clark Gable, Bing Crosby e outros se divertiam com seus esportes, mostram as estatísticas americanas, reunidas pela Automibile Manufacturers Association, que, de 1940 a 1945, sòmente 464 novos e 1.962 carros usados de esporte estrangeiros foram importados pelos Estados Unidos. Mas, de 1945 a 1952, foram introduzidos 1.103.409 novos e 2.693 usados. Corridas de

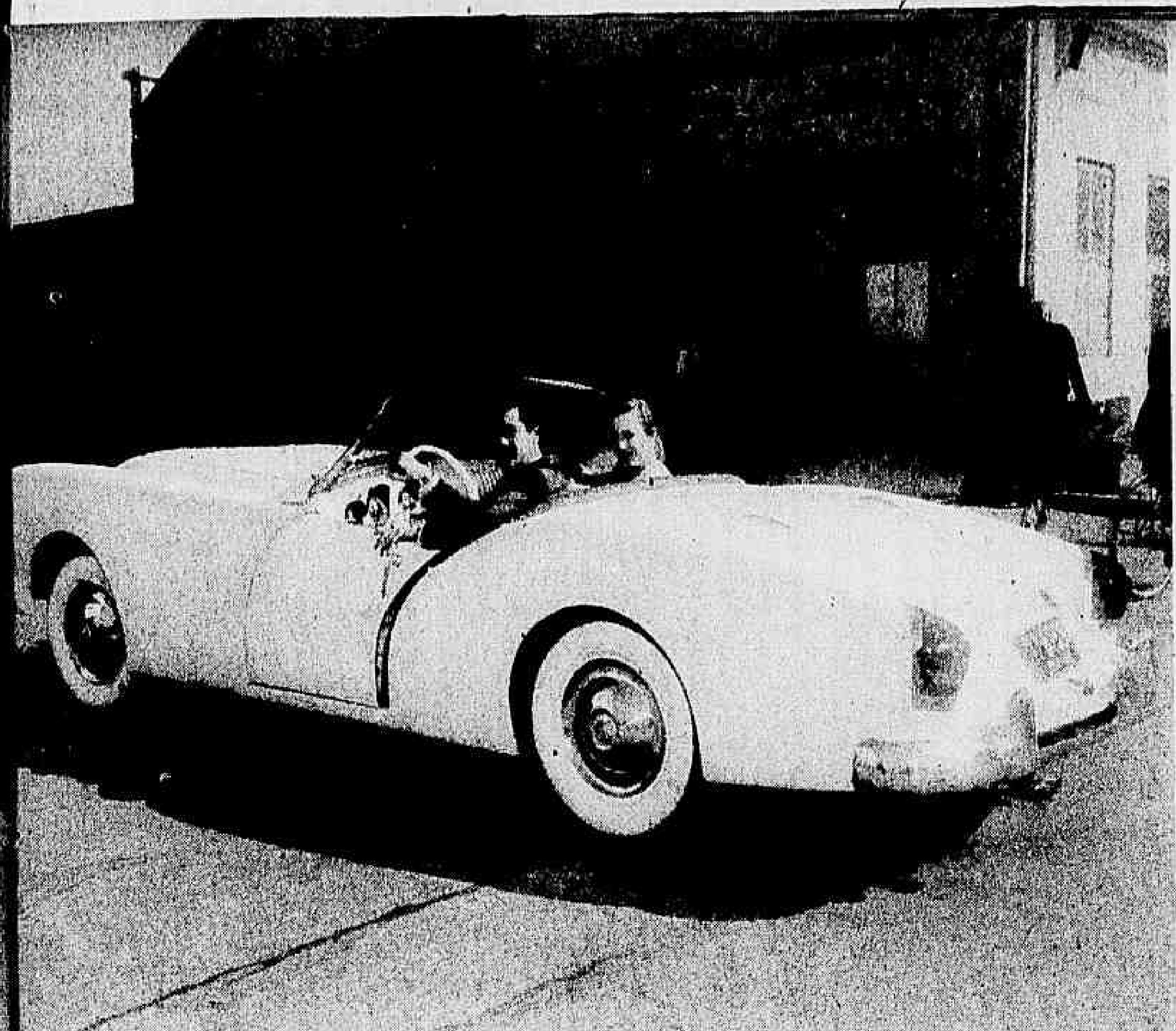


M-G — O mais popular [illegible] Hollywood. No volante, Donald O'Connor, o pioneiro dos carros esporte na cidade do cinema.

VAIDADE, ESPORTIVIDADE OU LUXO, O FATO É QUE TODO ARTISTA FAZ QUESTÃO DE TER SEU CARRO ESPORTE

Texto de LUIS SODRÉ

Fotos SERMA (Hollywood)



KAISER-DARRIN — Criação da companhia Kaiser, um belíssimo esporte que conquistará o mercado hollywoodense.



JAGUAR — O carro esporte de luxo de Hollywood. Assim como Errol Flynn, Bing Crosby e Clark Gable, Humphrey Bogart também possui o seu esporte, um belíssimo Jaguar modêlo 1950.



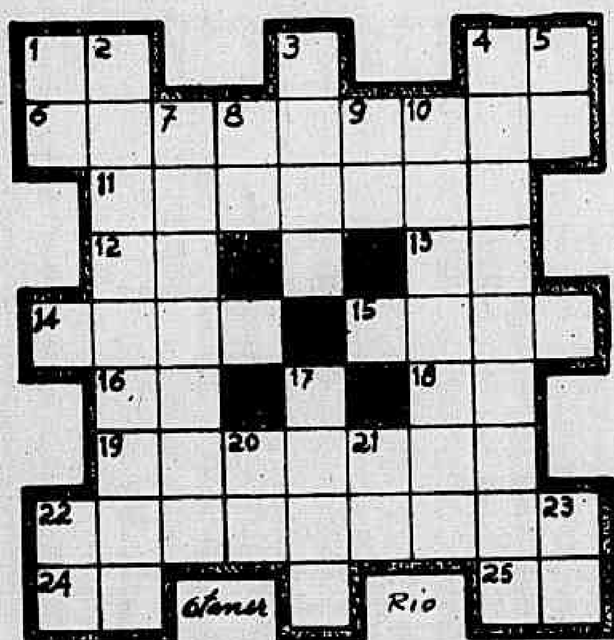


MERCEDES-BENZ — Modêlo 300SL, seis cilindros, capaz de desenvolver 160 milhas por hora. Ruth Hampton dá uma demonstração de como «não se abre» a porta: apenas «levanta-se».

Palavras Cruzadas

PROBLEMA Nº 28

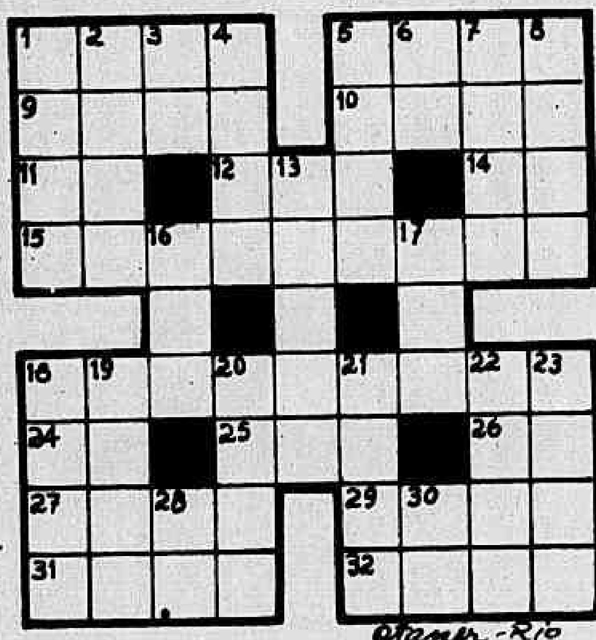
PARA VETERANOS



HORIZONTAIS: — 1. Prefixo que traz a idéia de ponta — 4. Em nossa terra. — 6. Pessoa inábil em sua arte — 11. Frutilha — 12. Prefixo designativo de tendência para dentro — 13. Antes de Cristo — 14. Enseada na costa — 15. Melodia — 16. Cidade da Noruega — 18. 1ª nota na antiga escala musical — 19. Faz uma vez e repete outra — 22. Trecho de rio onde emergem e boiam as tartarugas — 24. Sufixo designativo de ocupação — 25. Trunfo.

VERTICAIS: — 1. Prefixo que traz a idéia de posição em derredor — 2. Ameaçador — 3. Pregar — 4. Corvejará — 5. Contração — 7. Acabei — 8. Cidade da Caldéia — 9. Prefixo, o mesmo que em — 10. Canoa grande, entre os tupis — 17. Medida de comprimento para panos — 20. Instrumento de padejar — 21. Filha do rio Inaco — 20. Símbolo do boro — 23. Epiglote.

PARA NOVATOS



HORIZONTAIS: — 1. Fica amuado — 6. Curo — 9. Sorriam — 10. Lavrar — 11. Seguia — 12. Rio da Suíça — 14. Basta! — 15. Afligir; causar amargura — 18. Mulher nascida na América — 24. Chega! — 25. Interjeição de espanto — 26. De outro modo — 27. Mais adiante — 29. Içar — 31. Pouco comum — 32. Pouco profunda.

VERTICAIS: — 1. Cantiga — 2. Dão miados — 3. O mesmo que uma — 4. Querer bem — 5. Doido ou perdido por efeito maléfico — 6. Brisa — 7. Fiasco — 8. Rezar — 13. Grande ave do gênero Aquila da Europa — 16. Também, ainda — 17. Escarnecia — 18. Ligar — 19. Saco de viagem — 20. Rota, direção — 21. Remar para trás — 22. Hora do ofício divino, entre as sextas e as vésperas (pl.) — 23. Vento brando — 28. Desinência verbal — 30. Ali.

●

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 27

PARA VETERANOS

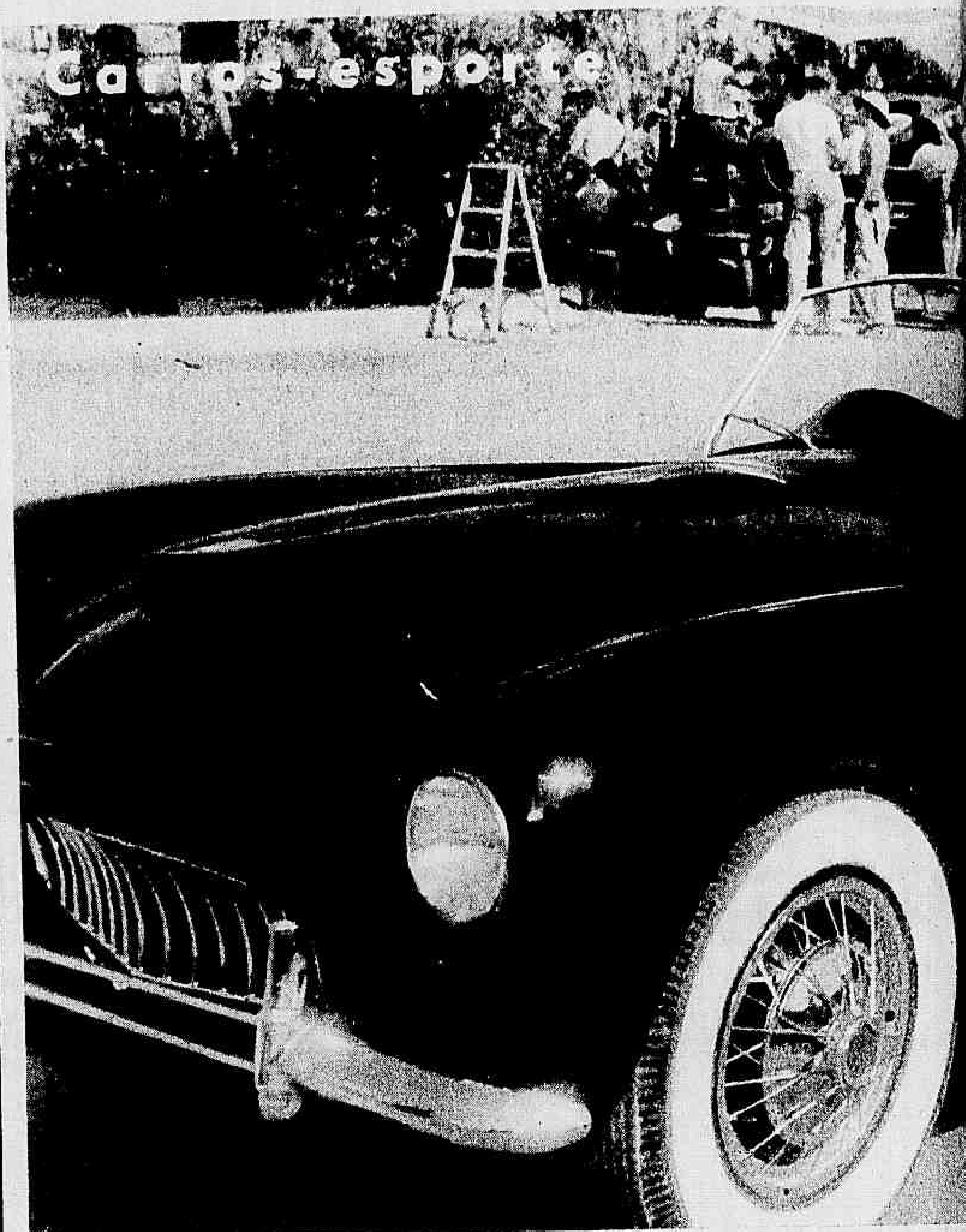
Horizontais: — **omissão** — **obediente** — **úsneas** — **id** — **sitar** — **amt** — **dir** — **Oti** — **dia** — **Furst** — **já** — **sésamo** — **andarecos** — **arraias.**

Verticais: — **obsidiana** — **mentia** — **idear** — **siar** — **Sés** — **an** — **otimismo** — **ous** — **Edt** — **atraca** — **ousei** — **Eja** — **Fera** — **tos** — **sar** — **dr.**

PARA NOVATOS

Horizontais: — **acamado** — **azêdo** — **em** — **ora** — **um** — **lar** — **ate** — **acostumar** — **rir** — **Ari** — **ao** — **ara** — **A.C.** — **aliar** — **ariolos.**

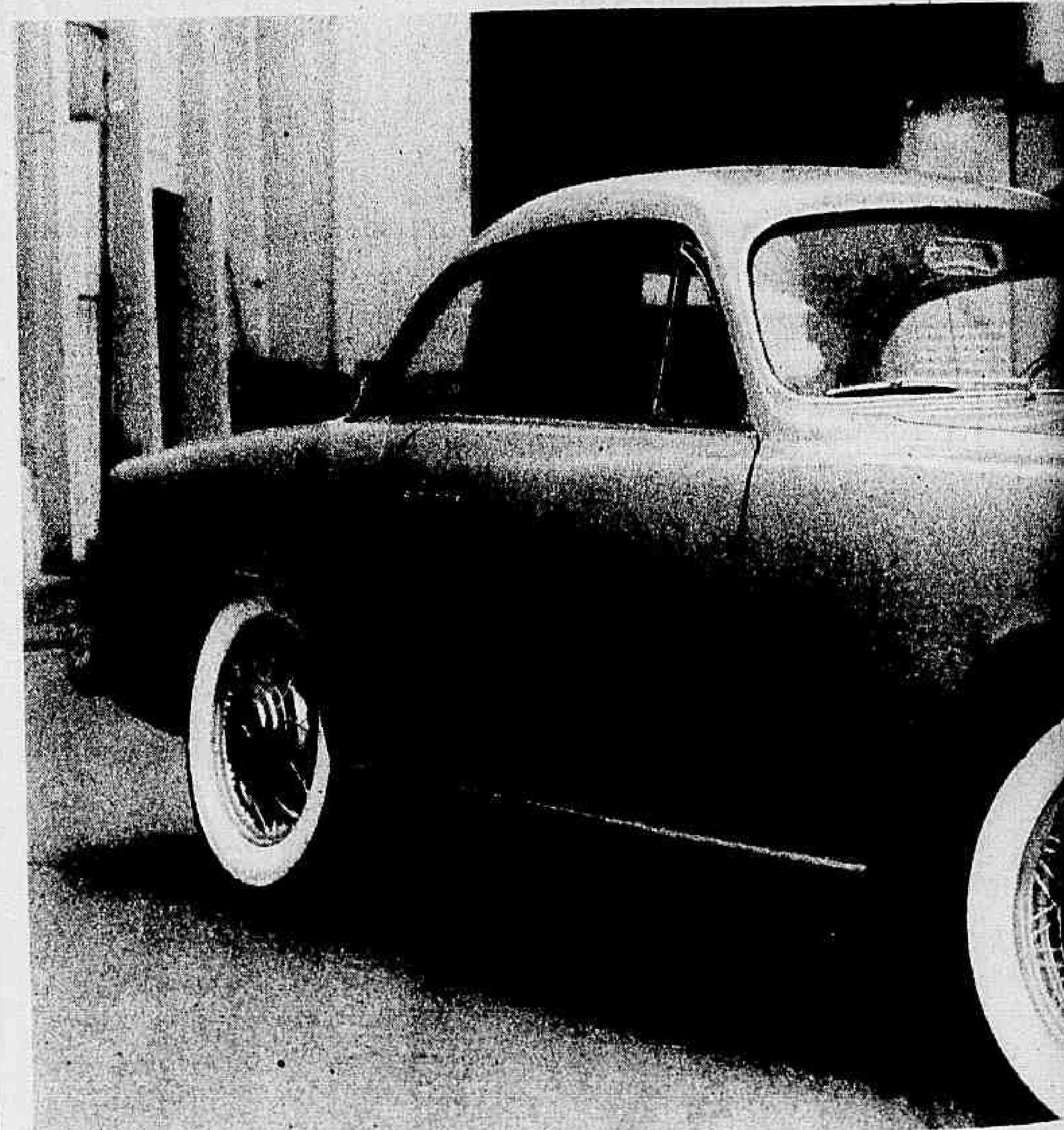
Verticais: — **cá** — **azo** — **meritório** — **Ada** — **do** — **melaram** — **América** — **macio** — **utara** — **ror** — **ama** — **ali** — **aal** — **ar** — **ro.**



WOODHIL — **Modêlo especial, fabricado especialmente para o filme «Johny Dark», da Universal. O tema gira em tôrno de carros esporte.**

carros esporte, usando-se aeroportos para competições, tornaram-se um passatempo nacional.

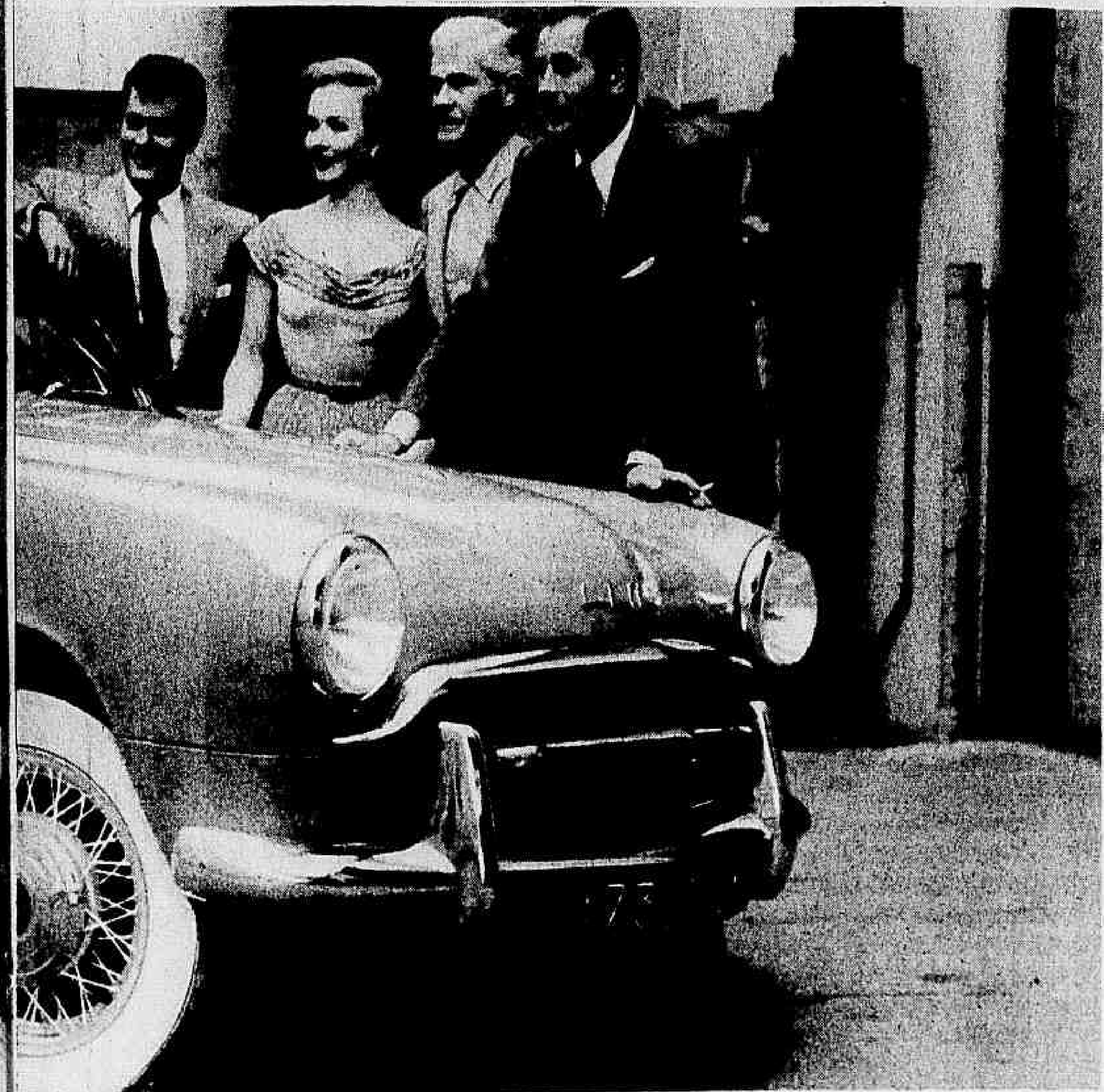
Não só é Hollywood a capital dos carros esporte do hemisfério ocidental, como qualquer observador do assunto pode ver, mas também se prova com os seus primeiros filmes a respeito, como é o caso de «Johny Dark»,



SIMCA — **Modêlo francês adquirido por Paul Kelly (de cabelos brancos). Kelly mostra-o a Tony Curtis, Piper Laurie, e Tom Drake.**



que a Universal International acaba de produzir. Além disso quase todos os artistas da cidade do cinema possuem, independente do seu automóvel particular, um carrinho esporte. Alguns por comodidade, outros por pressa, outros por espírito puramente esportivo, e outros exclusivamente por vaidade. Como em qualquer outra parte do mundo



Flash Carioca

PAULO ANDRADE LIMA







Batista Luzardo • Ester de Abreu • Lourival Fontes

● **DESCOBERTA** — Sòmente agora, anos após a morte do comendador Gervásio Seabra, é que o sr. Assis Chateaubriand descobriu ter sido o morto importante plantador de café... Uma ruidosa festa, patrocinada pelos cafeicultores, foi realizada para comemorar o fato, desconhecido, inclusive, pela família do homenageado.

● **AMEAÇA** — A indústria petrolífera dos irmãos Soares Sampaio estêve, nos últimos meses, sèriamente ameaçada por um grupo de industriais paulistas. Mas a «onda» já passou...

● **CASAMENTO** — O sr. La Seigne (73 anos de idade), presidente da Mesbla, vai divorciar-se após 45 anos de casado: Motivo: a bela secretária, de 28 anos de idade, com quem o presidente contrairá novo matrimônio.

● **POSSE** — Mil pessoas pelo menos na posse de Batista Luzardo, novo presidente da Caixa Econômica. Mas o fato é que ao terminar o sr. Osvaldo Aranha o seu discurso de saudação, os presentes cercaram-no compactamente, deixando o presidente recém-empossado na companhia apenas do senador Rui Carneiro e do deputado José Joffily, ambos da Paraíba.

● **MEMÓRIAS** — O ministro José Américo está aproveitando as tardes dos sábados e as manhãs dos domingos (êle acorda quase de madrugada) para adiantar as suas «Memórias», das quais já escreveu vários capítulos.

● **COMENTÁRIO** — Alguém (de responsabilidade) ouviu de elemento destacadíssimo no Govêrno, presente ao entêrro do major Vaz, o seguinte comentário: «Isto não pode realmente continuar assim. O Brasil começa a se parecer com a França de 1792. Depois será o Terror...»

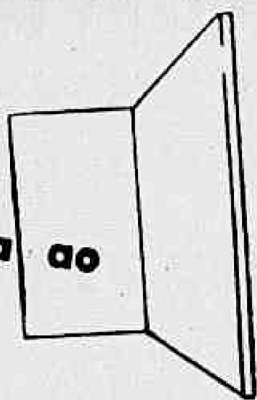
● **SILÊNCIO** — Até o presente momento a Confederação Rural Brasileira não se pronunciou a respeito do decreto instituindo os ágios. Mas êsse pronunciamento será fatal; espera a sua divulgação para os fins da semana próxima. Fala-se mesmo que o deputado Iris Meimberg, o equilibradíssimo presidente da Confederação, já tem pronta a minuta da opinião dos ruralistas a respeito do referido decreto.

● **EMBARQUE** — Eurico Souza Leão andou telefonando para os amigos mais chegados, despedindo-se. Êle embarca hoje (segunda-feira) para Recife, onde fará a campanha pró Cleofas. «Vou de sangue quente, com vontade de brigar», declarou êle.

● **AMEAÇA** — A candidatura do sr. Lourival Fontes a uma senatoria por Sergipe, que seria apoiada por todos os partidos, tem agora pela frente um adversário sério: o ex-governador José Rolemberg, candidato do PR, e que gosa de grande popularidade no Estado.

● **CONSEGUIU** — A sra. Ester de Abreu conseguiu, finalmente, em Portugal, o divórcio há tanto pedido. E já arruma a bagagem para a triunfal viagem de volta.

nova porta aberta ao



COMERCIO EXTERIOR

Com a criação da

CARTEIRA DE CÂMBIO

na Filial do Rio de Janeiro do

Capital e reservas
Cr$ 260.000.000,00

BANCO da LAVOURA

DE MINAS GERAIS S. A.

A Carteira de Câmbio do Banco da Lavoura — que agora inicia suas operações — está apta a prestar ao comércio, à indústria e a quantos transacionam com o mercado exterior, uma série de serviços altamente especializados, dentro dos mais elevados padrões de qualidade e eficiência.

DIRETORIA

PRESIDENTE: José Bernardino Alves Junior

DIRETORES: Nelson Soares de Faria · Aloysio de Andrade Faria · Francisco Rodrigues de Oliveira, Diretor da Carteira de Câmbio

CONSELHO CONSULTIVO: Amynthas Jacques de Morais, Alcides Gonçalves de Souza, Joaquim Martins Vieira, José Procópio Teixeira Filho, e Roberto Eiras Furquim Werneck



RUA BUENOS AIRES, 90 — TELS.: 52-8131 e 52-8921 - RIO

SEMANA ASTROLÓGICA

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE OS DIAS 21 E 27 DE AGÔSTO DE 1954 — (Hemisfério Sul)

Se o leitor nasceu sob o signo do:

★ CARNEIRO (21/9 — 20/10) — O leitor continuará tirando o maior proveito da ambiência astral, pois o novo período não lhe alterará a posição anterior. As favorabilidades continuarão, no seu caso.

★ TOURO (21/10 — 20/11) — A situação, na semana em pauta, será muito melhor. Uma série de bons aspectos benificiará o planêta que lhe conduz o destino, havendo, dêsse modo, condições as mais favoráveis para seus negócios, iniciativas e empreendimentos.

★ GÊMEOS (21/11 — 22/12) — A próxima semana não lhe dará margem para realizações de certa importância. Os negócios não se destacarão em valia, pois as favorabilidades ambientes serão simplesmente medíocres.

★ CANCER (23/12 — 20/1) — A vida doméstica correrá o perigo de um escândalo provocado por elemento da sua «entourage». Nos dias 22, 24 e 26, a traição e a intriga rondarão sua porta. Precavenha-se contra os parentes e pessoas muito íntimas.

★ LEÃO (21/1 — 20/2) — Suas ambições se mostrarão desmedidas nos próximos sete dias. O leitor estará sujeito, por isso, a fortes desilusões. Os piores dias serão 22 e 26. O ambiente, fraco como se mostra, não o ajudará.

★ VIRGEM (21/2 — 22/3) — Será muito apreciável a posição do leitor, em todos os setores de suas atividades. O influxo dos astros, no seu caso, não será muito forte, mas terá expressão benéfica e geral. Com inteligência, poderá tirar da situação o maior proveito.

★ LIBRA (23/3 — 20/4) — Não ponha sua confiança nas labiosas promessas que lhe vão ser feitas, pois o novo período será de frustação em relação aos seus desejos. Fique nas ocupações ordinárias, aguardando melhores dias.

★ ESCORPIAO (21/4 — 20/5). — Na vida profissional, nas atividades que exercer na vida pública e nas questões sentimentais, o leitor estará muito bem pôsto nos próximos dias. Poderá solicitar favores, o concurso de terceiros na solução dos seus problemas, certo de ser atendido.

★ SAGITARIO (21/5 — 23/6) — Os planêtas mais influentes, no caso do leitor, vão lhe oferecer uma semana cheia de situações as mais favoráveis. Nas especulações sua chance será enorme. Os dias mais indicados serão 21, 23 e 27.

★ CAPRICÓRNIO (24/6 — 22/7) — Na vigência da próxima semana o leitor não terá necessidade de conselhos. Sua intuição estará em franca atividade, inspirando-o com absoluto acêrto. Limite-se a ouvir as vozes interiores e não errará.

★ AQUARIO (23/7 — 21/8) — O período a ser iniciado favorecerá as viagens e as excursões. Se fôr possível, inicie, durante o mesmo, as suas férias com a dupla vantagem de divertir-se bem com pouco dinheiro.

★ PEIXES (22/8 — 20/9) — Os dias 22, 23, 24 e 27, além de desfavoráveis às atividades profissionais, poderão induzi-lo ao êrro na iniciativa que pretender tomar. O novo período será o menos indicado para empreendimentos novos.

OS NOMES DA SEMANA

Agôsto,	21	—	Maximiliano	—	Umbelina
"	22	—	Fábio	—	Auta
"	23	—	Donato	—	Sidônia
"	24	—	Eustáquio	—	Aurea
"	25	—	Luís	—	Patrícia
"	26	—	Eulálio	—	Eulália
"	27	—	Firmino	—	Andreza

EFEMÉRIDES DA SEMANA

Marcha e posição do Sol ao meio-dia de Greenwich

Agôsto,	21	—	27º - 53' - 15''	(Signo do Leão)
"	22	—	28º - 51' - 3''	(" " ")
"	23	—	29º - 48' - 53''	(" " ")
"	24	—	00º - 46' - 45''	(Signo da Virgem)
"	25	—	1º - 44' - 39''	(" " ")
"	26	—	2º - 42' - 34''	(" " ")
"	27	—	3º - 40' - 31''	(" " ")



Cena de «. . . e o Noroeste soprou». Da esquerda para a direita: Waldemar Wey, Luísa Sampaio, Luís Calderaro, Henricão, Mário Sérgio, Benedito Corsi e Rosíris. Sentado: Luís Linhares; no chão: Felipe Wagner.

"...E O NOROESTE SOPROU"

BRUTUS PEDREIRA

● O Teatro Brasileiro de Comédia, de S. Paulo, encenou «. . . e o Noroeste soprou», drama de Edgard da Rocha Miranda, detentor do «Prêmio Martins Pena», instituído pela Comissão do IV Centenário, no Concurso de peças teatrais. Se bem o estatuto do Concurso acenasse, apenas, com a possibilidade de fazer representar a peça premiada, sem torná-la obrigatória, a Comissão subvencionou o T.B.C. e encarregou-se de montar «. . . e o Noroeste soprou». Andou bem a Comissão, ao tomar tal medida. Pela qualidade de suas realizações, o Teatro da Rua Major Diogo era o o mais credenciado para trazer a peça ao público. A Companhia Dramática Nacional cogitou de encenar a peça, ao organizar o repertório da temporada de 1954. A dificuldade em encontrar ator capaz de interpretar o papel de Monsenhor Andrada, o protagonista — pois os indicados estavam presos, por contrato, a outras companhias — fêz com que a Dramática não pudesse realizar seu intuito. Não me parecia que «. . . e o Noroeste soprou» fôsse de fácil acesso ao público. Fugindo aos moldes em que se vazam, com raras excessões, as obras de nossos autores teatrais, o drama de Edgard da Rocha Miranda, mais que em choque de paixões, tem sua origem num conflito de idéias e sentimentos, enfeixados na cruciante situação em que se encontra Monsenhor Andrada, entre os imperativos de obediência, que lhe impõe a sua condição de sacerdote, e o humano desejo de não frustrar as esperanças nêle concretizadas pela população dum vilarejo do interior paulista. Por isso, foi-me surprêsa agradável e não pequena presenciar a reação compreensiva e calorosa do público paulista, nos espetáculos de «. . . e o Noroeste soprou» a que assisti. A crítica, entretanto, dividiu-se, na apreciação da peça e manifestou-se através das gradações que vão do ótimo ao ruim. Coisas certas foram ditas e, também, muita tolice. Um dos críticos mais conscienciosos, honestos e cultos acusou o autor de valer-se duma técnica de construção menos apropriada à obra teatral que ao romance. De acôrdo. O autor procurou desenhar, às vêzes, com minúcias, personagens cujas maneiras de pensar e de sentir, evidenciadas, melhor justificariam, através duma certa instabilidade psicológica, o «climax» e o desfecho do drama. Falta ver, agora, se efetuados os cortes propostos e suprimidas as cenas julgadas desnecessárias, a peça não pecaria, então, por excessiva nudez e seria julgada demasiado esquemática. Acabo de trabalhar na tradução de outra peça em condições semelhantes: «Ratos e Homens», de John Steinbeck. Nela, o autor usa o mesmo processo de retratar criaturas e ambientes com vagares de romancista; para chegar à solução final, que se torna irremediável justamente porque, aos personagens que a determinam, dadas as suas características, não restava outra saída. O tradutor italiano desta peça — que, provàvelmente, se viu a braços com dificuldades insuperáveis, ao trasladar o texto, escrito em gíria de agricultores de determinada região dos Estados Unidos, para seu idioma, que deu origem a vários dialetos, mas não tem gíria — cortou tudo o que julgou desnecessário ou intraduzível. Reduziu, consideràvelmente, a peça, sem prejudicar a ação, que permaneceu intacta, mas o texto italiano resultou pobre, sêco, árido e um tanto abrupto, em seu desenlace. O que muitas vêzes nos parece prescindível, em certas peças, é, justamente, o que lhes dá carne, conformação, ambiente, colorido. Podemos cortá-lo, mas a obra, sem dúvida, sofrerá. Como espetáculo, Ziembinski fêz, de «. . . e o Noroeste soprou», uma das ótimas realizações do T.B.C., com qualidades quase documentárias. Conheço Campina do Monte Alegre. É o lugarejo mais triste e apalermado que imaginar se pode. A peça desenrola-se lá e, se o enrêdo é pura ficção, vários personagens também lá têm seu sósia. O cenário de Mauro Francini cria o ambiente de opressora apatia que pesa sôbre Campina. Os intérpretes, guiados por Ziembinski, aproximaram-se, tanto quanto possível, dos tipos escolhidos pelo autor. Restam dois senões, apontados por alguns críticos: a dificuldade que se depara aos atores, de falarem com sotaque caipira e o efeito cansativo da mutação de cena pela entrada lateral do carro sôbre o qual foi construído o cenário do interior da casa de Aleixo. Quanto ao primeiro, o aproveitamento artístico integral do falar dos caipiras só será possível através duma sistematização científica, ainda não tentada. No que tange ao segundo, julgo bem mais cansativa a mudança comum de cenário, que a mutação quase instantânea, no escuro, sem necessidade de o pano fechar-se. O cansaço atribuído a essa solução cênica, mais que a ela, é inerente à forma da peça em quadros. A repetida quebra de continuidade fraciona o enrêdo e lhe diminui a fôrça. Por sua vez, as interrupções sucessivas da emoção, da curiosidade, do interêsse que o texto despertar no espectador é natural que o fatiguem mais que uma ação contínua, desenvolvida normalmente, suspensa, em três horas, por apenas dois intervalos, forma que a experiência tem demonstrado ser a mais conveniente à nossa capacidade de atenção e tolerância emotiva. Contudo, os freqüentadores do T.B.C. gostaram da peça e do espetáculo, riram, comoveram-se e aplaudiram calorosamente. A peça, programada, de antemão, para duas semanas, ficou três, em cartaz. Vai ser representada em Paris, na tradução de Jacques Deval. Quando a teremos no Rio?

● Mantém-se o êxito de «Os Artistas Unidos», em S. Paulo, sob a liderança de Mme. Morineau. Depois de «A cegonha se diverte», veio «Jezabel». Com a saída de Francisco Dantas, Graça Melo entrou para o elenco. Ótima aquisição.

● Em setembro próximo, Maria Della Costa inaugurará seu teatro. Em princípios do ano vindouro, Sérgio Cardoso se instalará no antigo Espéria, ainda sem novo nome, por não haverem sido aprovados os de M'bcy (?), Anhembi, Anchieta e vários outros, propostos. Miroel da Silveira também terá seu teatro, em vias de acabamento. Cacilda Becker, creio que em fins dêste ano, estreará na sua casa de espetáculos. É provável que Cleyde Jaconis também tenha a sua. Pelo visto, estão brotando teatros, em São Paulo. Não será possível arranjar uma sementinha, para o Rio?

● Consta-nos que o novo Adido Cultural do Consulado Geral dos Estados Unidos, Mr. Benoit, está interessado na tradução de peças brasileiras, que serão editadas e oferecidas aos conjuntos norte-americanos. Quer peças típicas, sôbre assuntos brasileiros, e não simples trabalhos de autores nacionais. A lista, já iniciada, inclui «Paiol Velho», «. . . e o Noroeste soprou», «Lampião», «Para onde a terra cresce», «Terra Bendita».



Edgard da Rocha Miranda

Sangue e banana na Guatemala

INCLEMENTE E RÁPIDA A J



Na hora exata em que a descarga dos fuzis atingia os réus. O flagrante é de uma dramaticidade que a reportagem do semanário francês comparou a um quadro de Goya. O novo govêrno guatemalteco tem sido impiedoso para com os criminosos comuns.

APÓS UM MÊS DE PODER, O GOVÊRNO DE CASTILLO ARMAS AINDA NÃO CONSEGUIU DOMINAR POR COMPLETO OS ACONTECIMENTOS; E TALVEZ SEJA VÍTIMA DE UMA CONTRA-REVOLUÇÃO.

(Fotos "Paris-Match" e U. P.)



Uma foto de Jacob Arbenz, o presidente deposto, ao assumir o govêrno, três anos atrás. Êle sucedia a Juan Arevalo, líder esquerdista.

OS impressionantes flagrantes fotográficos que reproduzimos aqui foram conseguidos, na Guatemala, pela reportagem do «Paris Match», o importante semanário francês. Mostram êles o processo, drástico e fulminante, do fuzilamento de indivíduos que foram surpreendidos pelos rebeldes guatemaltecos, no calor da revolução, quando pilhavam casas de camponeses e violavam suas mulheres. A Justiça foi inclemente, e o julgamento não demorou mais do que alguns minutos. Logo em seguida, os réus eram encostados a um muro e executados: uma descarga de fuzis os abateu sem piedade.

O DRAMA NÃO TERMINOU

A atual situação na pequena república do Caribe ainda é crítica. O «Exército de Libertação», chefiado por Castillo Armas, acabou sendo dissolvido, em vista da negativa das tropas regulares, dos operários e dos estudantes em mantê-lo mobilizado. Ao mesmo tempo, cinde-se a Revolução que depôs o govêrno comunistizante de Jacob Arbenz em duas facções: uma, que procura manter a todo custo o govêrno de Castilo Armas; outra, que procura estabelecer num país um «statu-quo» militar tìpicamente ditatorial, com a supressão da liberdade de imprensa e adiamento «sine-die» de novas eleições.

O «ULTIMATUM»

No instante em que escrevemos, novos despachos telegráficos acrescentam episódios recentes ao drama que está vivendo a Guatemala. Um dos telegramas revela, por exemplo, que é iminente uma greve geral nas

JUSTIÇA DOS VENCEDORES



Após a execução, um padre entoa uma prece pela alma dos condenados. O fuzilamento foi público, tendo sido assistido por pouca gente.

Em São Paulo, no Rio, em Minas, em Pernambuco, na Bahia, no Rio Grande do Sul ou em qualquer outro ponto do Brasil, a qualquer hora, ouvindo rádio, ouça sempre os melhores programas com os grandes cartazes da

RÁDIO RECORD DE SÃO PAULO

ONDAS MÉDIAS
1.000 kcs. 300 mts.

ONDAS CURTAS
19 - 25 - 31 e 49 mts.

Uma das EMISSORAS UNIDAS



Um dos condenados implora perdão aos seus executores momentos antes da execução. Perdão negado.

INCLEMENTE E RÁPIDA... (conclusão)

plantações da «United Fruit», o poderoso e arrogante «trust» que controla tôda a indústria frutífera das nações da América Central; enquanto outro despacho informa que organizações anti-comunistas estão forçando a dissolução da Junta Governativa, exigindo a permanência de Castillo Armas como chefe absoluto do novo govêrno. Apesar de visceralmente anti-esquerdistas, as referidas organizações (entre as quais se filiam a Associação de Agricultores e a Câmara do Comércio, ambas dominadas pela «United Fruit») temem que um govêrno militar e totalitário comprometa sèriamente a Nação em face da política internacional.

Pedem as organizações anti-comunistas:

1 — «Unificação do poder» em mãos de Castillo Armas, «porque os triunviratos nunca deram resultado na Guatemala.

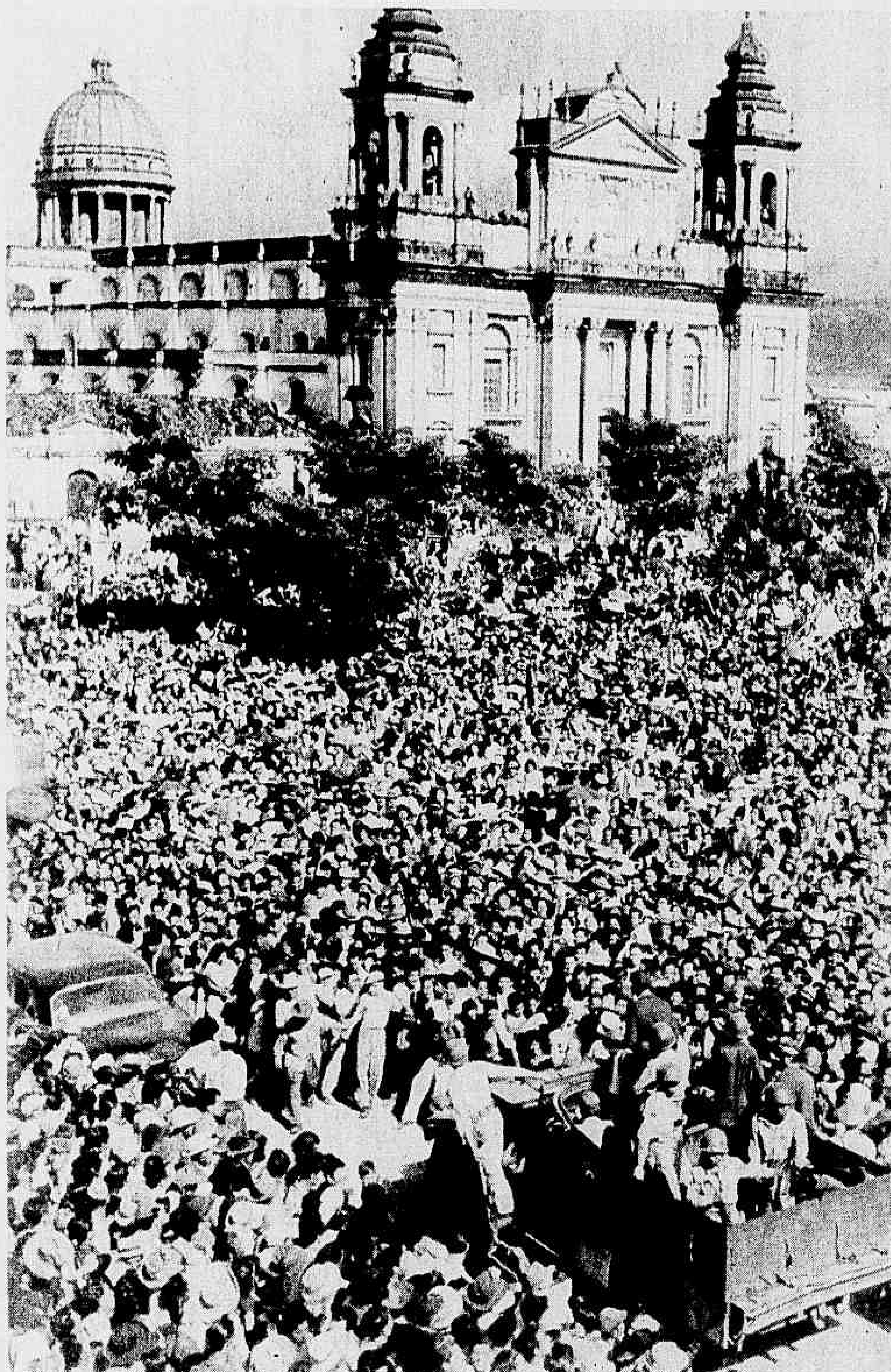
2 — Destituição dos governadores de província cuja lealdade é duvidosa e constituição de um govêrno integrado sòmente por anticomunistas reconhecidos.

3 — Castigo dos militares rebeldes «de acôrdo com as disposições mais severas do Código de Justiça Militar», e incorporação das unidades do «Exército de Libertação» ao Exército Regular.

Da aceitação dêste «ultimatum» ou do seu não cumprimento é que depende o futuro imediato da ensagüentada Guatemala, país progressista que está vivendo os instantes mais dramáticos de sua vida.



No primeiro dia da revolução, «tunderbolts» rebeldes bombardearam severamente a cidade de Guatemala.



Perto de vinte mil pessoas aglomeraram-se em frente ao Palácio do Govêrno. «Queremos Castillo Armas!», gritam.



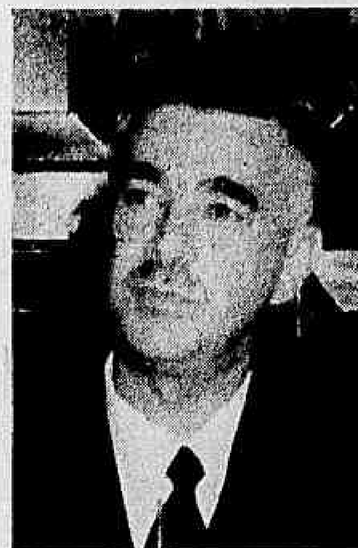
Tropas regulares mantêm guarda, dia e noite, à porta do palácio do govêrno, onde Castillo Armas luta por manter-se.

Flash Paulista

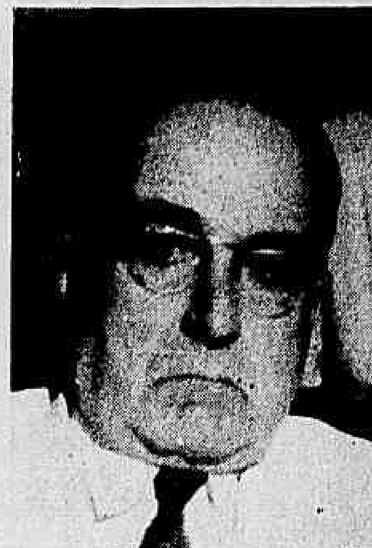
HÉLIO ABREU



Hugo Borghi



Lucas Garcez



Getúlio Vargas

● O GOVÊRNO GARCEZ, no seu último ano, apresenta ao povo de Piratininga enorme soma de serviços prestados. Seu campo de realizações é vasto e, considerando as dificuldades encontradas, Garcez fêz mais por São Paulo que quarquer outro político bandeirante. Nos setores energia elétrica e viação, por exemplo, o vulto dos empreendimentos se agiganta e ultrapassa a tôda e qualquer expectativa. As obras do Paranapanema, que compreendem uma série de usinas hidrelétricas, por si só respondem àqueles que injustamente assacam contra o governador a pecha de inerte. São Paulo, que tem sabido premiar aquêles que trabalham, não esquecerá, por certo, o muito que deve a Lucas Nogueira Garcez, o governador que planeja e realiza sem perder as linhas de austeridade e honestidade que tão bem o caracterizam.

● O PORTA-AVIÕES «SÃO PAULO». Ainda está na memória de todos o movimento encetado por certos círculos de São Paulo para que os paulistas, através de subscrição levada a efeito no Estado, adquirissem um porta-aviões para a nossa Marinha de Guerra. A belonave deveria substituir o encouraçado «São Paulo», que dera baixa da esquadra. Todos conhecem o fim do gigante dos mares e a sua rebeldia em ser transformado em ferro velho: o velho e glorioso barco rompeu os cabos que o prendiam a um rebocador e mergulhou garboso no verde do Atlântico. Agora, fala-se que os homens de ação de São Paulo, tendo à frente o governador Lucas Nogueira Garcez, vão concretizar a promessa: dar à Marinha um novo «São Paulo».

● NOVAS FÁBRICAS PARA SÃO PAULO. O parque industrial bandeirante, sôbre ser o mais importante da federação, é ainda o que maiores possibilidades oferece aos homens de negócios. Desta forma, capitais estrangeiros, em número cada vez maior, afluem ao Estado. No sentido de amparar a florescente indústria paulista e no de estimular a estrangeira, vem de elaborar a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, sob a direção do sr. Antônio Devisate, um vasto plano de ação. Aliás, a imprensa noticiou a próxima chegada ao Brasil de um grupo de industriais da escandinávia, que aqui virá a fim de estudar a transferência de fábricas para o Estado.

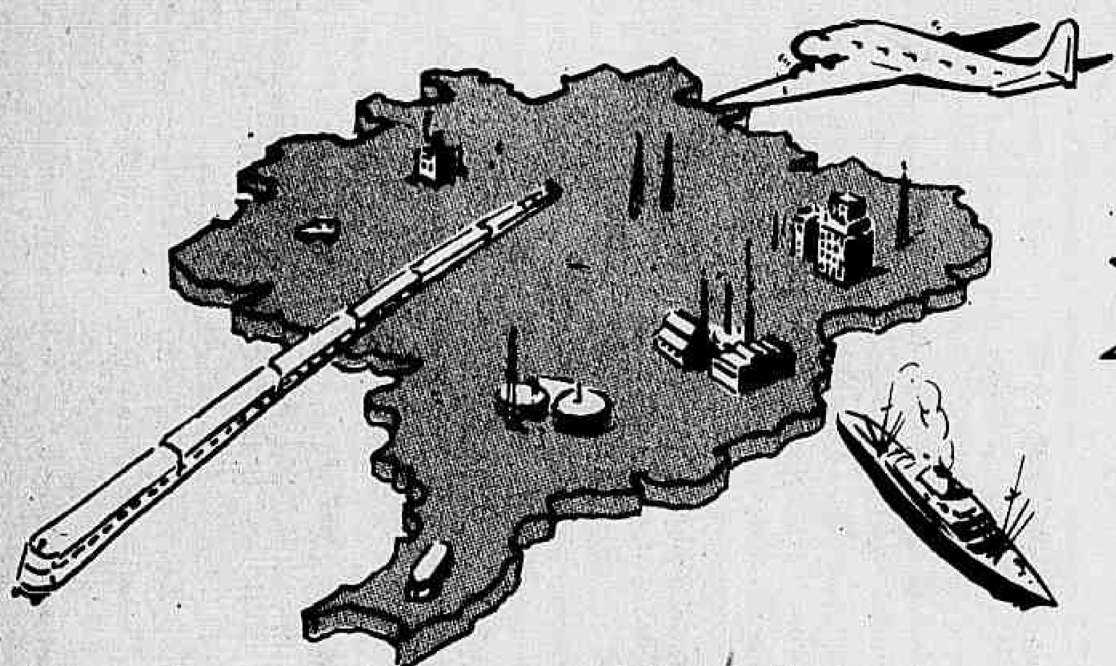
● O CINEMA EM S. PAULO. Depois da crise por que passou (e ainda está passando) a Vera Cruz, os cineastas nacionais foram tomados de uma tremenda epidemia de timidez: ninguém queria empregar dinheiro na indústria do cinema. Agora, ao que se sabe, um novo grupo pretende fazer ressurgir a sétima arte em São Paulo. Fala-se mesmo que até a aquisição da própria Vera Cruz encontra-se nas cogitações do referido grupo.

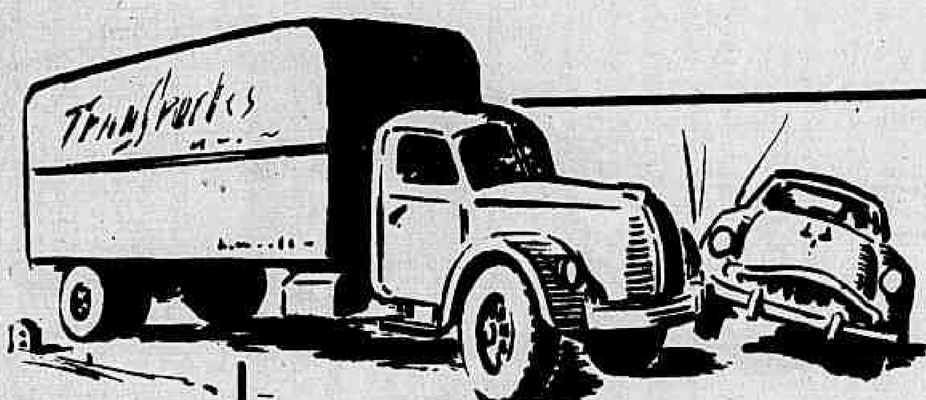
● VOE PELA REAL... DE **CONVAIR.** A Real Transportes Aéreos acaba de receber dos Estados Unidos os primeiros aviões «Convair», com os quais pretende ampliar a sua já considerável frota. Trata-se de aparelhos gigantescos, com capacidade para mais de quarenta passageiros e cuja velocidade chega a quinhentos quilômetros por hora.

● PIZA FORA DO PAREO (BORGHI TAMBÉM). A luta política que se está travando em São Paulo acaba de aquirir uma tonalidade mais clara, com as indecisões do PTB em tôrno de Piza, e do próprio sr. Hugo Borghi que vem (sem êxito) tentando barganhar os votos de que dispõe. Assim, apenas os nomes de Prestes Maia, Jânio e Ademar permanecem firmes para o embate de outubro.

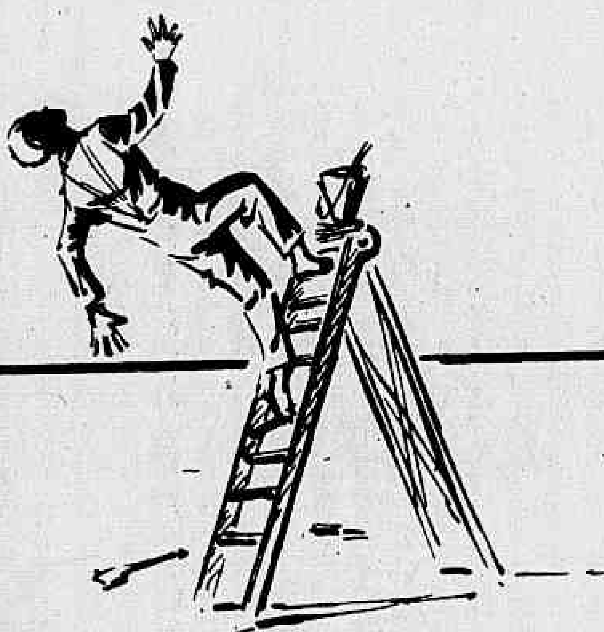
● O PSP NA BERLINDA. Na Câmara Federal o Partido Social Progressista é uma espécie de camaleão: muda de côr a todo o momento, desde que isso lhe traga vantagens. Vêzes há que os populistas votam contra Getúlio (e o atacam rudemente), outras votam em massa pela batuta do líder Capanema. Tantas são as vacilações do partido de Ademar que o deputado Lopo Coelho quando quer a êle se referir, diz apenas: «o relógio do português» (o tal que às vêzes é de ouro e outras não é...)

A FORTALEZA
COMPANHIA NACIONAL DE SEGUROS


TRANSPORTE

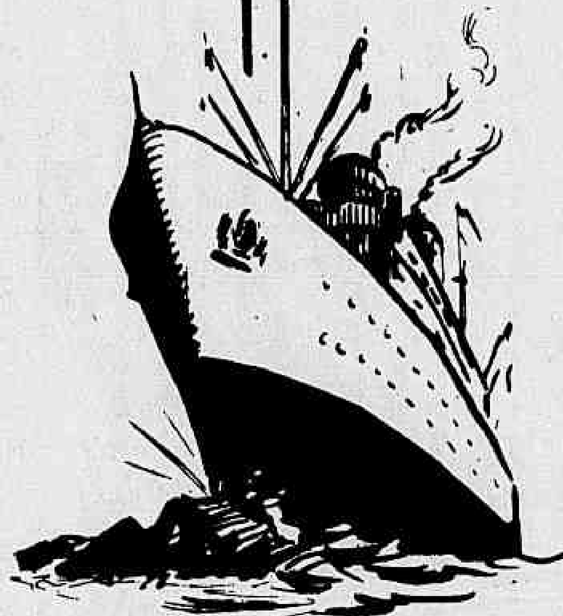


AUTOMÓVEIS


ACIDENTES PESSOAIS


ACIDENTES DO TRABALHO


INCÊNDIO


CASCOS

SÔBRE TODOS NÓS....

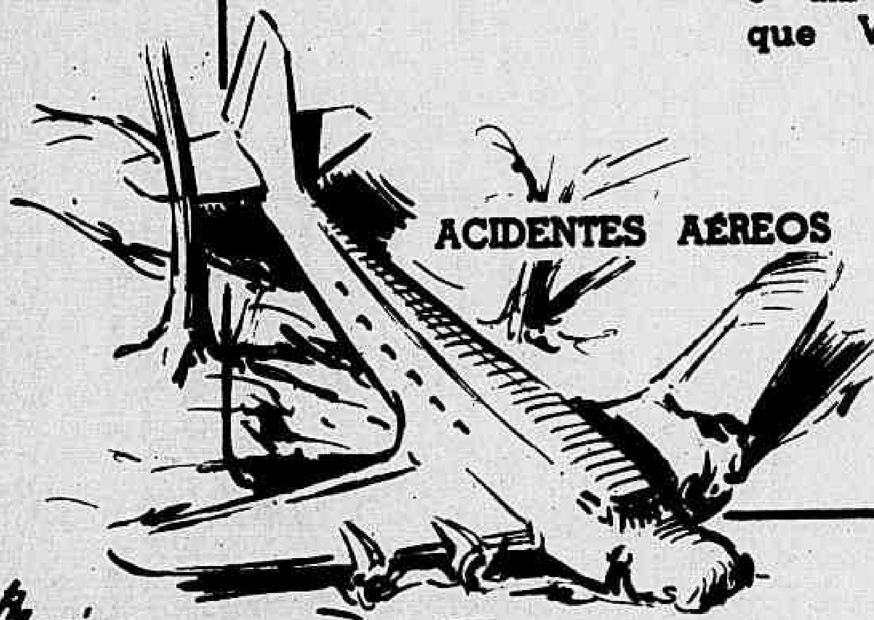
... como a espada de Dámocles, pesam as incertezas do destino... mas quando a Fatalidade quiser desferir golpes contra a sua pessoa, contra os que dependem de suas atividades ou danificar seus bens... defenda-se com apólices de **"A FORTALEZA"** — companhia que opera com eficiência e idoneidade — e que lhe garante **pronta liquidação dos sinistros, sempre em dinheiro à vista e sem desconto.**

"A FORTALEZA"

JÁ INDENIZOU A VÁRIOS DE SEUS SEGURADOS, COM DESEMBARAÇO E RAPIDEZ, EM MAIS DE

Cr$ 120.437.248,80

Uma apólice de seguro de "A FORTALEZA" é um título de garantia e previdência que V. S. deve adquirir hoje mesmo.


ACIDENTES AÉREOS


LUCROS CESSANTES



RESPONSABILIDADE CIVIL

Capital e reservas mais de Cr$ 30.000.000,00

SEDE

RUA DA ASSEMBLÉIA Nº 72 — 5º Pavimento — Telefone: 32-6868 — RIO

SUCURSAL DE SÃO PAULO

RUA BARÃO DE PARANAPIACABA, Nº 24 — 6º Andar

AGÊNCIAS EM TODO O PAÍS

OS CARDÁPIOS RACIONAIS

● Uma das vantagens dos pequenos folhetos que constituem a coleção do SAPS, «Saúde e Alimentação», é a de nos fornecer os dados necessários para a organização de cardápios diários, variados e racionais. Êsses cardápios devem equilibrar os elementos nutritivos de origem diversa, de maneira a nos fornecer as quantidades necessárias de proteínas, hidratos de carbono, gorduras, cálcio, fósforo, ferro e as várias vitaminas. Nêles aprendemos ainda que as proteínas são alimentos plásticos, pois sua principal função é a de construção e renovação dos tecidos, sendo pois indispensáveis à nossa subsistência. Os cientistas do SAPS estabeleceram os «quadros» das principais fontes de proteínas, em alimentos tradicionalmente usados no Brasil, como a castanha do Pará e a soja. Uma alimentação racional deve conter proteínas de origem animal (o leite e seus derivados, a carne, os ovos) e vegetal (feijões, lentilhas, trigo, aveia, milho, etc. além de castanha do Pará e da soja) desde que ambas se completam, para a «arquitetura» do organismo humano.

Outro fruto nacional, o assaí, da região amazônica, foi também estudado pela Divisão Técnica do SAPS, que o inclui no rol dos bons alimentos. A descoberta da vitamina A, nesse fruto, foi realizada nos laboratórios do SAPS, constituindo, portanto, uma vitória legítima de sua equipe de cientista. Êsse nº 6 dos folhetos «Saúde e Alimentação», que estamos comentando, analisa, igualmente, outras frutas, como o morango, o figo, a goiaba, e legumes e vegetais como o brócolo, a ervilha, o nabo, a couve, etc. Algumas indicações úteis sôbre a preparação científica de pratos nacionais de grande teor vitamínico, tais como o quibebe e a couve à mineira são também ensinados pelo SAPS, a fim de que êsses alimentos, quando preparados, conservem ao máximo suas propriedades essenciais. Enquanto aprendemos, a graça dos desenhos de Hilde Weber nos predispõe a aceitar as leis da boa alimentação. E, conforme acontece ao correr todos êsses folhetos, os técnicos do SAPS insistem sôbre as propriedades nutritivas do leite e as qualidades de suas proteínas. Para os que não suportam o leite deve ser fartamente utilizado um de seus derivados, o queijo, que possui as mesmas substâncias nutritivas, em maior concentração.

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº.......

NOME...........................

RUA.................. Nº.....

CIDADE.........................

ESTADO.........................

Preço para todo o Brasil: Cr$ 50,00

★ CHAMPANHOTA ★ CHAMPANHOTA ★ CHAMPANHOTA ★

JACINTO DE THORMES VIROU "GLOBE-TROTER"

VISITA À «QUINTA DOS BRAGA»

PETER

● **Acabo de receber do cronista Jacinto de Thormes dois cartões e uma carta. Há dois meses atrás nós fomos levá-lo ao Galeão, onde gravou um «até já» aos seus ouvintes do Rádio. O avião rodou na pista, uma senhora observou que estava queimando muito óleo (aquela fumaceira da arrancada), um senhor entrou em detalhes técnicos sôbre o comprimento da pista e eu, muito leigamente, cruzei todos os dedos dos pés e das mãos. Deu certo, graças a Deus, e poucas horas depois êle e o jornalista José Amádio sofriam o Brasil x Hungria. Logo depois, partiam para o Oriente a convite do govêrno do Líbano. E, assim, meu caro cronista tornou-se «globe troter»: Zurich, Bern, Geneve, Basel, Lausane, Biel, Interlaken, Roma, Bari, Taranto, Beiruth, Jerusalém, Cairo e Veneza. No momento em que rabiscou o cartão, estava em Cortina d'Ampezzo que é um lugar elegante nos Alpes, perto da fronteira austríaca. Na Itália, ficou hóspede de sua tia, Princesa Yollanda Dentice di Frasso, proprietária do Castelo de San Vitto dei Normani, onde Jacinto nos conta que dormiu no mesmo quarto que foi usado pelo rei Humberto, quando fugia para o exílio.**

Mas, num dos cartões, no que veio em meu nome, está escrito: «Aqui está uma vista geral das praias do sul da Itália, como eu as vejo». Acontece que de praia, mesmo só tinha um montinho de areia e, por mais que eu me esforçasse, só conseguia ver duas garôtas morenas. Já o segundo cartão era dirigido «ao gentleman William Shakespeare Júnior, mais conhecido no bairro do Peixo pelo nome de Willy». Trata-se de um carinhoso abraço ao seu filho-cachorro, através de um cartão cem por cento canino (retrato de um puro-sangue) e uma homenagem ao consagrado escritor inglês. No momento que escrevo esta coluna, recebo pelo telefone a notícia de que Jacinto de Thormes viajou da Itália para Madrid no mesmo avião que o casal Guilherme da Silveira veio para o Brasil, de volta de sua excursão. Em Portugal, o casal Antônio Carlos Braga, que foi companheiro do cronista na ida para Europa, embarcou no mesmo avião com destino ao Brasil, depois de longa estada na famosa e belíssima «Quinta dos Braga».

Agora, concluo: Jacinto desceu em Madrid, tomou passagem para Barcelona e foi passar alguns dias com seu pai, o diplomata Lauro Muller. Foi matar umas saudades e volta logo. Já está fazendo muita falta na paisagem noturna. E no arco do «goal» de algumas praias da zona sul, também.

● NOITE DE LONGCHAMPS

A semana do «turf» terminou de maneira excelente, do ponto de vista social, com a «noite de Longchamps». O Jockey Club ofereceu um «Souper» às delegações, tendo comparecido o Conde Guilherme Prates, sr. e sra. José Cerquinho Assunção, sr. e sra. Celso Rocha Miranda e outros.

● AINDA NA TÊRÇA-FEIRA

Ainda na «noite de Longchamps», aconteceram três outros jantares. Estêve perfeito o «cock-tail» oferecido pelo casal Horácio Klabin, presentes o sr. e sra. Walder Sarmanho, srta. Gilda Robichez e os senhores Walter e Herbert Quadros.

● CHAMPANHOTA E MÚSICA DE BENÉ

Animado pelo pianista Bené, foi até altas horas o jantar oferecido pelo casal Frank Hime, com magnífico «menu» e muita champanhota.

No mesmo dia, o sr. José Willimsens ofereceu um jantar ao Barão Rotchild. Foi uma têrça-feira de grande movimentação.

● ALFREDO TOMÉ BATE PALMAS

O sr. Alfredo («Rio-Magazine») Tomé e senhora bateram muitas palmas para Elisete Cardoso que continua a fazer sucesso absoluto no «Vogue». O Barão bateu algumas também de contentamento, pois a menina dos olhos vai indo bem.

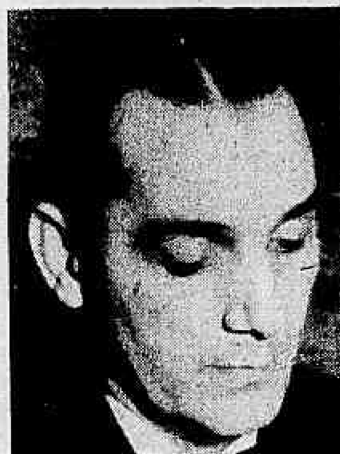
● BUENOS AIRES - RIO

Casaram-se no dia 12, na Reitoria da Universidade do Brasil, Laura e Ricardo César, filhos do sr. e sra. Jorge Santos Lima e sr. e sra. Manuel Francisco Julian Fernandez. Trata-se do casamento de moça da sociedade carioca com médico da melhor sociedade argentina. Com isto perde o correio que fazia grande movimento de cartas entre a Urca e Buenos Aires. Após a bela cerimônia, foi oferecido um «cock-tail» no «Yatch-Club».

● NÓS, OS GATOS

Estêve magnífico, rápido e engraçadíssimo o «ping-pong» radiofônico travado entre os srs. Van Gôgo e Fernando Lôbo. Os dois jornalistas mostraram que são hábeis no manejo da raquete.

GENTE DA NOITE



Caribé da Rocha

● **Eu já conhecia o sr. Caribé da Rocha de algum tempo, quando fui acompanhar um amigo ao exame médico da Caixa Econômica. Esperamos algum tempo até que a enfermeira mandou-nos entrar. Qual não é meu espanto ao encontrar de avental e «estetoscópio» no pescoço o meu já conhecido diretor artístico do Copacabana Palace.**

Êste «doublè» de médico e artista começou sua vida nos meios teatrais, fazendo jornal, onde criou a crítica dos «shows» de cassino, com um lado social. Nesta função, recebeu diversos convites que foram rejeitados até que o Copa, há 13 anos, foi convidá-lo para ser uma espécie de braço direito do sr. Stuckart, nos assuntos brasileiros. Com a saída do Barão para o «Vogue», passou automàticamente à direção, fazendo até hoje uma série de «shows» sôbre os mais variados assuntos.

Quando sair esta nota-biográfica-relâmpago, já terá estreado, provàvelmente, o novo programa do Copa, «fantasias e fantasias», obra sua. É um «show» limpo, musicado, mas, nas próprias palavras do pai da obra: «trata-se de uma obra sem qualquer finalidade de impressionar, ou fazer concorrência. Fiz tudo para que saísse o melhor possível e deverá agradar ao público que está habituado com os espetáculos que o Copacabana tem apresentado sempre».

Caribé é dos esteios que mantém o bom nome e a tradicional sobriedade do Copacabana Palace. Uma excelente figura da noite.



Na exposição de Verá Bocaiúva, as sras. Geraldo Baatista, Ulisses Viana, E. G. Fontes e sr. Antônio Bonfim.

● O SR. VASSALO, BAMBI E NÓS

Semana passada tive o prazer de ser convidado pelo dinâmico sr. Luís Vassalo para jantar no «Casablanca». Abro um parêntesis para ressaltar o magnífico trabalho de Bambi, um ex-integrante do grupo de Katherine Dunhan. Foram igualmente convidados pelo simpático anfitrião o sr. e sra. Flávio Cavalcânti, srta. Gilda Robichez e sr. Lúcio Martins.

● DO BRASIL PARA BEIROUTH

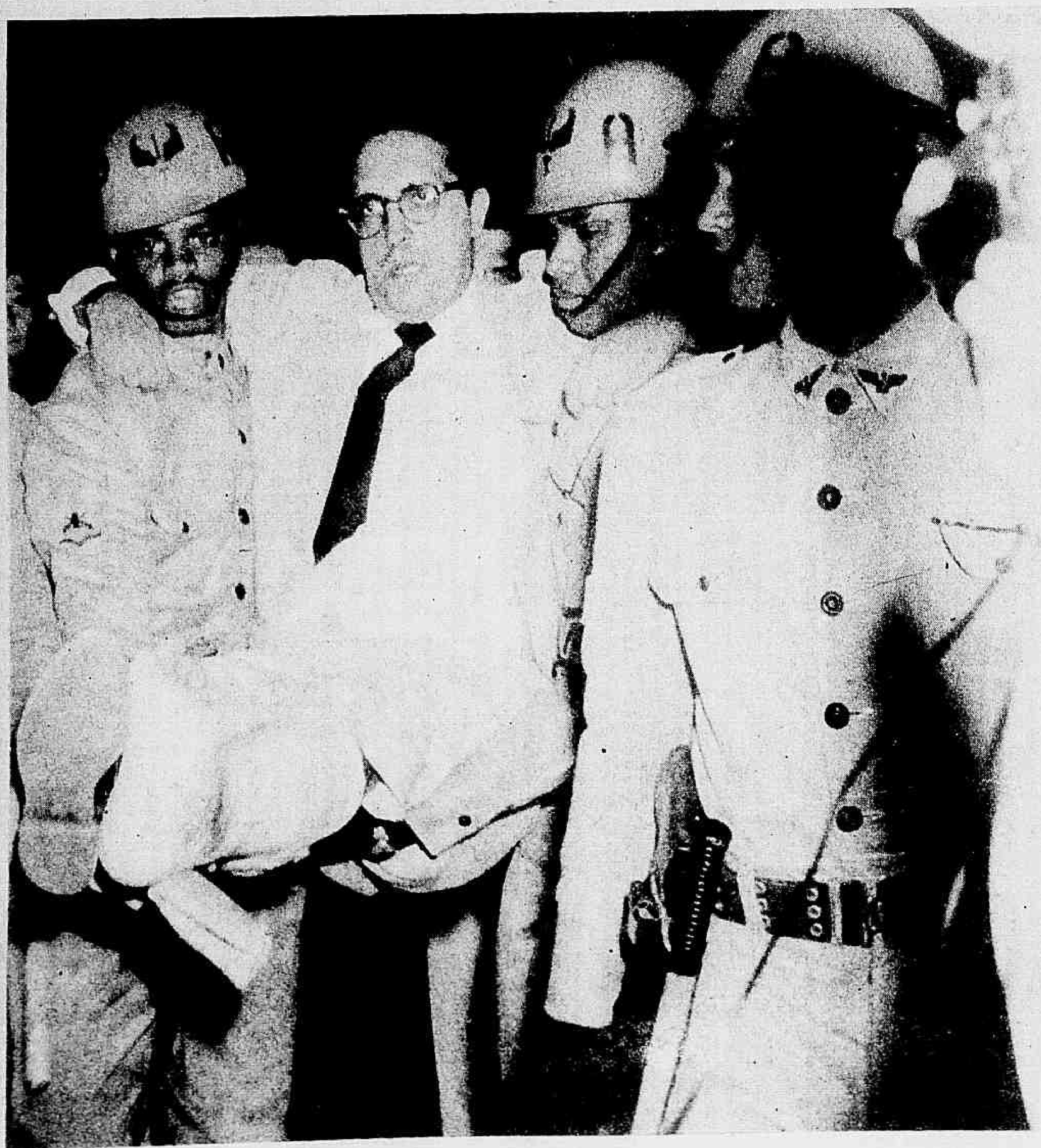
A srta. Mathilde Rachid (da sociedade paulista), filha do casal Rachid Mansur Rahme voou do Brasil para se casar no Líbano com o engenheiro Oscar Nazzan, pertencente a uma das mais tradicionais famílias daquele país. A cerimônia nupcial compareceu a melhor sociedade do país dos cedros.

(Fotos «Rio-Magazine»)

★ CHAMPANHOTA ★ CHAMPANHOTA ★ CHAMPANHOTA ★

O CARIOCA TOMA NOVAMENTE O CAMINHO DO CEMITÉRIO

O POVO CHOROU NO ENTÊRRO



O pé ainda enfaixado, Carlos Lacerda acompanhou de automóvel o entêrro do major Vaz. Soldados da Aeronáutica levaram-no até o veículo e, no cemitério o conduziram até o túmulo do oficial.

POVO DAS RUAS, ALMA SIMPLES E COMOVIDA DA CIDADE, COMO NÃO PERCEBER-LHES A

A cena é a mesma, a gente é a mesma. Quase poderíamos reconhecer neste outro entêrro, patético como o de Nestor Moreira, as mesmas faces que naquele dia chuvoso acompanharam de vela na mão o jornalista massacrado. E' que o povo tem mais ou menos a mesma face, principalmente se reflete ela a tristeza e o silêncio da revolta. E essa multidão não estava prevenida, não acompanhou agonia do major Vaz como o fêz, carinhosamente, com Moreira — ao contrário, foi colhida de chofre, e impelida à homenagem fúnebre quase sem transição. E' que a vítima de agora tinha sido abatida instantâneamente, e não houve desta vêz a agonia, o velório e as infindáveis horas de espera que antecederam o entêrro do repórter.

Nem por isto, a gente que aí surge é menos eloqüente em sua trágica simplicidade. Povo das ruas, alma simples e comovida da cidade, como não perceber-lhes a fôrça de seu apoio e de sua cólera? E no entanto, estranha cidade esta, cuja gente está sempre pronta para manifestações como esta. Que não devemos esperar de quem assim reage, e vibra quando atingida em seu cerne, e entope ruas e praças públicas, e desata faixas de protesto, e eloqüentemente derrama suas melhores lágrimas de protesto?

O entêrro do major Vaz, como o de Moreira, foi um atestado de vitalidade — a funda vitali-

DO MAJOR VAZ



● O major Rubens Florentino Vaz nasceu nesta capital, em 17 de março de 1922, tendo iniciado a carreira militar em 1º de abril de 1940, graduando-se aspirante aviador em 21 de agôsto de 1943 pela Escola de Aeronáutica dos Afonsos. Foi promovido a 2º tenente em 22 de abril de 1944 e a 1º em 20 de agôsto de 45. Capitão aviador em 47 e, finalmente, major em 53. Tinha o curso de «Air Training Command» dos EE.UU. e o curso de Tática Aérea de Cumbica. Serviu no Correio Aéreo Nacional e possuía as medalhas de Aviação e Atlântico Sul.

FÔRÇA DE SEU APOIO E DE SUA CÓLERA DESENCADEADA E INVENCÍVEL? (Fotos de ARNALDO VIEIRA)

dade do povo carioca. Conta-se que na praça Paris quiseram conduzir o corpo ao Catete. Esperavam sem dúvida que olhos contristados e cheios de remorso espiassem de longe o resultado de uma política escusa. Mas o ato silencioso e eloqüente não foi levado a efeito porque alguém lembrou que isto seria um desacato à autoridade — e êles não se achavam ali para desacatar ninguém. Assim, o entêrro prosseguiu lentamente pelas ruas junto ao mar.

OUTRAS HOMENAGENS

Mas não era só o povo que acompanhava a carreta do major assassinado. Políticos, jornalistas, oficiais de tôdas as armas, o brigadeiro Eduardo Gomes, o representante da casa militar da Presidência da República, sacerdotes, gente de tôda espécie. Como o entêrro de Moreira, transcendia êle o nome do morto, para elevar-se a um símbolo tocante e eloqüente — era um marco distinto da luta contra fôrças reacionárias, era uma demonstração de fé de todo um povo ferido e ultrajado nos seus brios de gente livre. Alguém, à altura do Senado, desatou uma faixa com letras pretas, na qual se lia a frase do brigadeiro — «Para honra da Nação, esperemos que êste crime não fique impune». Era isto exatamente o que significava o silêncio de tôda aquela multidão desfilando pela Avenida Beira Mar, e mais do que por ocasião do entêrro do



21 tiros, a salva dos heróis mortos, despediram-se do major que baixava o túmulo. Foi uma das mais comoventes cenas das tantas verificadas na necrópole, tôda ela pequena para conter o povo.



Esta fotografia em que a senhora Lygia Figueiredo Vaz, viúva do major Vaz, aparece na companhia dos seus quatro filhos (Maria Cristina, Rubens, Ronaldo e Rogério) foi tirada pelo próprio major Rubens Florentino Vaz poucos dias antes do estúpido e covarde atentado no qual pereceria.

repórter massacrado, havia um sintoma de nítida revolta, um vento contido e calado que poderia irromper a qualquer hora.

NO CEMITÉRIO

Amparado por soldados da Aeronáutica, Carlos Lacerda, a vítima visada, compareceu ao Cemitério. Sua presença foi impressionante, e abraçou-se a êle a viúva, confundindo suas lágrimas. Todos se sentiram tocados pela grandeza do momento. Os discursos, as palavras, os votos e os juramentos, não tinham a fôrça e nem o ímpeto daquele simples momento. Todos lembravam não só a vítima de insanáveis ódios políticos, mas o moço abatido no apogeu de sua carreira, o pai de quatro filhos que ficavam órfãos, o marido que abandonava uma espôsa ainda menina. Todos compreenderam o significado daquele minuto e houve uma pausa longa, durante a qual todos os olhos se nublaram.



O ataúde do major da Aeronáutica Rubens Florentino Vaz, envôlto na bandeira brasileira é conduzido ao jazigo perpétuo da família Vaz.



Diante do túmulo do major, o brigadeiro Eduardo Gomes dá a última despedida ao companheiro brutalmente sacrificado na rua Toneleros.



Após a missa do major Vaz, populares improvisaram um comício ao lado da Candelária. Vários deputados usaram da palavra, e um dêles foi o senhor Tenório Cavalcânti, que é visto neste flagrante no momento em que perorava.

A guerra ia começando na Cinelândia

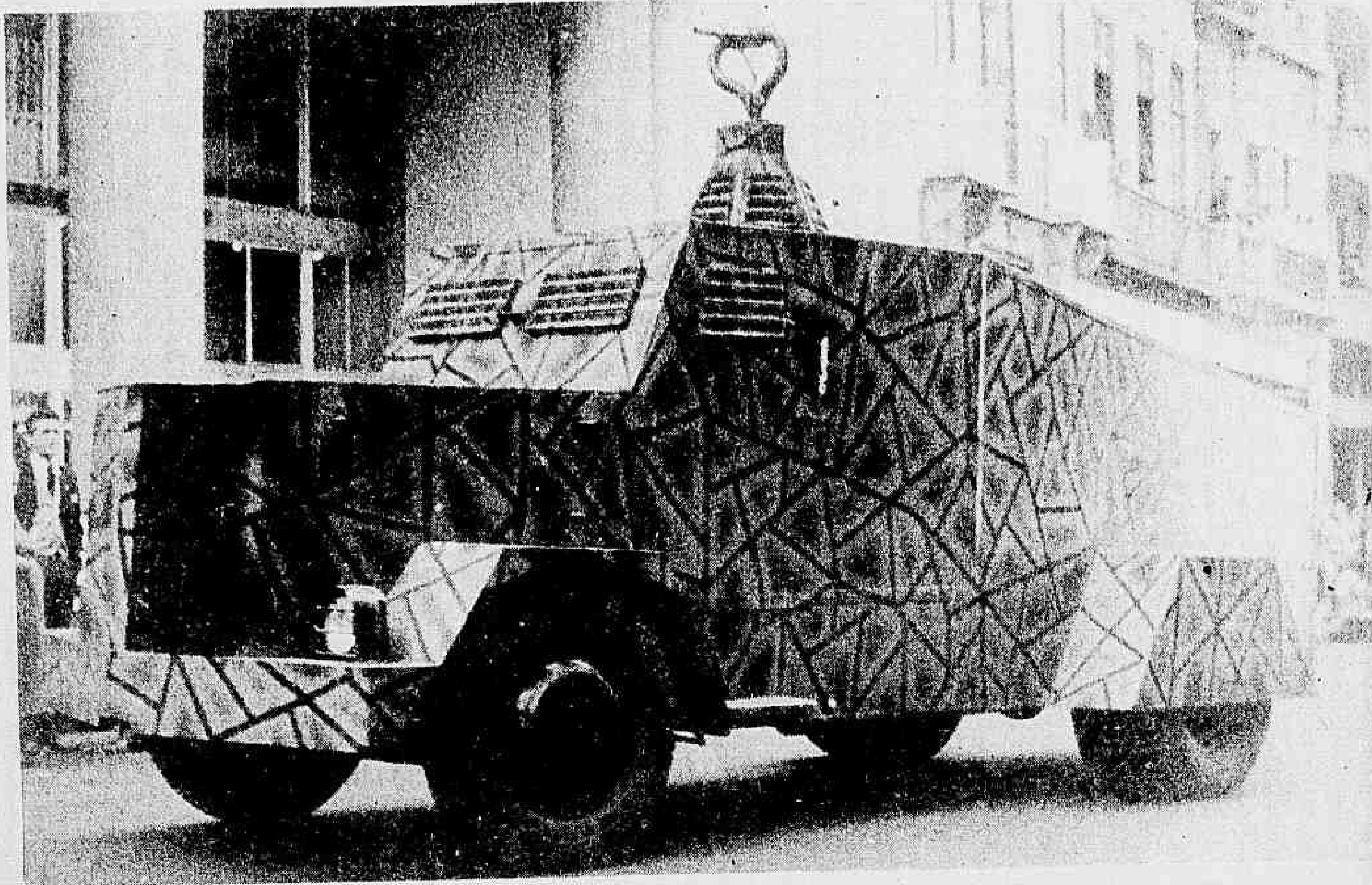
O FRACASSO DO "BRUCUTU" AFOGOU A REVOLTA EM GARGALHADAS

ENTRE ÀS 11 HORAS DA MANHÃ E VINTE DA NOITE (DO DIA 11) O CENTRO DA CIDADE (AQUI NO RIO DE JANEIRO) VIVEU INSTANTES GRAVES; MAS TUDO ACABOU BEM ★ BALANÇO DA TARDE: QUATRO FERIMENTOS LEVES E UMA APOSENTADORIA (A DO SR. LOURIVAL FONTES).



O DRAMÁTICO ENCONTRO DE D. JAIME CÂMARA COM O SR. GETÚLIO VARGAS

O fracasso...



O «Brucutu», em cujas virtudes repressivas a Polícia acreditava, fracassou. Não molhou ninguém.

● Às 11 horas, em frente à Candelária, quando da missa do 7º dia pelo passamento do major Vaz, verificam-se os primeiros atritos entre populares e a polícia.

● Ao meio-dia, nas proximidades do Teatro Municipal, um carro de propaganda eleitoral do PTB é atacado por populares e incendiado.

● Anuncia-se a prisão do vice-chefe da guarda pessoal de Vargas, investigador João Valente de Souza.

● Carlos Lacerda pede: «Sai do poder, Getúlio Vargas, se queres ainda merecer algum respeito como criatura humana, já que perdeste o direito de ser acatado como chefe do Govêrno».

● Às 18 horas, estão inflamadíssimos os ânimos na Cinelândia, na Galeria Cruzeiro e na Av. Rio Branco. Improvisa-se um comício relâmpago nas escadarias do Teatro Municipal. Chegam os primeiros choques policiais, constituídos por elementos da P.E.

● O povo ameaça invadir a sede do Partido Trabalhista Brasileiro, no edifício São Borja. Faz a sua aparição o «Brucutu», o carro-tanque da polícia. Mas, abertas suas comportas e assestadas suas mangueiras contra o povo, o mecanismo falhou, e o que se teve foi um modesto jato de menos de dois metros — situação embaraçosa que o povo recebeu com apupos.

● Às 19 horas a exacerbação é maior. Um choque da P. E. faz carga contra os manifestantes. É ocupada bèlicamente a rua Alvaro Alvim. Ouvem-se explosões de bombas lacrimogêneas, registram-se os primeiros feridos.

● 19,30: nova carga policial. O povo começa a dispersar. Um pelotão da Polícia Militar, que chega à praça Floriano, é recebido com aplausos pelo povo. A situação parece normalizada. Noticia-se que a Divisão de Ordem Política e Social fêz várias prisões. O jornalista Carlos Lacerda, avisado dos distúrbios, comparece à sede do MNP, e de uma das suas sacadas, na praça Floriano, pede ao povo calma e disciplina. É demoradamente ovacionado, mas há ainda quem grite: «Ao Catete! Ao Catete!»

● Às 20 horas, no entanto, a calma reina absoluta. E os feridos que foram transportados ao Pronto Socorro, estão todos passando bem: uma senhorita cortou o dedo indicador, um cavalheiro arranhou o nariz e um outro, quando corria, tropeçou e torceu o calcanhar.

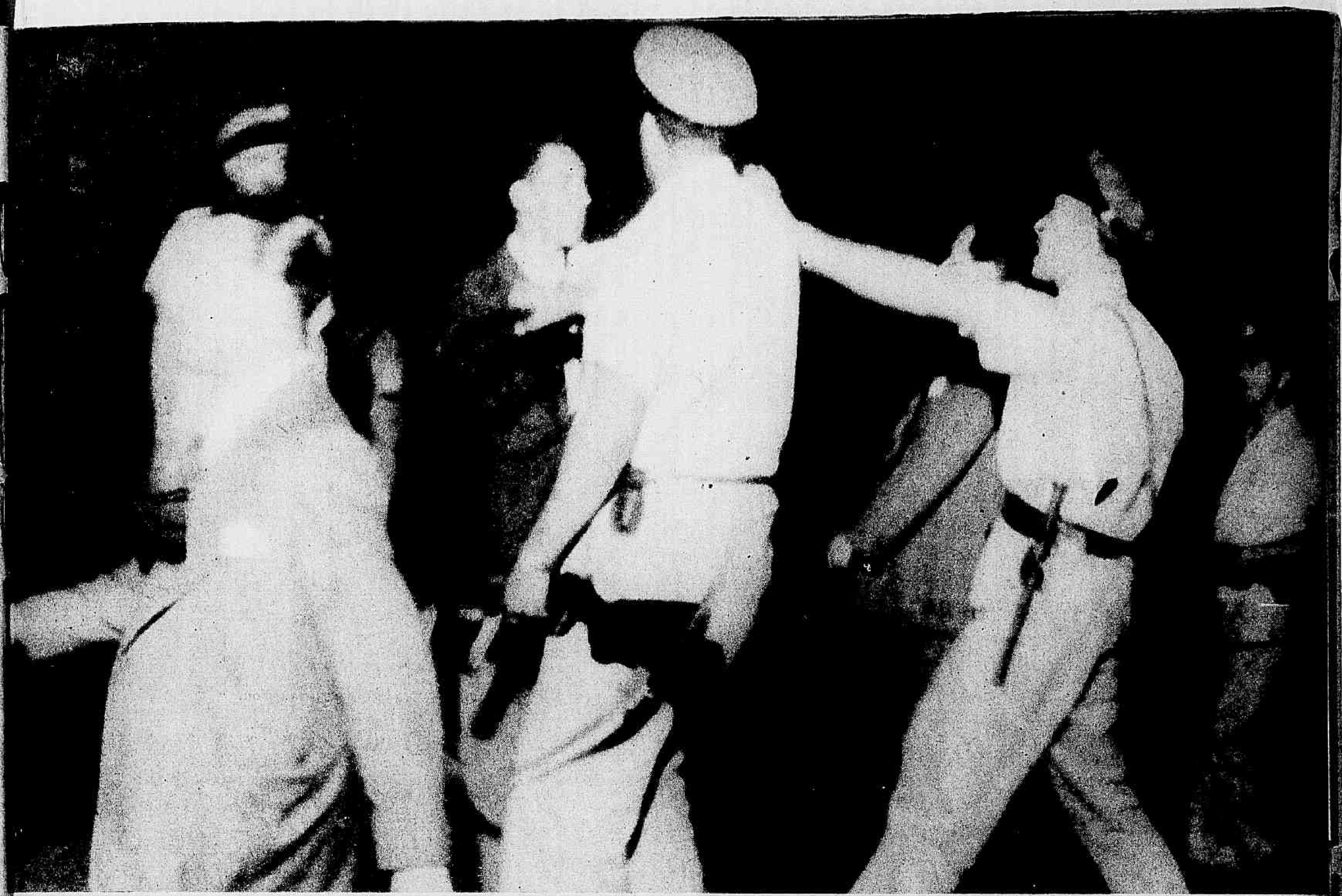
● Oito e meia da noite, rendido e frustrado, retira-se melancòlicamente o «Brucutu», cuja estréia foi, para a polícia, de matar de vergonha.

● Em meio à ardente confusão cívica, surgem nomeações e demissões: o major Almir Jansen é o novo chefe do gabinete do chefe de Polícia; o coronel Alvaro Alves de Sousa substitui o delegado Brandão Filho na Divisão de Ordem Política e Social. Cuidadoso, o dr. Lourival Fontes aposenta-se no cargo de procurador da Prefeitura (33 mil cruzeiros), deixa o seu lugar para o sr. José Egídio de Oliveira que, por sua vez, deixa o seu (advogado da Prefeitura) para o sr. Genolino Amado, diretor da «Agência Nacional».

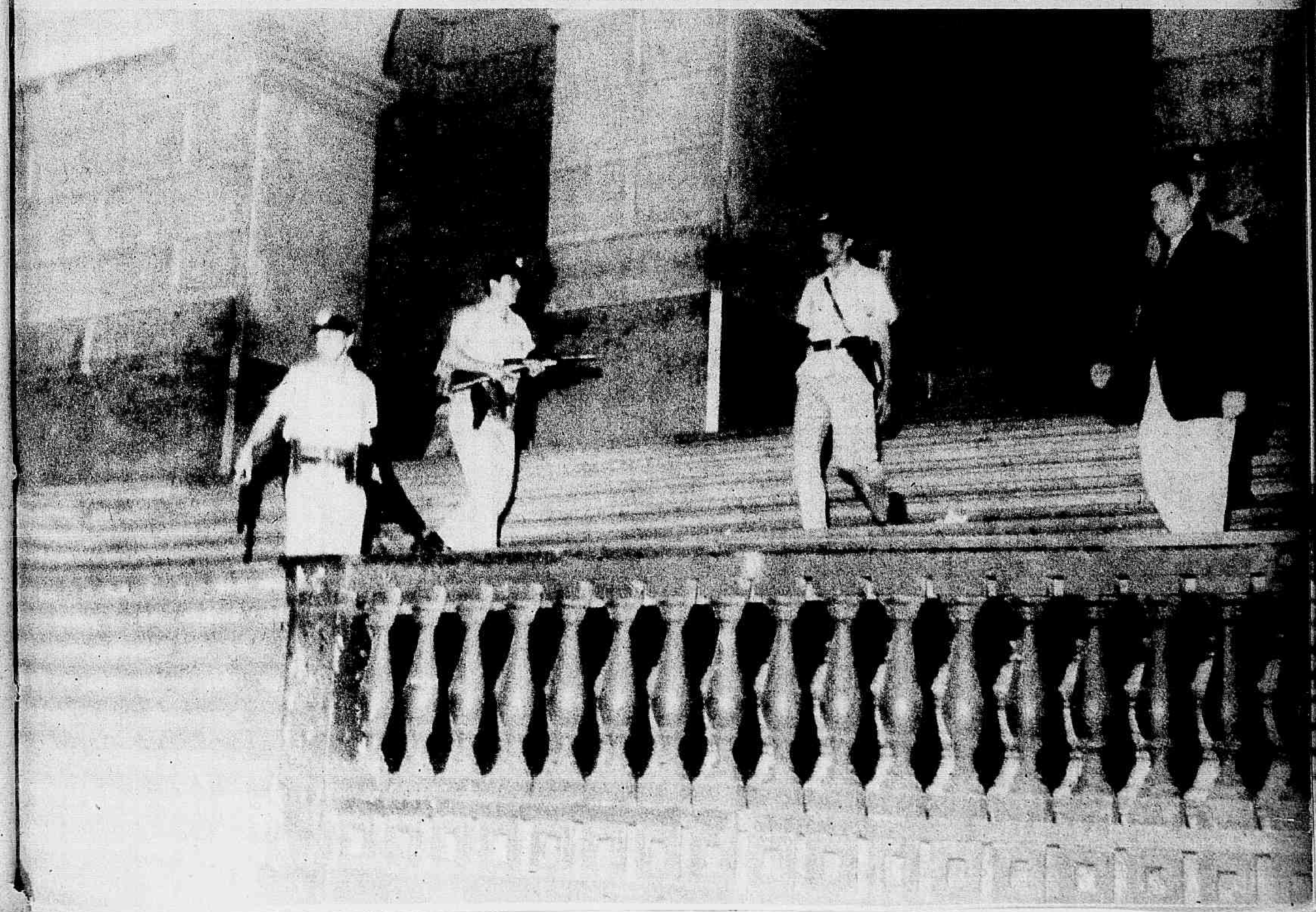
● Às 20 horas, no Catete, Vargas telefona ao governador Kubitschek: «Vou de qualquer maneira!» (Trata-se da viagem do Presidente a Belo Horizonte, para a inauguração da primeira fase das Usinas Mannesmann). E foi.



Na tarde do dia 10 de agôsto, o coronel Paulo Tôrres substituía o general Armando Âncora na Chefia de Polícia. E vinte e quatro horas depois tinha que enfrentar os primeiros sérios problemas.



A intervenção da P. E. foi, como sempre, sem piedade



ÚLTIMO FLASH



MASSA HUMANA NA MISSA DO MAJOR VAZ

● Perto de cinco mil cariocas tentaram, na manhã do dia 11 último, penetrar na Candelária, onde, oficiada pelo cardeal D. Jaime Câmara, a missa de 7º dia pela alma do major Florentino Vaz foi rezada em três altares distintos da catedral metropolitana. Já muito antes do início da comovente cerimônia, a ampla igreja achava-se completamente lotada; e, lá fora, a multidão compacta enchia um longo trecho da Av. Presidente Vargas e das outras artérias vizinhas. Também autoridades as mais graduadas, bem como personalidades representando tôdas as classes, compareceram à Candelária, destacando a presença do general Zenóbio da Costa, do marechal Mascarenhas de Morais, do ex-Presidente marechal Eurico Dutra, do brigadeiro Eduardo Gomes, do general Juarez Távora, do ministro Nero Moura, general Canrobert Pereira da Costa, general Cordeiro de Farias, brigadeiros, políticos, etc. Os instantâneos acima são da cerimônia e mostram o cardeal D. Jaime Câmara, quando oficiava a missa, e um aspecto do exterior da Candelária inteiramente tomado pelo povo. Noutros flagrantes, aparecem ainda a viúva do major Vaz, em atitude contrita, quando da cerimônia, e ainda o general Zenóbio da Costa quando chegava à igreja sob os aplausos da multidão.







Passava o dia rodeado de gente e à noite de médicos. Comia vidro na rua.

Um sujeito pobre é o que mora numa cabana na beira do rio e passa o dia pescando. Um sujeito rico é o que passa o ano inteiro dentro de um escritório para poder passar uma semana numa cabana na beira do rio para pescar.

NÃO COMPREENDO...
...porque quando a gente empresta dinheiro toma nota num papelzinho e quando pede emprestado sempre se esquece de anotar.

CUCO

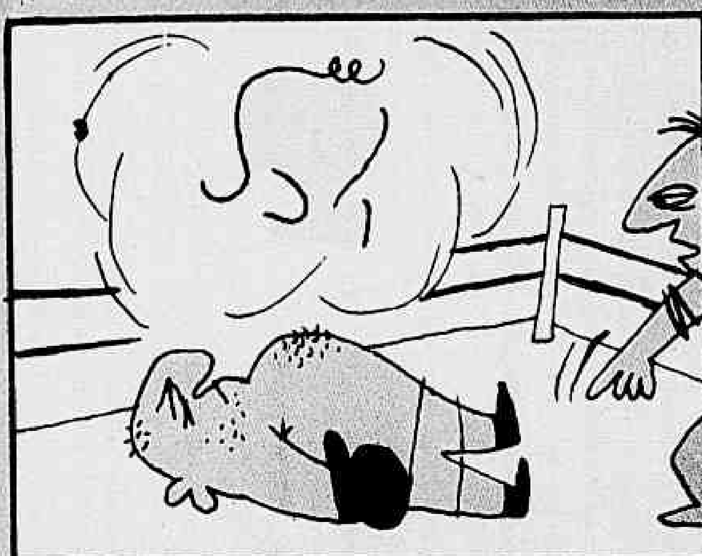
Uma seção meio pancada

leon eliajab

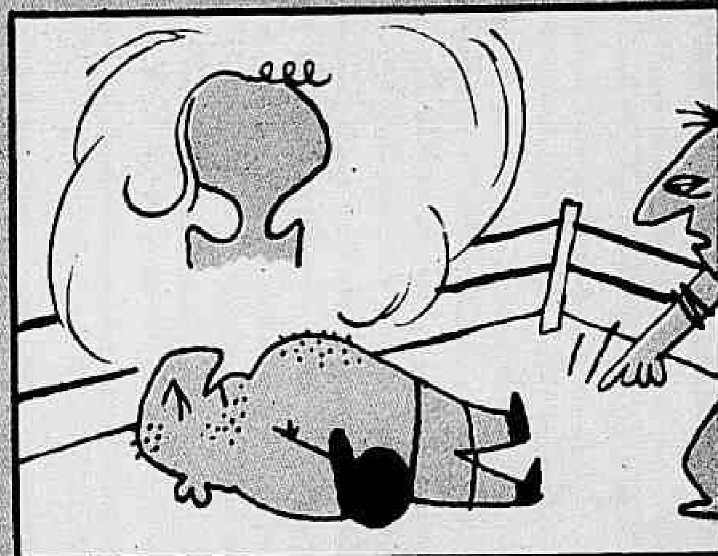
Assinatura do autor, num ring de box.

Ilustrado por PIQUI'

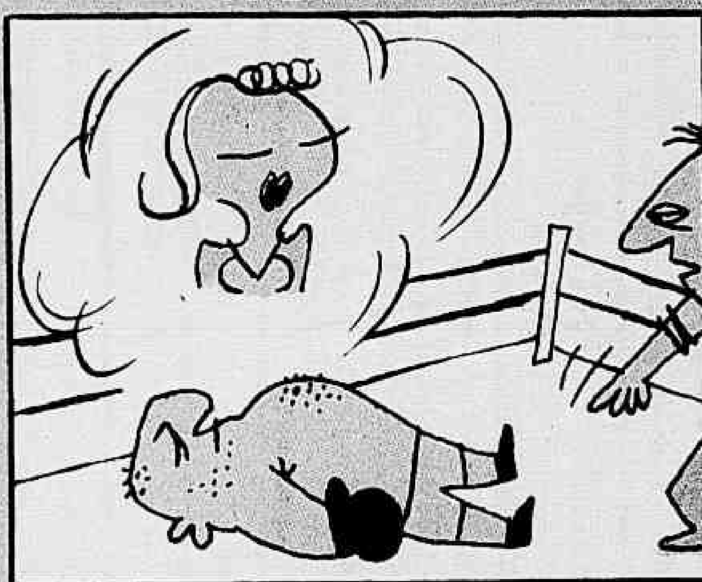
10 segundos NA VIDA DE UM BOXEUR



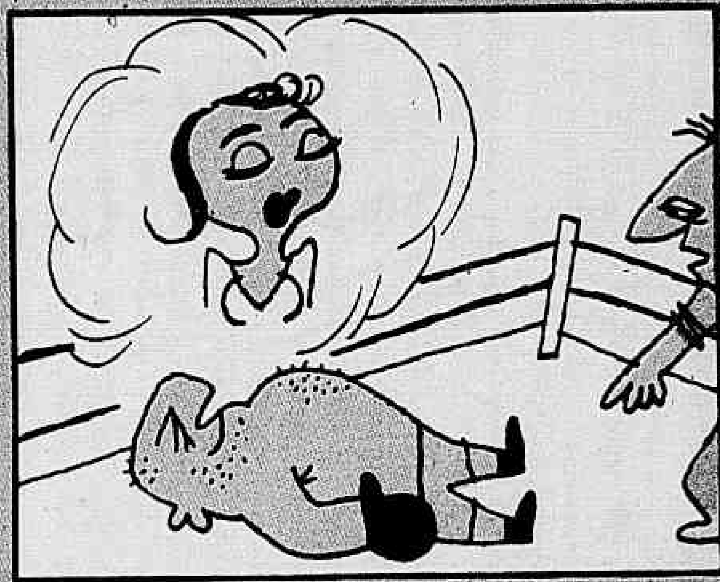
JUIZ: Um...



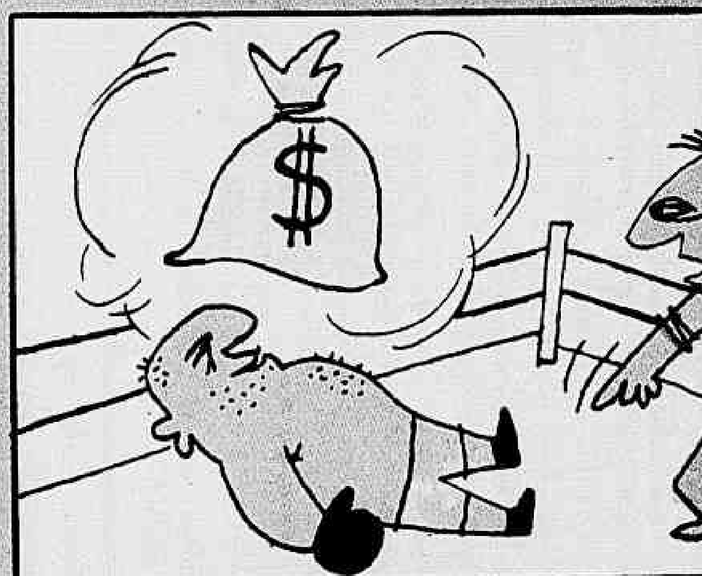
... Dois ...



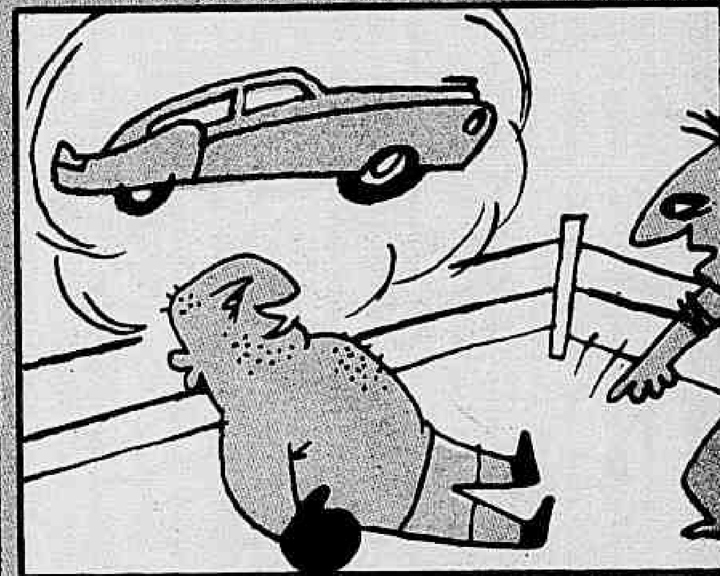
... Três ...



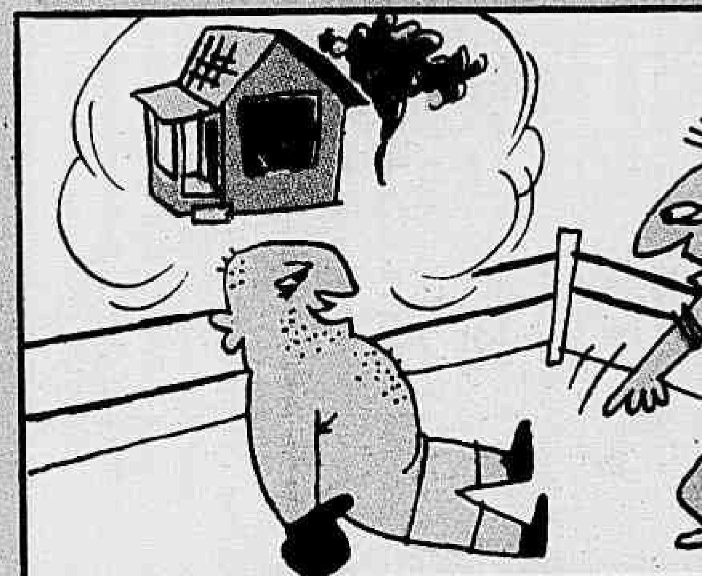
... Quatro ...



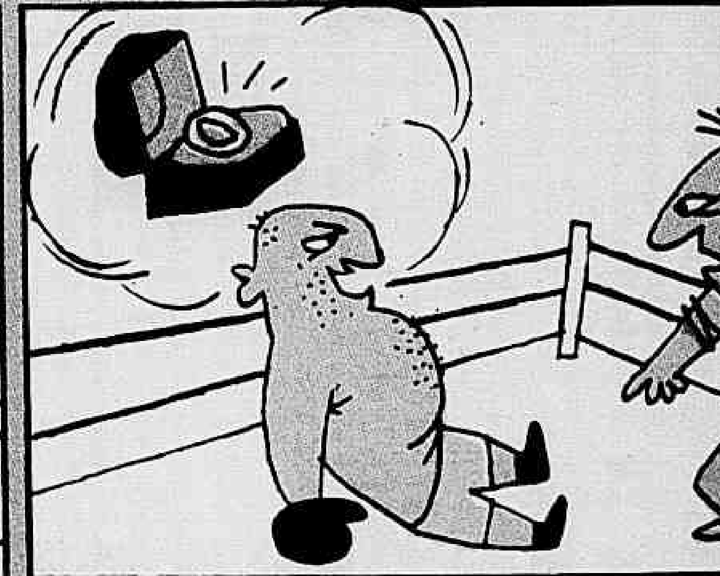
... Cinco ...



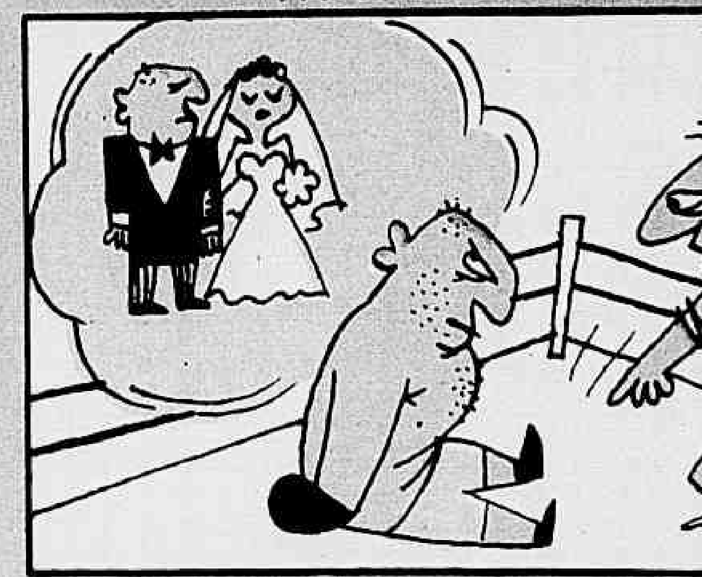
... Seis ...



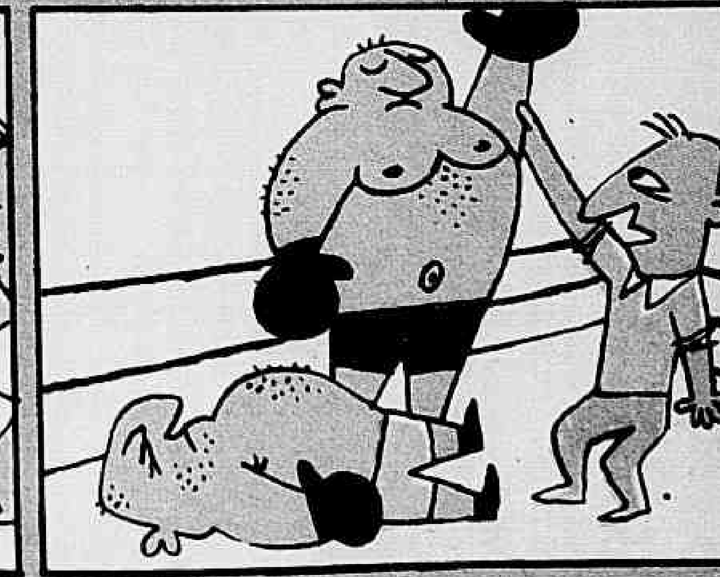
... Sete ...



... Oito ...



... Nove ...



... Dez.

PONTOS DE VISTA

IDADE é isso que a gente gasta todo dia um pouquinho.

●

FÃ é êsse sujeito que pede um autógrafo a um artista e em troca lhe rasga a roupa.

●

TINTUREIRO é um equilibrista que anda montado numa bicicleta com um cabide de um lado e um ônibus do outro.

●

RASCUNHO é isso que a gente escreve cinco vêzes de forma diferente em cima do mesmo papel e quando vai passar a limpo não sabe mais o que queria dizer.

Tic-Tac

(PIADAS À MINUTA)

Um automóvel novo nos leva para casa: um velho nós é que temos de levar.

●

Ela virou as costas a tempo de pegar ainda um restinho do olhar dêle.

●

Nunca a polícia resolveu tão bem um caso como o «crime do arquivista». Mandou arquivar o processo.

●

Estava casado há mais de 20 anos, mas nunca deu um bom-dia à sua espôsa. Só se encontravam à noite.









Há mais de 50 anos a Goiabada marca PEIXE tem a preferência nos mercados, porque é fabricada com as melhores goiabas, rigorosamente selecionadas para manter o seu verdadeiro sabor conservando todos os valores vitaminosos.

PEIXE

Produto das **INDÚSTRIAS ALIMENTÍCIAS CARLOS DE BRITO S. A.** ★ RECIFE — RIO — SÃO PAULO — MINAS